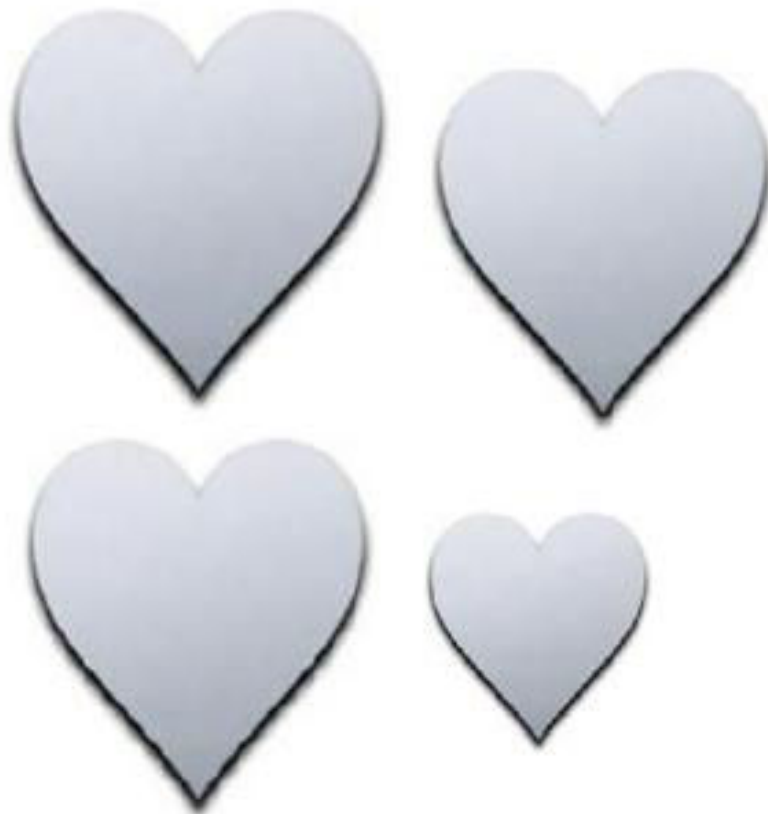


O CURIOSO CASO DOS QUATRO



M.P. GARCIA

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

M.P. GARCIA

O CURIOSO
CASO DOS QUATRO

2009

SINOPSE

Chris é um jovem de vinte anos que após perder sua namorada acaba conhecendo Luiz, um cara intrigante, com uma namorada histérica e uma família de malucos. Essa nova amizade acaba mexendo com seus sentimentos, transformando-os em uma conturbada paixão. Porém, Chris acaba se apaixonando também por Bruna a misteriosa irmã de Luiz. Confuso acerca de seus sentimentos ele passa a viver um arriscado romance bissexual com os dois irmãos. *O Curioso Caso dos Quatro* poderá chocar alguns leitores com seu conteúdo erótico realístico, mas não poderia ser diferente, pois se passa num mundo onde os jovens parecem não ter limites; onde sexo, amor, preconceitos e imaturidade se misturam para criar uma história envolvente e dramática.

G164c

Garcia, M.P.

O curioso caso dos quatro / Maikon Patrick Garcia. –
Londrina: Ed. Autor, 2009.

Registrado no EDA – Fundação Biblioteca Nacional – 2009

1. Romance brasileiro – Bissexualismo. I. Título.

CDD: B869.3
CDU: 869.0(81)-31

ÍNDICE

- Capítulo 01 — no bate-papo
- Capítulo 02 — a ligação
- Capítulo 03 — a meia-festa
- Capítulo 04 — o quarto de Luiz
- Capítulo 05 — conselhos de um amigo
- Capítulo 06 — pedido de namoro
- Capítulo 07 — festa na piscina
- Capítulo 08 — o beijo na chuva
- Capítulo 09 — expulso de casa
- Capítulo 10 — fomos parar no hospital
- Capítulo 11 — o perdão
- Capítulo 12 — muitas explicações
- Capítulo 13 — o tiro
- Capítulo 14 — a fama
- Capítulo 15 — perdendo dinheiro
- Capítulo 16 — a melhor festa de nossas vidas
- Capítulo 17 — não adianta insistir
- Capítulo 18 — o canalha e o entregador de pizza
- Capítulo 19 — você me mata de vergonha
- Capítulo 20 — despedida de solteira
- Capítulo 21 — festa da Bruna
- Capítulo 22 — não devia ter feito isso
- Capítulo 23 — duas alianças
- Capítulo 24 — seu futuro está nas cartas
- Capítulo 25 — a última escolha
- Capítulo 26 — Dayana indecente
- Capítulo 27 — ela não é linda?
- Capítulo 28 — nós quatro?

“Estava tão mal que acho que tive febre. Já era noite quando abri a janela da sala e fiquei olhando para o céu estrelado, juro que se pudesse queria ter todas as estrelas para mim...”

CHRISTOPHER RODRIGUES

Personagem Principal
O Narrador

"Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é."

Caetano Veloso

CAPÍTULO UM *no bate-papo*

Não sei ao certo o que me levou a entrar na sala de bate-papo naquela madrugada, talvez fosse pela raiva que eu estava sentindo da Natália que havia terminado o nosso namoro de quase um ano sem ao menos dizer o motivo, ou talvez porque eu estava com uma baita insônia e não conseguia dormir, ou então, eu apenas estava começando a ser quem eu realmente lutava para não ser. — Na verdade acho que era tudo isso junto...

Entrei no de bate-papo de minha cidade, quem sabe não conheceria alguma garota bacana e sem as frescuras da Natália. Apesar de que a maioria das garotas das salas de bate-papo são homens que usam *nicks* femininos e pegam fotos de garotas para zoar com a cara dos trouxas. Mesmo sabendo desse risco resolvi tentar a sorte. Como estava sem criatividade para escolher meu *nick* coloquei a primeira coisa que veio em minha mente “São Nunca 20”.

Só pelo tipo de papo de algumas garotas dava para perceber que não eram garotas de verdade, ou se eram, seriam as mais safadas que existem. Um detalhe fundamental para saber se as garotas são realmente garotas é pedir para ligarem a webcam, se recusarem ou disserem que não tem webcam tá na cara que são homens. No entanto, acho isso normal, porque um dia eu também me passei por uma menina e enganei alguns tontos.

Teclei com pelo menos duas garotas de verdade naquela noite — um verdadeiro recorde —, uma tal de Bianca que era muito nova, tinha só treze anos, e eu não era pedófilo. A outra até me interessou, chamava-se Aryane, vinte e seis anos, uma morena exótica coisa linda de se ver, entrou logo pedindo para ligar a webcam, depois começou a se acariciar para mim — que delícia —, meu pinto começou a fazer volume na calça. Mas tava na cara que era uma garota de programa, e eu não queria pagar por sexo, portanto deixei ela se exhibir para mim até não aguentar mais e começar a bater uma punheta. Em seguida ela perguntou se eu estava afim de uma transa real e disse que estava me esperando em seu apartamento já toda molhadinha. — Que vadia safada! — pensei olhando aqueles melões colossais na tela do computador.

Então ela desligou a webcam, e me deixou numa situação de extrema excitação.

“Acabou sua amostra grátis, gato! — digitou ela — Se vc quiser experimentar o q acabou de ver me ligue”.

Vontade de experimentar não me faltava. Só que nunca havia estado com uma garota de programa antes, e resolvi que não seria diferente agora.

Continuei conversando com várias pessoas, até que um *nick* bem diferente entrou na sala e me chamou atenção.

“E aí, blz” — digitei.

“Blz cara e vc?” — respondeu TotalFlex 22.

“pq esse nick?” — perguntei.

“ahh cara, sou que nem carro TotalFlex, funciono com álcool ou gasolina, e vc?”

Respondi com os sinais de risos “rsrsrsrsrs”.

Acabava de crer que ali naquele bate-papo só tinha loucos; então comecei a me preparar para desligar o computador, pois finalmente o sono parecia ter chegado e meus olhos já ardiam de tanto ficar na frente daquele monitor.

“E vc cara é TotalFlex?” — digitou ele.

Respondi que um pouco, pois já tinha tido algumas experiências anteriores; então continuamos conversando só para ver até aonde aquele papo iria.

Foi bem mais longe do que eu imaginei. O nome do indivíduo era Luiz Gustavo, tinha 22 anos e uma namorada de 23. Apesar do cara ser um tanto quanto esquisito eu estava gostando de teclar com ele, pois parecia ser muito simpático e divertido. Até deu alguns conselhos para eu tentar reatar o meu namoro com a Natália.

Já eram quatro horas da madrugada quando me despedi de Luiz Gustavo, e para não perder contato comigo ele me pediu o meu telefone, para não desfazer pedi o dele também. Não pensei em ligar pra ele e nem achei que ele fosse me ligar, dei o telefone apenas porque gostei de seus conselhos e não queria ser indelicado, aliás, ele tinha umas dicas muito boas para reatar um relacionamento — e a maldita da Natália não saía de minha cabeça — e eu precisava tentar pelo menos uma reaproximação dela, pois eu gostava daquela infeliz, apesar dos pesares.

Saí do bate-papo e ao invés de ir dormir eu entrei num site pornográfico, pois tinha que terminar o que a Aryane tinha começado. Busquei fotos de mulheres parecidas com aquela morena exótica, foi uma loucura, imaginei eu no apartamento dela me saboreando daquele corpo maravilhoso. Não demorou para que eu gozasse, em seguida levantei e fui ao banheiro me limpar, depois voltei para minha cama.

CAPÍTULO DOIS

a ligação

No domingo acordei por volta das três horas da tarde, queria ficar mais um pouco na cama, mas já estava quase na hora do jogo e eu não perderia por nada. Apesar de torcer pelo Coritiba eu não morava mais em Curitiba, pois tinha vindo para Londrina cursar filosofia, e morava com o Marcelo num apartamento próximo ao centro.

Não sei por que, mas depois que li alguns livros comecei a entender um pouco dessa tal filosofia, e, como lá em Curitiba não tinha esse curso resolvi vir morar em Londrina para estudar — na verdade mesmo, eu queria era morar sozinho em outra cidade — no início foi difícil convencer meu pai que a filosofia era a minha vida, ele queria que eu fosse médico ou advogado, mas eu queria ser qualquer coisa desde que não tivesse que estudar por lá. Cheguei aqui no ano passado e logo fiquei amigo do Marcelo do terceiro ano, foi ele quem me propôs dividir os gastos do apartamento. Eu não trabalhava e meu pai era quem me enviava uma mesada mensal, ou se preferir, ajuda de custo para suprir minhas necessidades — e desnecessidades também.

Eu estava na cozinha tomando suco quando o Marcelo saiu do quarto dele.

— *Acordou agora, Marcelo?*

— *Que nada, Chris. Acordei cedo.*

— *Marcelo, você vai sair hoje?*

— *Vou sim, tenho que ir na casa da Michele, vai ter um jantar lá com os parentes dela, e ela quer que eu vá de qualquer jeito. — Você quer ir conosco?*

— *Valeu, mas vou ficar por aqui mesmo, não vou segurar a vela de vocês.*

— *Chris, você sabe que a família dela te adora, e você é meu amigo, não vai atrapalhar nada!*

— *Marcelo, fala pra Michele que outro dia eu aceito jantar na casa dela, eu não estou muito a fim de sair de casa hoje.*

— *É por causa da Natália que você tá assim, né?... Eu sei que é foda cara, mas vocês têm que conversar, não acaba um namoro assim sem uma razão lógica.*

Por mais que eu tentasse disfarçar eu estava muito triste, tudo por culpa daquela ingrata da Natália. Eu não sei por que ela havia terminado nosso namoro, pois estávamos nos dando tão bem um com o outro, e de repente ela me ligou e terminou comigo. Não deu chance nem de eu perguntar os porquês.

O Marcelo foi tomar banho e me deu um abraço, e disse para eu me cuidar.

Ele tinha vinte e cinco anos e era praticamente um irmão para mim. Sempre nos tratamos com respeito e carinho e nunca discutíamos, a não ser quando meu time jogava contra o dele, aí o apartamento ficava pequeno para nós dois. No demais, o cara era gente fina, não gostava de me ver triste e sempre me ajudava nos trabalhos da faculdade, não sabia o que seria de mim quando ele se formasse, pois ele ia terminar a faculdade e voltar para o Rio de Janeiro, e eu ficaria aqui sozinho por um ano.

Logo depois do jogo — que empatou — o Marcelo colocou a roupa “de sair” e veio se despedir de mim.

— *Chris, estou indo! Mas acho que volto antes das nove, pois amanhã começa a batalha e eu tenho prova, por isso quero ver se durmo mais cedo.*

— *Marcelo, vai com Deus! Se cuida.*

O Marcelo fazia estágio — na parte da tarde — no setor de RH de uma empresa lá da zona norte, e o coitado acordava seis da manhã de segunda à sexta para irmos para a universidade, depois voltávamos de tarde e eu ia dormir e ele trabalhar. Eu ficava em casa quase que o tempo todo e para compensar a falta do que fazer, sempre dava uma ajeitada na nossa bagunça — acho que era por isso que o Marcelo gostava tanto de mim.

Logo que ele saiu o meu celular tocou, nesse momento juro que senti uma queimação em meu peito e meus batimentos cardíacos subiram nas alturas, pois deveria ser a Natália — só ela e meus pais que me ligavam — mas infelizmente vi no identificador que não era ela.

Atendi o celular e logo me dirigi até a janela onde o sinal era mais forte e não falhava a ligação. Para minha surpresa era o maluco do Luiz Gustavo que eu havia conhecido no bate papo na noite anterior.

— *E aí Christopher, é você cara?*

— *Eu mesmo, beleza... Luiz Gustavo?*

— *Beleza, mas pode me chamar só de Luiz! — Então, falou com a mina lá? Natália o nome dela né?*

— *Então, Luiz, nem tive coragem de ligar pra ela ainda.*

— *Velho se você demorar a mina vai partir pra outra, pois se sabe que a fila anda!*

Eu sabia disso, na verdade pelo jeito que ela terminou comigo eu achava que a fila já tinha andado há muito tempo, e eu que não percebia por estar tão cego.

Continuamos conversando pelo telefone por vários minutos — Luiz era um cara bem descontraído —, até que ele me perguntou o que eu faria hoje a noite. Eu respondi que ficaria em casa mesmo. Então percebendo o meu desânimo ele me convidou para ir numa festa que tava rolando na casa dele. Disse que tinha umas garotas lá e que eu precisava me distrair um pouco. — Garotas!!! — essa palavra era mágica, eu estava realmente precisando de diversão. Aceitei seu convite, ele me passou o endereço, não era muito longe dali. Tomei um banho, me arrumei e fui.

CAPÍTULO TRÊS

a meia-festa

Chegando em frente da casa, logo percebi uma grande agitação, tinha vários carros e motos parados em cima da calçada e um som convidativo tocando *Rock* me encheu de coragem para entrar. A casa era bem grande, uma garagem enorme e toda pintada de azul turquesa. Parei de ver os detalhes da casa e comecei a pensar nas garotas, será que ali haveria alguma morena igual aquela Aryane do bate-papo? — era bem improvável.

Logo que encostei no portão veio uma menina de olhos azuis me atender. Eu disse que era convidado do Luiz. Então com um sorriso lindo ela abriu o portão para mim.

— *Prazer, sou Amanda, amiga do Luiz e da Bruna.*

— *O prazer é todo meu... Sou Chris.*

Amanda era uma gata, devia ter uns dezesseis ou dezessete anos, loira de cabelos longos, e estava usando um shortinho azul bem curto que definia muito bem aquela bundinha gostosa — essa é meu número! — pensei ao olhar para baixo.

Ela me levou até dentro da casa, pelo caminho foi me apresentando para a galera. Cumprimentei umas vinte pessoas — a maioria garotas — antes de finalmente a Amanda me apresentar ao tal Luiz.

— *Christopher meu camarada! Que bom que veio.* — disse ele me abraçando e me dando um beijo no rosto. Achei aquele beijo um tanto quanto esquisito, pois o único homem que me beijara no rosto até então era meu pai. Luiz era um pouco mais alto do que eu, tinha cabelos pretos e usava brinco nas duas orelhas.

— *O que você bebe?* — perguntou ele, me mostrando o freezer.

— *Pode ser uma cerveja!* — eu respondi.

Ele pegou duas latas, entregou uma para mim e depois me chamou para mostrar a casa e a galera.

No corredor central avistei uma cena um tanto quanto esquisita, duas meninas se agarrando e se beijando sem nenhuma vergonha. Luiz pediu licença para as duas moças empolgadas e ofereceu a elas o quarto da tal Bruna. Elas aceitaram e entraram no quarto.

— *Meninas, brinquem à vontade e não precisam ficar me esperando.* — disse o Luiz para as duas.

Em seguida ele abriu a porta de outro quarto.

— *Christopher, esse é o quarto dos meus velhos, eles viajaram para São Paulo e casa virou isso que você tá vendo.*

Dentro do quarto tive uma visão que encantou meus olhos, uma garota linda, de cabelo liso, preto e comprido e olhos castanhos claros, usava uma calça jeans bem apertada e uma mini-blusa branca que definia bem aqueles melõezinhos durinhos. Ela tinha um rosto perfeito, tudo em seu devido lugar e com devidas proporções.

— *Bruna, esse é o Christopher, um amigo meu!* — disse Luiz me apresentando a ela. Ela pegou em minha mão e eu não resisti e logo fui dando três beijinhos bem suaves em seu rosto.

— *Eu sou a Bruna, irmã desse mala aí!* — disse apontando para o Luiz — *Seja bem vindo à nossa festa! Se precisar de alguma coisa é só me chamar.*

Juro que na hora que ela falou aquilo eu quis dizer que precisava sim, precisava chorar minhas mágoas no colinho dela, e podia ser ali naquela cama mesmo.

Sáímos do quarto — que pena! — e o Luiz me apresentou o resto do pessoal, era um mais doido que o outro.

— *Aceita um chá, amigo?* — disse um carinha que estava próximo de duas gatinhas enrolando um cigarro.

— *Valeu, Boi, fica pra outra hora.* — respondeu o Luiz por mim.

Ao passarmos pela sala de jantar ele abriu a porta dizendo que ali era o seu quarto. Lá dentro tinha outra garota dormindo em cima da cama de casal — esse lugar é o paraíso! —, ela levantou-se no momento que Luiz acendeu as luzes.

— *Cara eu vi o jeito que você secou minha irmã — essa aqui pode tirar o olho que é minha namorada...*

Luiz saiu de perto de mim e deu um pulo em cima da cama, abraçando a garota loira que ainda tentava se adaptar à luz.

— *Carol, esse é meu amigo, Christopher!*

Eu me aproximei dela e a cumprimentei com um aperto de mão.

— *Pode me chamar só de Chris!* — não sei por que disse isso, não tinha intimidade nenhuma com a garota.

— *Prazer eu sou Caroline, de onde você conhece o Luiz Gustavo?* — indagou ela a mim, parecia que estava se preparando para uma guerra.

— *Calma meu amor, o Luiz é um amigo que conheci no bate-papo.* — disse ele tentando amansar a fera.

Em seguida ela pediu licença, saiu do quarto e disse que iria tomar um banho.

— *Liga não Chris, ela é assim mesmo!*

Quando ela saiu eu percebi que mudaram a música, saiu o Rock e começou um Dance.

Olhei para o Luiz, ele ainda estava deitado na cama, seu quarto, por ser de um cara louco, estava todinho arrumado, bem ao contrário do meu que era um caos total.

Ele levantou-se e fechou a porta dizendo que o som estava chato. Voltou e pulou novamente na cama.

— *Senta aí Christopher, relaxa um pouco cara.*

Sentei na beirada da cama — o colchão era muito bom — tomei um gole de cerveja e comecei a bater levemente na latinha.

— *Então você é o TotalFlex?* — perguntei para o Luiz, que continuava deitado na cama.

— *Sim, Christopher, eu mesmo!* — *Por que colocou o nick de São Nunca?*

— *Sei lá, acho engraçado!*

— *Luiz, você é bi mesmo?*

Ele respondeu que era. E na sequência me perguntou:

— *E como assim você diz que era um pouco?*

Fiquei com vergonha, então eu disse que já tinha me relacionado com alguns com alguns amigos quando eu era mais jovem, mas que desde então eu só ficava com mulheres.

— *Entendo! Mas...* — ele ia falar quando a Bruna entrou rapidamente no quarto.

— *Luiz, sujou!* — disse ela afoita.

— *O que aconteceu, Bruna?* — perguntou ele tirando a atenção de mim e passando para ela.

— *O pai me ligou e disse que ele e a mãe vão chegar no aeroporto daqui uns quarenta minutos.*

— *No aeroporto de São Paulo?*

— *Não. No aeroporto daqui!*

Luiz ficou branco, mais do que já era. Ele tinha aquele jeito maluco e de dono da festa, mas quando se tratava de seus pais a coisa mudava, ele e a Bruna sabiam muito bem o que os pais deles achavam de festinhas escondidas.

— *Mas que merda! — disse ele — Eles não iam ficar lá até na quarta?*

— *Pelo que eu entendi deu um problema com um dos sócios da empresa, e os eventos foram desmarcados. — Agora temos pouco menos de uma hora para dispensar todo mundo e limparmos a bagunça.*

Depois da trágica notícia, Luiz foi até a sala desligou o som e pediu a colaboração de todos para pararem de beber e ajudar a limpar a bagunça, dois caras que já estavam muito bêbados vaiaram ele. Contudo, ele nem deu atenção.

Em menos de quinze minutos só sobraram na casa eu a Bruna e o Luiz, os outros mal ajudaram a catar umas latinhas jogadas no chão e tirar o aparelho de som e foram todos embora. Até mesmo a Carol namorada do Luiz o deixou sozinho.

Bruna pegou uma vassoura e começou a varrer a casa numa pressa tremenda, Luiz arrumava a cozinha, e pediu para que eu fosse até os quartos verificar se tinha alguma sujeira espalhada pelo chão ou alguém morrendo de coma alcoólico.

No quarto de seus pais estava tudo OK, somente dei uma ajeitada na colcha da cama que estava meio bagunçada. No quarto dele estava tudo em ordem, mas foi no quarto de Bruna que tive a melhor visão daquela festa maluca.

CAPÍTULO QUATRO

o quarto de Luiz

As duas garotas do corredor estavam ali na cama peladas num sessenta e nove que dava água na boca só de ver. Logo meu pinto começou a ficar duro. O engraçado é que quando eu entrei, elas nem ligaram, continuaram a se lambar como se eu não estivesse ali.

Hunnnnn, um gatinho pra nossa festa? — disse a que estava na parte de cima.

Fiquei com vergonha, nunca tinha presenciado tal cena ao vivo. Era uma loucura ver aquilo, duas gostosas se lambendo e ainda me provocando. Tentei não ficar olhando para elas, pois não responderia por mim caso elas me chamassem de gatinho mais uma vez.

— Meninas, eu sinto muito mesmo, mas a festa acabou, os pais do Luiz estão chegando e ele pediu para todos se retirarem.

Mais que depressa elas começaram a se vestir, uma nem lembrava mais qual era sua calcinha, e pegou a da outra, que começou a reclamar. Elas se levantaram e uma delas ao passar por mim esfregou a mão no meu pau.

— Azar seu gatinho! — disse ela ao passar pela porta.

Fiquei parado e não tive reação, só pensava em buscar as duas de volta para brincar um pouco naquele quarto — *“malditos pais que sempre chegam na hora errada”* — pensei.

Voltei para a cozinha e ajudei o Luiz a arrumar a bagunça, depois fomos lá fora a recolhemos todo o lixo que a Bruna havia ajuntado. Terminamos por volta das nove e meia, e finalmente sentamos no sofá da sala para descansar.

— Seus pais são tão bravos assim, Bruna? — eu perguntei.

— São nada Chris, é que meu irmão vive dando festinhas escondidas e meu pai disse que se soubesse de mais alguma festinha iria cancelar a mesada dele por seis meses.

— Então meus amores, eu vou tomar um banho para esperar papai e mamãe bem limpinho e cheirosinho. — disse Luiz.

— Então, acho que já vou indo! — eu disse.

— Que nada rapaz, fica aí, você vai conhecer meus pais, são gente boa. — disse Luiz — *e melhor ainda, a Bruna te faz companhia, eu sei que você curtiu ela.*

O Luiz me deixou morrendo de vergonha perante a sua irmã, mas não disse nenhuma mentira, realmente eu curti aquela garota, e comecei pensar seriamente em ficar para conhecer meus futuros sogros.

Eu e ela ficamos sentados no sofá conversando, ela estava usando um tênis branco e rosa com uma meia bem curtinha, eu fiquei doido de vontade ver o que ela escondia por trás daquele tênis, pois eu era louco por pés.

Ela me disse que estudava direito e que estava solteira, pois gostava de liberdade. Eu particularmente amei quando ela me disse isso. Então disse a ela que acabara de ser abandonado pela minha namorada, e não sabia ainda o que ia fazer. Ela fez uma carinha de peninha e me disse:

— *Coitadinho, tão bonitinho e já levou um pé na bunda.*

— *Adorei a parte do bonitinho!* — eu disse olhando para ela.

Quando comecei a gostar da nossa conversa, pois a timidez inicial estava indo embora o Luiz apareceu na sala só de shorts, sem camiseta e descalço. Não pude evitar, disfarcei um pouco mais acabei olhando de relance para o seu pé, era grande e branco. O Luiz tinha um corpo bem definido, do tipo que faz academia, fazia tempo que não admirava pessoalmente o corpo de um homem tão bonito.

A Bruna saiu — que pena — e foi tomar um banho também, me deixando ali na sala com seu irmão praticamente nu.

— *Chris, você não quer tomar um banho?*

— *Que nada, valeu! Daqui a pouco vou ir embora.*

— *Você veio de quê?*

— *Eu vim andando, não moro muito longe daqui.*

— *Onde você mora?*

— *Moro num apartamento ali na Pio XII.*

— *Nossa Chris, é longe cara. Fica aí até meus velhos chegarem que depois eu te levo de carro.*

Resolvi aceitar, pois já estava tarde e era perigoso ficar andando por aí sozinho. E além do mais, eu estava gostando de ficar vendo ele ali só de shorts.

Senti meu celular vibrando, pedi licença para o Luiz e atendi; era o Marcelo, preocupado e querendo saber onde eu estava. Eu disse que estava na casa de um amigo, e que logo retornaria.

Acho que ele iria ficar chateado, pois eu havia recusado o convite para jantar na casa da namorada dele com a desculpa que não queria sair naquela noite.

Por algum motivo eu estava me sentindo bem ali com o Luiz e com a Bruna, eles eram bem diferentes da maioria dos meus amigos ditos como normais.

A Bruna saiu do banho com a toalha enrolada no cabelo, com um shortinho curto e uma blusinha de dormir, fiquei excitado quando vi aquele pezinho tão bonitinho, parecia com o do Luiz, só que numa forma menor e mais delicado.

Nós três estávamos comendo uma pizza meio emborrachada, quando ouvimos o barulho da campainha. Finalmente os pais deles tinham chegado.

Nós fomos até lá fora, eles estacionaram a caminhonete e a primeira coisa que o pai perguntou ao Luiz foi se ele não tinha dado nenhuma festinha surpresa. Ele com a maior cara de pau do mundo afirmou que jamais faria isso novamente. Eu me segurei para não rir. Logo fui apresentado ao seu Marcos e a dona Vera, eles realmente eram simpáticos, chego a pensar que se eles vissem aquela festa não iriam brigar de jeito nenhum com eles, e sim participar de tudo.

Era onze horas quando os dois pararam de reclamar do cancelamento do evento e foram dormir, desejando a nós três uma boa noite. Mais uma vez ficamos os três ali na sala, foi então que tomei coragem e perguntei aos dois:

— *Aquilo que vi no quarto é normal?*

— *O que você viu?* — indagou Bruna.

— *Aquelas duas meninas, sabe... estavam...*

— *Transando!* — disse Luiz.

Então a Bruna começou a rir, de certo achava que eu era muito careta.

— *Normal, Chris. Você não transa?* — disse a Bruna.

— *Não em público!*

Os dois riram mais ainda. Logo em seguida a Bruna saiu do sofá que estava e disse que iria ao banheiro, então ela saiu amaldiçoando as cervejas que havia bebido.

— *Chris, eu tenho que fazer um negócio ali no meu computador você não quer me ajudar?* — perguntou Luiz se levantando.

— *Vamos sim, Luiz!*

Ao entrarmos no seu quarto, ele fechou a porta com a chave e me empurrou carinhosamente na cama dele, eu estava morrendo de vergonha. Então ele percebendo apagou a luz. *“Era incrível imaginar como as pessoas perdem a vergonha quando estão no escuro”*. O Luiz se aproximou de mim e começou a passar a mão em minha coxa, eu estava me sentindo paralisado e não fazia nada. Ele tirou minha camiseta e começou a beijar meu peito, deixando sua saliva em cada pedacinho do meu corpo, sua língua entrou no meu umbigo, então não resisti e comecei a me contorcer de tesão. Ele tirou meu tênis e minha meia, e quando meus pés ficaram livres ele os beijava com intensa profundidade. Eu achava que só eu tinha essa tara maluca por pés, mas pelo visto ele também adorava.

— *Luiz você é louco cara, sua irmã tá ali na sala!* — eu disse baixinho pra ele.

— *Sim, sou louco por você loirinho gostoso.*

Depois de terminar o trato nos meus pés ele tirou minha calça, subiu com a língua lambendo minha perna inteira até começar a tirar minha cueca com a boca para em seguida abocanhar meu pau todinho. Nesse momento em que ele me chupava, nem me importei mais se a Bruna perceberia ou não, só coloquei a mão na cabeça dele e forçava-a contra meu pau, num movimento contínuo de vai e vem. Não demorou muito, então eu gozei, e senti naquela hora que todas as delícias do universo saíram de uma vez só pelo meu pinto — que loucura — mas mesmo assim ele não parou de chupar, até que o meu pau começou a amolecer. Ele acendeu a luz logo em seguida, eu coloquei minha roupa rapidamente, fiquei com mais vergonha ainda do que no início. Ele percebendo isso me perguntou:

— *Tudo bem, Chris?*

Respondi que sim, e tomei coragem para lhe dizer que aquilo foi muito gostoso. Em seguida abracei o corpo dele contra o meu. Senti que o pau dele tava duro feito uma pedra, mas eu não sabia se teria a mesma coragem que ele teve para acalmar o meu. Mas como aquele ditado diz: *“Se ta na chuva é pra se molhar”* e eu queria lembrar a minha juventude, eu resolvi deitar ele na cama e tirar seu shorts, o safado estava sem cueca. Ele tinha um pinto grande com uma cabeça bem volumosa, eu não pensei duas vezes e comecei

a chupá-lo, achei meio estranho o que eu estava fazendo, pois eu estava meio enferrujado para aquilo, achei que o gosto do pinto dele era bem mais gostoso que os outros que eu havia experimentado anteriormente, pois era de homem de verdade e não de moleques. Tinha o verdadeiro gosto de macho.

Depois de uns cinco minutos ele gozou na minha boca e no entusiasmo acabei engolindo toda a porra. “Bem que diziam, aquilo realmente tinha um gosto de alvejante sanitário”.

Ele me abraçou e ficamos os dois deitados naquele colchão maravilhoso.

— *Chris, pra quem está desacostumado você superou minhas expectativas!* — afirmou ele sorrindo.

— *Estava precisando disso, Luiz!*

— *Que bom. Sempre que precisar, pode contar comigo.*

— *Mas e sua namorada?*

— *Se ela me desse metade do prazer que você me deu hoje, juro que me casaria com ela amanhã mesmo...*

Ao sairmos do quarto vi que a Bruna estava no sofá, fiquei com vergonha de encará-la — será que ela sabia de alguma coisa?

— *E aí gente, o que aconteceu?* — ela nos perguntou.

— Nada! Estávamos apenas conversando assuntos de homens, não é Chris! — disse Luiz olhando para mim. “*Que conversa boa*” — pensei eu.

Ficamos no sofá por mais um tempo, até que eu pedi para o Luiz me levar porque já era muito tarde e eu acordava cedo para ir estudar. Me despedi da Bruna com um beijo em seu rosto, e percebi que uma forte troca de olhares aconteceu entre nós. Eu e o Luiz fomos na caminhonete do pai dele, pois o carro dele estava preso atrás da garagem. No caminho eu estava com tanta vergonha dele que não disse nada.

Chegando em frente do meu prédio a gente se despediu normalmente como dois amigos, então ele diz que me ligaria, eu concordei, agradei pela festa e subi para o meu apartamento.

CAPÍTULO CINCO

conselhos de um amigo

Já estava na universidade quando meu telefone tocou, achei que fosse o Luiz, mas para minha surpresa era a Bruna. Ela me disse que pegou o número de meu telefone com o Luiz e queria saber se eu estava bem, e se desculpar pela correria da noite anterior. Eu disse que não foi nada e que eu até me diverti no meio daquela confusão. Continuamos conversando. Então, quando eu encostei na parede do departamento eis que vejo a Natália do meu lado. Fiquei sem graça, não queria desligar o telefone, pois estava gostando do papo com a Bruna, mas minha ex percebeu isso.

A Natália ficou parada bem do meu lado, como se quisesse saber com quem eu conversava tão alegremente pelo telefone. Me despedi da Bruna mandando um beijo.

— *Oi, Chris.*

— *Oi, Natália.*

— *Você é rápido em Chris — mal terminamos e você já tá de conversinha com rabo de saia.*

— *Quer dizer, você terminou comigo, não é?*

— *Mas não sabia que você seria tão rápido assim...*

— *A fila anda!* — eu respondi por impulso, mas senti raiva — não devia ter dito isso.

Ela ficou furiosa e saiu — “cantando pneu” — indo em direção ao o seu centro.

— *Mulheres! Quem entende?* — perguntei a mim mesmo.

Dentro da sala o professor Eduardo tentava nos explicar sobre o mundo das ideias de Platão, pois pra Platão... dizia ele: “nossa realidade é apenas uma cópia imperfeita do mundo das ideias que segundo ele é o mundo das formas perfeitas e imutáveis”...

“*O Luiz e a Bruna são perfeitos e imutáveis*” — eu pensei.

Logo depois da aula encontrei com Marcelo, a gente comeu um lanche lá no campus e fomos até a biblioteca devolver uns livros. Depois fomos embora juntos — de ônibus. Já chegando próximos de casa eu tomei coragem para contar pra ele o que tinha acontecido na noite anterior, pois achava que por ele ser meu quase irmão iria entender e saber me

aconselhar. Ao terminar de contar tudo nos mínimos detalhes — menos os detalhes no quarto do Luiz — Marcelo parecia me olhar como se eu fosse um alienígena.

— *Chris, você endoidou cara! Te deram alguma droga pra você fazer essas coisas?*

Respondi que não, que apesar de não me achar homossexual tinha gostado de ficar com o Luiz.

— *Chris eu não acredito que só porque você levou um fora da Natália você já tá querendo queimar a rosca... Chris, isso é loucura!*

Então expliquei pra ele que eu sempre tive esse desejo por homens, desde que era pequeno, e que o trauma da separação mais o fato de ter conhecido o Luiz ajudou a reviver esse desejo que havia dentro de mim e que estava adormecido. Mas eu deixei bem claro para o Marcelo, que o via como irmão e jamais senti atração sexual por ele. Mesmo assim ele insistiu que eu estava louco, e até queria marcar um psicólogo para mim.

Talvez o Marcelo estivesse certo, e eu realmente tinha endoidado. Só sei que eu tinha gostado demais de ficar com o Luiz.

Já por volta das oito horas o Marcelo tinha acabado de voltar do estágio, então eu fui preparar o nosso jantar, teríamos hambúrguer com pão de leite e coca. Marcelo saiu do banho e, como sempre, estava sem camiseta, e antes de sentar-se foi atender o interfone que estava tocando.

Ele voltou e disse que era pra mim, eu perguntei quem era, e ele respondeu:

— *É o Luiz Gustavo, seu amiguinho de cama...*

Juro que meu coração pareceu enfartar na hora que ele disse aquilo. Estava muito ansioso e o dia inteiro passei esperando uma ligação dele, e agora ele estava lá embaixo me esperando.

— *Vocês marcaram alguma coisa, por acaso vocês tão namorando?* — perguntou Marcelo.

— *Claro que não! Ele apenas ficou de me ligar, além do mais ele tem uma namorada já.*

Marcelo com um pedaço de pão na boca chacoalhou a cabeça, como reprovando tudo aquilo.

— *Marcelo, você sabe que te considero meu irmão, por isso te contei tudo cara, posso confiar em você?*

Marcelo terminou de mastigar o pedaço de pão e olhou no fundo dos meus olhos e disse:

— *Chris, vai em frente cara! Se você tá feliz eu fico feliz também. Apenas se cuida amigo, não quero que você sofra... ahh, mais uma coisa... use camisinha beleza...*

— *Sabia que podia contar com você, Marcelo, muito obrigado meu amigo...*

Então lembrei de atender o interfone. Disse ao Sr. Domingos — o porteiro da noite — que já já desceria. Rapidamente troquei de roupa — não deu tempo para outro banho — e desci.

Luiz estava me esperando fora do carro, me cumprimentou discretamente, eu agradei ao Sr. Domingos e saímos.

— *Pra onde vamos, Luiz?*

— *Pra um lugar que você vai adorar!*

CAPÍTULO SEIS

pedido de namoro

Por volta da meia-noite chegamos numa casa com um muro gigantesco e um enorme portão marrom. Luiz pegou o celular e apenas disse: — *chegamos*. Então o portão começou a se abrir e pude ver que era um lugar bem grande e luxuoso.

— *Luiz, o que vamos fazer aqui?*

Entramos com o carro e Luiz parou num pequeno estacionamento que já tinha vários carros parados.

— *Vou realizar todos seus sonhos!* — disse ele sorrindo.

Quando nos aproximamos da porta de madeira senti um som pulsar forte lá dentro, na hora que Luiz abriu a porta eu percebi que aquilo era mais uma de suas festas.

— *Então meu loirinho, ontem não terminamos a festa lá em casa, por isso resolvi que terminaríamos hoje.*

Ao contrário da festa na casa do Luiz ali era um local bem maior e tinha bem mais pessoas. De vislumbre consegui contar umas sessenta pessoas. A caixa de som tocava música eletrônica, enquanto as luminárias deixavam o ambiente pronto pra dança.

Luiz me pegou pela mão — senti-me estranho segurando a mão de um homem daquele jeito — e me levou até o freezer, ele pegou uma lata de cerveja e me deu outra. No meio do caminho encontrei a Amanda junto com as meninas do “sessenta e nove”, imaginei que ela também curtisse. Cumprimentei as três com um único beijo no rosto. Uma delas se lembrou de mim e disse:

— *O gatinho voltou para terminar o que não começamos?*

Fiquei maluco de tesão, já me imaginei na cama com as três de um vez só, mas logo meu pensamento foi pro espaço.

— *Com licença garotas, mas eu e o gatinho de vocês temos algo a resolver.*

Não gostei de sair dali de perto delas, mas o Luiz insistia em me puxar pela mão. Até que trombamos com a Carol no meio do corredor. Achei que agora ele iria ouvir um monte

dela, pois estava me segurando pelo braço como se fôssemos namorados. Eu tentei me soltar para disfarçar, mas ele segurou minha mão com força.

— *Aonde vocês pensam que vão?* — perguntou ela.

— *Calma amorzinho, só vou lá no fundo mostrar sua piscina para o Chris.*

Pelo menos agora eu já sabia de quem era aquele casarão. Luiz disse para eu esperar um pouco ali que ele já voltaria, pegou a namorada dele pelo braço e levou-a para um canto onde tinha menos luz, pareciam discutir.

“Será que ela pensa que sou amante do namorado dela?” — eu pensei. — *que situação esquisita”.*

Continuei olhando para os dois, quando passou perto de mim um cara com uma camiseta preta escrito “anarquia”, ele parou perto de mim e me perguntou:

— *Você tá ficando com o Luiz?*

Fiquei totalmente sem graça, mas ao invés de responder que não ou que sim, respondi apenas que estávamos nos conhecendo.

— *Cuidado com a Carol cara, ela é sinistra!* — disse o maluco gritando no meu ouvido como se eu estivesse surdo. Logo em seguida ele saiu, então, senti meu braço ser puxado para debaixo da escada, onde estava tão escuro que não conseguia nem ver quem era. Não tive reação, pois a pessoa começou a me beijar de uma forma tão intensa que eu já fiquei excitado. Pela maciez da boca era mulher, e ela me beijava com tanta vontade que quase machucava meu lábio, nossas línguas se enrolavam quando ela começou a apertar minha bunda. Então não perdi tempo e fiz o mesmo, também comecei a chupar o seu pescoço, estava muito gostoso. Eu nem precisava ficar de olhos fechados por conta da escuridão que estava ali em baixo. Ainda consegui ver o Luiz chegando no lugar que eu deveria ter ficado, e levando as mãos à cabeça. Acho que ele ficou puto de raiva por eu não estar lá. Não me importei, afinal, ali ninguém estava nos vendo mesmo, continuei beijando aquela boca de mel deliciosa.

— *Christopher, como você é gostoso!* — disse a voz ofegante no meu ouvido. Então eu percebi que era a Bruna que estava ali — que safada —, aposto que ontem mesmo ela já queria me agarrar no sofá da casa dela. A Bruna colocou a mão dentro da minha calça e desabotoou o meu zíper, já estava sentindo aquela mão suave apertando meu pau. Delirei

quando ela enfiou a língua dentro do meu ouvido e lambeu minha orelha como fosse um sorvete. Que loucura aquilo, não resisti, então peguei e ergui a blusinha dela e comecei a chupar seus seios, eram deliciosos, e estavam bem durinhos. Com as duas mãos abaixei a calça dela junto com a calcinha e fui beijando-a para baixo até enfiar minha língua na sua bucinha — ela era extremamente gostosa. A Bruna me puxou de volta, então foi a vez dela se agachar e me fazer uma chupeta deliciosa. Queria que ela parasse pra eu comê-la, mas ela disse que queria continuar, então eu relaxei, aproveitei o momento mágico e enchi sua boca de porra. Não sei se ela engoliu ou se cuspiu, pois estava muito escuro ali, só sei que ela levantou-se e me deu um beijo profundo cheio de carinho, me senti totalmente envolto por aquela garota. E logo pensei que Natália em um ano de namoro não me deu nem metade do prazer que essa garota me proporcionou em menos de quinze minutos. Podia ser cedo para dizer, mas eu já estava totalmente apaixonado por ela.

Ficamos embaixo da escada um tempão, ela ficava acariciando meus cabelos enquanto eu continuava a beijá-la. O Luiz já deveria estar louco me procurando, foi daí que senti o telefone vibrando. Achei que fosse o Luiz, mas para minha surpresa era a Natália.

— *É o Luiz?* — perguntou a Bruna chupando os meus dedos da mão.

— *Não! É a chata da minha ex.* — eu disse tentando tapar a luz do celular que iluminava a escada e nos revelava ali com as calças abaixadas.

Eu fiquei pensando se atendia ou não, quando a Bruna disse:

— *Quer que eu atenda?*

Se eu estivesse num dia normal com certeza jamais deixaria a Bruna atender minha ex, mas como eu estava super feliz ali com ela e queria despachar logo a Natália eu deixei.

— *Agora fudeu!* — disse eu baixinho quando ela pegou o celular de minhas mãos.

A Bruna levantou as suas calças e eu as minhas, então saímos de lá da escada e fomos para fora. Então ela começou a conversar com a Natália.

— *Sou a Bruna! Quem tá falando aí?* — silêncio — *Você quer falar com meu namorado, Chris?* — disse Bruna num tom irritado de voz. Pronto, agora a porca entortou o rabo de vez. Eu daria minha mesada pra ver a cara que a Natália deveria estar fazendo do outro lado da linha.

— *Isso mesmo que você ouviu! Eu sou a nova namorada do Chris, e faço ele gozar cinquenta vezes mais gostoso do que você poderia imaginar um dia fazer.*

Nisso tenho que concordar que a Bruna estava certa, mas fazer aquilo com a Natália não era legal, então peguei o telefone da mão da Bruna — ela começou a rir histericamente.

— *Oi Natália, quero me desculpar...*

Não deu tempo de terminar de falar e ela já começou a me excomungar.

— *Chris você é safado, achei que você me amava, agora só por que eu terminei o nosso namoro você já sai catando qualquer vadia que acha.*

— *Pois você disse bem Natália... Você terminou o namoro e não eu, por isso sou livre agora para namorar quem eu quiser.*

— *Tudo bem então. Pode ficar com essa sua biscate aí...*

— *Olha o jeito que você fala...*

Não deu tempo, ela desligou o celular. A Bruna se aproximou de mim e disse:

— *Um problema a menos na sua vida, gatinho.*

Ela me abraçou e eu pensei que de certa forma ela tinha razão, afinal, foi a Natália que largou de mim sem sequer dar explicações e me fez sofrer, ela merecia passar por isso.

— *Será que ela tá querendo voltar comigo, Bruna?*

— *Não sei, só sei que se estivesse não está mais.*

Nos dois rimos, aquela situação era hilária e constrangedora ao mesmo tempo.

— *Por que disse que eu era o seu namorado?*

— *Só assim pra ela largar do teu pé, Chris. — Mas o que você achou da ideia? —* perguntou ela olhando no o fundo dos meus olhos.

— *Isso é um pedido de namoro, Bruna? —* Pois se for eu aceito.

Então ela me beijou novamente, até o momento que o Luiz reapareceu.

CAPÍTULO SETE

festa na piscina

— *Ora, ora, ora, se não é minha própria irmã ficando com meu mais novo amigo.*

Quando Luiz disse aquilo fiquei assustado e não sabia se largava a Bruna ou continuava agarrado com ela.

— *Que bom que você chegou irmão, nós temos uma surpresa pra você!*

“*Já vi que isso não vai prestar*” — pensei comigo mesmo.

— *Pode falar Bruna, que surpresa vocês prepararam pra mim?*

— *Eu e o Chris estamos namorando! Não é mesmo, Chris?*

Eu engasguei na hora de responder, pois temia alguma atitude diferente por parte do Luiz. Mas ele simplesmente me abraçou e disse:

— *Porra cara, isso que é macho hein, conheceu a mina ontem e hoje já estão namorando... — que notícia mais fantástica, agora você é da família, cara! Seja bem vindo.* — disse ele me beijando no rosto novamente.

— *Mas Bruna, você não vai deixar ele careta, vai?*

Bruna apenas sorriu, em seguida disse que ia lá dentro buscar mais cervejas pra gente.

— *Chris tu é malandro hein, ontem ficou com o irmão e hoje já agarrou a irmã!*

— *Luiz eu quero que...* — ia dizer mais ele não deixou.

— *Chris, você tá feliz cara?*

— *Tô muito Luiz, mas estou um pouco confuso ainda, tudo isso acontece tão rápido, tenho que me adaptar...*

— *Cara o que importa é que você não tá mais pra baixo que nem no dia em que conversamos pelo bate-papo.* — disse Luiz sorrindo para mim.

Então ele me levou para perto da piscina e sentamos numas cadeiras de praia que tinham lá. Conversamos por um bom tempo, eu até contei pra ele o que a Bruna havia dito para Natália no celular, ele não parava mais de rir. Então eu perguntei se ele estava brigando com a Carol lá dentro. Ele disse para eu não ligar, pois era ciuminho besta dela, pois antes de começar a namorar com ela, ela já sabia que ele curti ficar com homens

também, e ela havia aceitado numa boa, portanto não deveria ter ciúmes agora que ele tinha resolvido tirar o atraso.

— *A Bruna tá demorando né!?*

— *Chris, vou te falar a verdade cara... — Como você pode ver eu tenho muitos amigos, já fiquei com vários daqueles rapazes lá de dentro, mas você Chris... você possui algo que eu nunca vi em um cara, seu jeito tímido de falar, seu jeito meio triste, esse seu olhar de coitadinho me deixa louco — silêncio — mas não digo uma loucura só de sexo, eu gostei de você realmente cara, e morri de felicidade quando minha irmã disse que vocês estão namorando, assim é uma forma de tê-lo por perto da gente. Vou torcer muito por vocês, e no que eu puder ajudar eu ajudarei.*

O que eu sentia naquele momento é que eu tinha encontrado outra família. Luiz dizia aquilo e eu sentia uma sinceridade tremenda no coração dele. Ele era um cara especial, e o fato dele gostar mais de homem ou de mulher e ter feito sexo oral comigo não diminuía o respeito que eu tinha por ele. Quando a Bruna chegou com as cervejas — depois de demorar trinta minutos — o Luiz abraçou nós dois juntos e disse:

— *Sejam felizes meus amores!*

Então ele voltou para dentro da casa andando que nem uma criança feliz.

— *Ele é o máximo!* — disse Bruna sentando no meu colo.

Eu concordei com ela. Realmente um irmão tão carinhoso e alegre como o Luiz não eram todos que tinham o privilegio de ter.

Bruna sentada no meu colo logo sentiu que algo estava a incomodando.

— *Nossa Chris! Já tá desse jeito de novo?*

— *Por sua culpa!* — eu respondi.

— *Já que é minha culpa então tenho que dar um jeito, você não acha?*

Nem precisei responder. A Bruna abaixou minha calça — não senti nenhum pingão de vergonha por ter algumas pessoas olhando a gente lá da casa — ela apontou o dedo do meio para eles, então eu ri dela e comecei a tirar sua roupa também. Sua pele era extremamente macia e cheirosa, sentei ela na cadeira de praia e comecei a tirar sua calcinha, na hora que vi aquela bucinha rosadinha toda depilada quase gozei ali mesmo. Então ela se levantou e pegou minhas mãos.

— *Você sabe nadar, Chris?*

— *Não, mas por você eu até morro afogado!*

Então nós dois entramos na piscina, a água estava gelada, mas aos poucos começou a ficar gostosa. Eu beijava ela intensamente e senti suas pernas se abrindo e me convidando a entrar, não resisti. Penetrei com força naquela minha namorada gostosa, e gozamos juntos dentro da piscina.

— *Você é perfeito, Chris!*

— *Eu não Bruna, você que é!*

Ficamos mais vinte minutos ali na água, até que ela disse para sairmos depressa, pois daqui a pouco começaria a festa da piscina.

— *Festa da piscina? Deve ser interessante hein!* — Eu afirmei. Bruna, então me deu um tapinha no rosto e disse:

— *Nem pense nisso mocinho, agora você tem dona!*

Adorei quando ela disse aquilo, beijei-a com bastante amor e assim que parei surgiu uma dúvida em minha cabeça.

— *Você trouxe toalha, Bruna?*

Ela riu, eu já sabia que ela não tinha trazido. A sorte nossa era que a Carol chegou de biquíni carregando um monte de toalhas.

— *Vejo que os pombinhos não esperaram a gente!* — disse ela nos oferecendo uma toalha.

— *Você é bem ligeiro!* — disse a Carol com sarcasmo.

Espero que a Bruna não tenha percebido o porquê dela dizer aquilo.

Naquele momento começou a gritaria, todo mundo correndo ao mesmo tempo para a piscina, tinha gente pelada, só de cueca, algumas meninas de calcinha e mostrando os seios. Fiquei com vergonha, então nós dois ficamos pelados ali enrolados na mesma toalha.

Do nosso lado apareceu a Amanda e as duas amigas dela, todas estavam peladas, eu por mais que tentasse não consegui disfarçar a admiração pelas três, principalmente pela Amanda, ela tinha uma bundinha perfeita demais, só que o seu pezinho não era tão bonitinho que nem o da minha Bruna.

Ao perceber minha alegria, a Bruna beliscou o meu pinto e disse:

— *Ah menino safado, tá loquinho pra ir lá brincar na piscina com as três né!*

Eu apenas ri, enquanto as três continuavam ali me secando.

— *Ah que chato, nosso gatinho já tá ocupado, que peninha!* — disse uma delas.

— *Você é rápida em Bruna!* — disse a Amanda — no momento que elas saíram e pularam na piscina.

Eu e a Bruna continuamos ali abraçados, a festa na piscina era uma coisa que jamais imaginei presenciar pessoalmente. Era gente se beijando, se chupando, se afogando, grupinho de trezinho, era tanto pinto e bunda que eu me excitava só de me imaginar ali, enfim aquilo era uma loucura.

Por volta de uma hora da manhã me despedi da Bruna e fui embora no carro do Luiz. Chegando em casa ele agradeceu mais uma vez pela nossa amizade e por eu aceitar namorar a Bruna. Me deu um abraço e disse para eu ir na casa dele amanhã a noite, pois tinham de oficializar o meu namoro com a sua irmã. Eu agradei a carona e a festa. Nos despedimos e eu entrei.

Não consegui pregar o olho antes das duas e meia, pois ficava imaginando como poderia existir algo tão bonito como a Bruna, ela era muito perfeitinha, e eu estava completamente apaixonado por ela.

CAPÍTULO OITO

o beijo na chuva

No outro dia indo para a universidade contei tudo para o Marcelo, ele achou que eu estava evoluindo, pois no dia anterior tinha ficado com um homem e hoje já tinha até uma nova namorada, porém ele ficou preocupado pelo tipo de comportamento estranho dos meus novos amigos. Eu não liguei muito, pois estava curtindo aqueles loucos do mesmo modo que eles me curtiam.

Nesse dia nem encontrei a Natália no corredor, também, coitada, aposto que estava com tanta vergonha quanto eu.

Por volta das sete da noite eu cheguei na casa dos loucos, toquei a campainha e a Bruna veio me receber. Assim que entrei no portão já lhe dei um super beijo agarrando ela pela cintura.

— Meus pais tão aí, Chris! — Pra eles eu sou santa...

Eu comecei a rir, então ela me deu uma bolacha na orelha, — adorei aquilo.

Enquanto jantávamos fui apresentado oficialmente como namorado da Bruna, os meus sogros ficaram super felizes, e desejaram felicidades para a gente. Achei que teria um interrogatório, mas eles só perguntaram dos meus pais e o que eu fazia da vida.

Já na sala vendo TV eu estava deitado no colo da Bruna, mas não conseguia tirar os olhos do Luiz ali estirado no sofá da frente sem camiseta e descalço, olhei para o seu maravilhoso pé — era muito lindo, fiquei com vontade de massageá-los e beijá-los. Luiz como não é bobo percebeu que eu não tirava os olhos do seu corpo e quando foi dizer alguma coisa eu levantei para buscar um copo de água na cozinha.

“Aposto que ele iria me chamar pra ver outro problema no seu computador” — eu pensei. Mas como a Bruna estava ali, eu não queria dar motivos para ela desconfiar de minha masculinidade.

Cheguei na cozinha e vi o seu Marcos, ele se aproximou de mim, colocou a mão no meu ombro e disse:

— Filho, quero que cuide bem de minha menina, pois ela não tem as malícias que as meninas da idade dela têm.

Foi difícil segurar a vontade rir, realmente os pais não conhecem os filhos que têm.

Contudo, consegui me conter e afirmei que comigo a Bruna estaria segura e que eu iria protegê-la do mundo malicioso.

O seu Marcos então me abraçou e me deu um beijo na testa.

— Filho... acho que a Bruninha fez uma ótima escolha!

Fiquei surpreso com todo aquele gesto de carinho do seu Marcos, eu não poderia desejar um sogro melhor.

Os pais se retiraram e foram dormir, eu fiquei deitado no sofá junto com a Bruna, e por debaixo do lençol eu passava a mão naquele corpo maravilhoso. Luiz sentado no outro sofá nem desconfiava, mas aposto que ele queria estar deitado no lugar da irmã. Passou quarenta minutos e a Bruna já estava dormindo sobre o meu braço. Bem devagar eu me levantei e disse ao Luiz que ela estava dormindo, então pra minha surpresa ele se levantou e com o maior carinho do mundo levou a irmã no colo para o quarto dela. Eu, não acostumado com aquilo só os acompanhei.

— *Quando ela dorme vira uma pedra, Chris... — vai se acostumando, da próxima vez você a carrega.*

Já no quarto ele a colocou na cama e cobriu-a com um lençol vermelho, dando um beijo em sua testa dizendo-lhe boa noite. Ele disse para eu me despedir dela que iria me levar, pois nós dois tínhamos de acordar cedo para estudar — o Luiz cursava arquitetura — , dei um beijo na Bruna, não sei se ela sentiu, só sei que ela sorriu e eu disse:

— *Eu te amo!*

O Luiz colocou uma camiseta e um tênis, achei estranho ele colocar um tênis só para me levar e já voltar, então perguntei:

— *Para que o tênis?*

— *Chris, eu sei que tá um pouco tarde, mas eu quero te mostrar um lugar, prometo que não vai demorar... pois me parece que vem chuva por aí.*

Durante o percurso a gente foi conversando, ele me confessou que estava com dúvida sobre a Carol, pois ela estava muito esquisita ultimamente. Disse também que

gostava muito dela, pois ela era muito boa com a boca e com as mãos, mesmo assim, não conseguia parar de pensar em ficar com caras, e isso o angustiava.

Já que a conversa se estendeu para esse lado, eu perguntei para ele se a irmã e os seus pais sabiam de sua opção.

— *Meus velhos nem sonham!* — *Os únicos que sabem são alguns amigos, minha namorada e a Bruna.*

— *Então se a Bruna sabe, com certeza ela desconfia de nós também?*

— *Fica tranquilo Chris, minha irmã não é tão santa igual meus pais imaginam, ela têm uma mente muito boa para essas coisas, ela sabe dividir o que é dela!* — Luiz começou a rir — *Mas não esquento, acho que ela não sabe nada da gente, aliás, é pra falar da gente que eu te trouxe até aqui.*

Ele parou o carro próximo à barragem do Lago Igapó. De longe víamos alguns edifícios com as luzes acesas e um céu nublado com relâmpagos — não demoraria a chover —, então descemos e eu fui seguindo-o. Chegamos perto da margem do lago — que estava calmo — ali havia algumas aves que eu não sabia definir a espécie, quando subimos para atravessar a ponte elas voaram.

— *Onde a gente vai, Luiz?*

— *Calma Chris, já estamos chegando!*

Então subimos num lugar que era cheio de árvores, e ele me disse para ter cuidado para não escorregar. Lá no meio daquele monte de árvores havia vários banquinhos feitos de troncos velhos. Ele sentou-se e eu também. Sentado no meio daquelas árvores e olhando para o lago senti uma sensação de liberdade e paz. Morava na cidade há dois anos e nunca tinha pensado que havia um lugar tão bonito ali no meio do centro.

— *Luiz, por que você me trouxe aqui?*

Ele ficou em silêncio, suspirou e se aproximou de mim.

— *Quando eu era mais novo adorava vir nesse lugar, apesar que, costumava ser mais bonito.*

— *E por que você gosta tanto daqui?*

— *Acho que é por causa dessa sensação de paz e tranquilidade. Bem diferente da agitação do dia-a-dia.*

Nesse ponto eu concordava com ele.

— *Porém, Chris, só gosto daqui de noite, pois nunca tem ninguém aqui e dá pra ficar mais a vontade.*

Olhei para todos os cantos, realmente estávamos sozinhos, a única coisa que incomodava um pouco eram os carros que passavam na avenida logo acima e o barulho de trovão que começamos a escutar.

Não entendo o meu corpo e minha mente, estava namorando uma menina linda e gostosa, mas naquele momento senti uma vontade louca de transar novamente com o Luiz, e essa vontade só aumentou quando ele me abraçou num beijo maravilhoso.

Sentia o sabor delicioso de sua língua entrelaçada na minha, até então nunca havia beijado um homem na boca. Continuamos a nos beijar com muita intensidade, sua boca era um poço para a perdição, sentia o mesmo prazer de quando beijei a Bruna pela primeira vez — só que agora as línguas se tocavam mais —, Luiz começou a passar a mão por dentro de minha camiseta então eu fiz o mesmo, só que minha mão escorregou mais rápido e passou levemente sobre suas nádegas — ele gemia —, depois de um tempo tomei coragem e coloquei minha mão em seu pau, que era um pouco maior que o meu — mas o meu era mais grosso — tirei aquele mastro maravilhoso para fora do shorts e sem pensar duas vezes comecei a morde-lo e a sentir aquele cheiro delicioso. Quando comecei a chupá-lo, ele começou a mexer nas minhas orelhas — aquilo me dava muito tesão — então comecei a masturbá-lo ali ao ar livre. Dentro do meu peito o coração acelerava de paixão e prazer, misturado com um pouco de felicidade e uma grande pitada de excitação. Pensei comigo — *“que Platão me perdoe, mas se existe um mundo das perfeições, esse mundo é aqui nesse lago, e nessa noite”*. Luiz carinhosamente tirou minha mão de seu pau e me beijou mais uma vez. Depois abaixou minha calça, ajoelhou-se e me chupou, ele me fazia pensar até que já estava chovendo. Depois de fechar os olhos segurando sua cabeça e friccionando-a sobre meu colo senti realmente que a chuva era real.

— *Merda... bem agora tinha que chover — disse ele.*

— *Que pena, estava tão bom...*

Eu vesti minha calça e ele guardou o seu pinto, em seguida puxei ele para debaixo de uma árvore um pouco maior, que nos protegeria da chuva.

— *Luiz, se formos para o carro agora vamos nos molhar mais — Acho melhor ficarmos aqui um pouco e esperar a chuva passar.*

Na verdade meu desejo era ficar ali com ele independente se acontecesse um dilúvio, pois queria eternizar aquele instante. Não demorou muito e a chuva engrossou a ponto de a árvore não conseguir nos proteger mais. Peguei o meu celular e coloquei dentro da minha cueca, talvez ali fosse o último lugar que iria molhar. Luiz era mais esperto, havia deixado o dele no carro.

— *Eu queria ser o seu celular, Chris!*

— *Pra quê?*

— *Você sabe...*

Ele me encostou no tronco da árvore e começou a me beijar novamente. De repente parou, em seguida me deu um beijo na bochecha e disse no meu ouvido:

— *Chris, seu beijo é o mais gostoso do mundo!*

Eu sorri, naquele momento não tinha mais vergonha de ser eu mesmo, então eu lhe disse:

— *E você é o primeiro homem que eu beijo, e também meu primeiro beijo em baixo de chuva.*

Nos abraçamos e ficamos ali esperando passar a chuva que desejamos que nunca parasse.

Como vimos que a chuva não passaria tão rápido, nós fomos embora debaixo dela mesmo, enquanto estávamos ainda nas proximidades do lago íamos abraçados um ao outro. Nesse momento eu pensei que o mundo seria maravilhoso se as pessoas não tivessem tanto preconceito e se os casais que se amam pudessem andar nas ruas do jeito que quisessem independentemente de sua opção sexual.

CAPÍTULO NOVE

expulso de casa

Nos próximos dias eu fiquei meio confuso, não sabia se o que tinha acontecido entre eu e o Luiz era traição com a minha namorada ou não. Pois se fosse, seria uma traição dupla, tanto do namorado quanto do próprio irmão. Eu fui na casa deles somente na quarta, lá eu e o Luiz nos tratamos normalmente como amigos e a Bruna como namorada.

— *Quando vocês casam?* — perguntou o Luiz para mim e para a Bruna no meio do jantar — ele estava me sacaneando.

— *Depois que eu me formar e arrumar um trabalho...* — eu respondi. A cara dos pais ganharam um enorme sorriso.

— *E você, Luiz, vai enrolar a Carol até quando?*

— *Esse daí, foge de assuntos de casamento como o diabo da Cruz.* — respondeu a dona Vera.

Continuamos o jantar e depois como de praxe fomos assistir televisão, só que dessa vez ao invés de novela o Luiz colocou um filme para a gente ver. No fim do filme acordei assustado com o dedo do Luiz dentro da minha boca, eu tinha dormido praticamente o filme todo.

— *Seu filho da mãe!* — eu disse pra ele.

Ele não parava de dar risada, parecia que ia ter um ataque de epilepsia.

Olhei para o meu lado e a Bruna estava dormindo e havia babado no seu braço todinho. Devagar eu tirei a cabeça dela de cima do meu braço e me limpei com minha camiseta.

— *Hoje é sua vez!* — disse o Luiz.

Peguei ela no colo e a levei para a cama, apesar de ter aquele corpinho magro ela pesava bastante, ou era eu que precisava tomar umas vitaminas?

Quando voltei para a sala o Luiz estava fingindo dormir, eu fiquei quieto só olhando o que ele queria.

— *Agora você tem que me levar pra minha cama também, Chris.*

Eu merecia aquilo, meu cunhado/namorado era um bebê. Para não desfazer dele, e querendo aproveitar um pouco, eu até que tentei levá-lo, mas ele era muito pesado.

Por volta da meia noite fui embora e mais uma vez o Luiz fez a gentileza de me levar, e ao dobrar a esquina me disse que ficou morrendo de ciúmes quando eu levei a Bruna para o quarto.

— *Você está com ciúmes, Luiz?*

— *Claro, Chris! Só eu posso levar a minha irmã no colo para dormir.*

— *Ah, achei que fosse ciúmes de mim...*

Ao chegar na avenida Higienópolis, um pouco antes de virar e seguir na Pio XII eu pedi para ele parar o carro, então nós dois nos beijamos.

— *Seja sincero Chris, quem beija melhor, eu ou minha irmã?*

Essa era uma pergunta difícil de responder, a Bruna tinha um beijo mais adocicado e suave, já o Luiz era um beijo mais carnal que me envolvia completamente — porém não era tão doce que nem o da Bruna.

— *Você e sua irmã!* — eu respondi.

— *Chris, não existe dois beijos iguais, você tem que sair de cima do muro cara, começar a fazer suas escolhas.*

— *Luiz o que você quer dizer com sair do muro e fazer minhas escolhas?*

— *Chris, você sabe do que eu estou falando... — silêncio — Eu nunca gostei de ninguém igual eu gosto de você, e eu tô morrendo de ciúmes de te ver aos beijinhos e caricias com minha irmã. Só não falo nada pra ela, porque eu a amo também e não desejo magoá-la. — silêncio novamente — Mas eu não aguento mais ficar sem você Chris, sem seu beijo e seu sexo.*

Olhei para o Luiz, ele estava sendo sincero e falava angustiado como se uma corrente prendesse o seu coração.

— *Mas o que você quer que eu faça?*

— *Escolha com quem de nós dois você quer ficar. — disse ele — Ela não vai aceitar que o namorado dela tá transando com o seu próprio irmão, e eu já não aguento de ciúmes ao vê-los se beijando por toda a casa.*

— *Mas ela não precisa saber!* — eu disse pegando nas mãos de Luiz.

— *Cara, ela é minha irmã, eu amo a Bruna, não posso ficar traindo a confiança dela desse jeito.*

— *Mas Luiz... Você tem a Carol, como ela fica nessa história?*

— *Chris, se você aceitar namorar comigo eu não tô nem aí pra a Carol!*

Depois desse dia eu fiquei pensando em tudo o que Luiz me disse. Acabei percebendo que ele estava certo, eu não tinha o direito de ficar usando os dois ao mesmo tempo.

Então, depois de uma semana de pensamentos eu finalmente já tinha minha escolha. Juro que não escolhi quem eu gostava mais — pois eu estava apaixonado pelos dois — e nem por quem me dava mais prazer. Eu escolhi pela lógica, afinal, o Luiz estava namorando com a Carol e a Bruna tava bem carente. Por isso minha decisão seria ficar com a Bruna e parar de me relacionar sexualmente com o Luiz. Acho que ele ficaria triste — como eu — mas também feliz porque eu estaria fazendo a irmã dele feliz.

Achei que nada fosse me fazer mudar de decisão, até que numa sexta-feira o Luiz foi até o meu apartamento e pelo jeito que ele chegou estava com cara de poucos amigos. Logo eu percebi que alguma coisa séria tinha acontecido, pois o Luiz nunca tinha pisado naquele apartamento e estava com os olhos vermelhos que nem pimentão. Ele cumprimentou o Marcelo e pediu licença, me deu um abraço, então percebi que realmente algo grave tinha acontecido, pois ele estava chorando.

Fui com ele até o meu quarto, e nós dois sentamos na cama.

— *Fala Luiz, o que aconteceu, cara?*

— *Eu fui expulso de casa, Chris!*

— *Como assim, por quê?*

— *Quinta-feira eu tive uma briga com a Carol por causa de você, então na hora do nervoso falei coisas pra ela que não deveria ter falado — ele soluçou enquanto algumas lágrimas desciam em sua face — eu disse a ela que eu estava ficando com você, e que você me fazia bem mais feliz do que ela... Então ela me bateu e me disse que o nosso namoro tinha terminado.*

Na hora que o Luiz disse “namoro terminado” eu congelei, já imaginava a confusão no qual nós dois havíamos nos metidos.

— *Mas por que te expulsaram de casa?*

— *Chris, você sabe do que uma mulher traída é capaz de fazer; pois bem, a Carol foi lá em casa hoje e disse tudo sobre nós dois para meus pais e para a Bruna — silêncio — depois disso meu pai me bateu e me disse que eu era um safado sem vergonha e que não queria me ver mais na casa dele.*

Eu não sentia mais meus pés — estávamos fodidos — e agora o que eu iria fazer, o que a Bruna estaria pensando de mim, e o seu Marcos que me depositou tanta confiança... Eu não queria nem começar a pensar no que poderia acontecer.

— *Luiz você pirou, cara! Não devia ter confessado pra Carol que a gente tava tendo um caso.*

— *Eu sei Chris, mas na hora do nervoso a gente faz besteira... E, além do mais eu disse a verdade pra ela, você é quem eu amo agora....*

Eu abracei ele, tínhamos que ficar mais calmos e analisarmos a gravidade da situação. Eu estava morrendo de preocupação com a Bruna — ela já sabia de tudo —, não queria imaginar que eu a perderia, logo agora que tinha encontrado uma garota tão legal que nem ela. Pensei em ligar para ela, mas o Luiz me aconselhou a não fazê-lo, pois o clima estava muito pesado lá na casa.

Com o olhar mais triste que eu já vi estampado no seu rosto, ele me perguntou se poderia ficar ali naquela noite, pelo menos até arrumar um lugar no dia seguinte. Eu disse que podia, afinal, era um momento difícil na vida dele — e da minha — e tínhamos de resolver isso juntos.

Fui até a sala e expliquei ao Marcelo tudo o que estava acontecendo, ele concordou em deixar o Luiz dormir ali, mas me deu uma bronca — de irmão — que eu nunca me esquecerei.

— *Chris tu é burro cara! Como você deixa a situação chegar a esse ponto? Você só tava pensando na porra do teu pinto, cara! E os sentimentos das pessoas? Pra que tu faz filosofia, se acha que a vida é só sexo!?...*

Ouvi um monte de sermão do Marcelo, mas fiquei quieto, pois ele estava coberto de razão. Depois que a Natália me largou eu só estava pensando em satisfazer os meus desejos sexuais reprimidos, e não percebi que estava muito além do limite, pois comecei a envolver sentimentos reais de amor na Bruna e no Luiz. E agora nós três estávamos sofrendo as

consequências dos meus atos. Pela primeira vez eu comecei a sentir vergonha de mim mesmo, e comecei a duvidar se eu realmente merecia ser feliz ao lado de uma pessoa.

CAPÍTULO DEZ

fomos parar no hospital

Aquela foi a primeira noite que eu e o Luiz dormimos juntos, mas estávamos tão perturbados que nem pensamos em sexo, só ficamos conversando sobre a vida e sobre nossos problemas até pegarmos no sono. No meio da madrugada ele me pediu para buscar água, achei que era muita folga dele, mesmo assim eu busquei, pois ele estava dormindo de um jeito tão bonito que eu não queria que ele levantasse.

No dia seguinte agradei por ser sábado e não ter aula, aliás, eu tinha que me dedicar mais a faculdade, pois na última prova tinha ficado com uma nota abaixo da média. Porém, depois de conhecer Luiz e a família dele minha vida virou de cabeça pra baixo e eu não conseguia mais nem estudar direito. Amar uma pessoa já nos deixa confuso, mas amar duas, nos deixa completamente malucos da ideia.

Antes de me levantar e acordar o Luiz, fiquei olhando ele deitado na cama, usava uma bermuda minha e estava sem camiseta, olhei para sola de seus pés branquinhos — tive muita vontade de morde-los — mas tive que me conter. Eu acordei ele mexendo em seu braço. Ele levantou-se, me dando bom dia.

— *Sem beijos de manhã, Chris.* — disse ele rindo.

Nós dois saímos juntos de dentro do quarto em direção ao banheiro e, para nossa surpresa a Michele estava ali no corredor e nos viu sair juntos. Tentei ser mais natural possível, pois eu não sabia se o Marcelo havia contado alguma coisa pra ela.

— *Michele esse é o Luiz, amigo meu!* — *E Luiz, essa é a Michele namorada do Marcelo.*

Os dois se cumprimentaram com um simples aperto de mão, então eu percebi nos olhos de Michele o que ela estava se perguntando. — *“Por que eles estavam dormindo no mesmo quarto, sendo que o colchão extra estava ali na sala?”*.

Luiz entrou no banheiro e eu e a Michele ficamos esperando ali parados no corredor.

— *Michele, onde o Marcelo foi?*

— *Ele foi comprar pão já deve estar voltando.*

— *Então Chris, o Marcelo me disse sobre...*

Na hora que eu ouvi ela dizer “sobre” eu já estava planejando como matar o Marcelo, pois ele havia prometido não contar nada dos meus casos a ninguém.

— ... a Natália ter terminado o namoro. Como você tá agora? Ufa! Que alívio... não precisaria mais matar o Marcelo.

— *Estou bem Michele, acho que a pior parte já passou.*

— *Ele me disse que você já tá em outra?*

— *Como assim em outra?*

— *De namorada nova. Vai Chris, me diz o nome dela?*

Eu não sabia o que responder e, para piorar, o Luiz acabara de sair do banheiro, eu podia responder que ela se chamava Bruna, mas depois do que a Carol fez, eu nem sabia mais se ela ainda me considerava o seu namorado.

— *Então, não estou namorando ainda, estou meio enrolado.*

— *Mas qual o nome dessa garota, Chris?*

Que raiva! Não sei por que ela insistia tanto em me interrogar daquela maneira. Ainda bem que o Luiz percebeu que eu estava encurralado e me ajudou:

— *O nome dela é Bruna! Esse safado do Chris tá pegando minha própria irmã.*

— *Ah, Chris, como você é safado, mal terminou com a Natália e já tá pegando a irmã do amigo.*

Eu “safado”, ela nem imagina o quanto.

Fomos à cozinha esperar pelo Marcelo, mas antes dei uma camiseta para o Luiz vestir — não pegava bem ele ficar ali mostrando o seu físico para a Michele. Logo em seguida o Marcelo chegou, cumprimentou eu e o Luiz com um aperto de mãos, então tomamos o café da manhã todos juntos.

Estava tomando o café quando ouvi meu celular tocar, só podia ser a Bruna, respirei antes de ir atender, e todos notaram minha ansiedade. Fui tentando imaginar que desculpa daria para tentar explicar o inexplicável. A ânsia era tamanha, que nem olhei no identificador para ver quem era, eu só atendi.

— *Alô, mãe... tudo bem?*

— *Comigo tá tudo bem! E com você e o pai?*

Fiquei mais tranquilo, era minha mãe querendo saber por que fazia duas semanas que eu não ligava pra ela. Eu tentei explicar que a vida estava corrida, mas não colou.

— *Mas Christopher, você nem trabalha!*

— *Eu sei mãe, mas é que...*

— *Não tem mais nem menos Christopher, você tem que ligar pra gente, pois somos seus pais ainda, e você querendo ou não...*

Até afastei o telefone do ouvido, já tinha problemas demais para resolver. Depois do sermão de minha mãe eu falei com meu pai, tentei convencê-lo de me mandar dinheiro para eu comprar meu carro, mas ele foi categórico em afirmar que eu ganharia o carro só depois de formado. Ele me mandou um beijo e pediu para eu me cuidar, e também para usar preservativos para não engravidar a Natália... Nem deu tempo de dizer que tínhamos terminado e ele já desligou.

Então eu voltei para a mesa do café e, pela cara, os três queriam saber com quem eu estava falando e antes que alguém me perguntasse eu mesmo disse:

— *Eram meus pais!*

Logo após o horário do almoço, eu e o Luiz estávamos claramente ansiosos, então eu tomei coragem e decidi que nós teríamos de ir até sua casa e falar com seus pais. Na verdade eu estava querendo ver a Bruna, acho que devia uma boa explicação pra ela. No começo, ele não achou uma boa ideia, mas eu o convenci que não podíamos fugir desse problema para sempre, e se já aconteceu, a gente tinha que arcar com as consequências.

Eu e o Luiz fomos a pé, pois quando ele foi expulso de casa não teve tempo sequer de pegar o seu carro. Ao chegarmos no portão, ele não teve coragem de tocar a campainha, então eu toquei por ele. Parece que alguém já estava esperando a gente, pois a porta se abriu muito rápido e, para o nosso alívio era a Bruna. Eu estava com vergonha de encará-la, mas tinha que ter atitude de homem agora e enfrentar os problemas de frente.

Ela abriu o portão, mas nem olhou para mim, depois abraçou o Luiz, claramente ela estava chorando.

— *Por que vocês fizeram isso?* — perguntou ela ainda nos braços dele. Em seguida ela olhou para mim, mas não me abraçou, fiquei fodido de raiva.

— *Por que, Chris, por que você me enganou, por que não me disse que gostava de homem também?*

Eu não sabia o que fazer, queria muito abraçá-la e pedir perdão a ela, mas não deu tempo, pois logo saíram pela porta da sala o seu Marcos e a dona Vera. E pelo jeito o pai de Luiz não estava em seus melhores dias.

— *Então as duas bichinhas voltaram! Mas são dois sem vergonhas mesmo.*

Eu nunca havia sido chamado de bicha, e tinha certeza que eu não era um bicha, eu apenas gostava de homens, mas nem por isso eu desejava ser uma bicha.

— *Bruna, vá pra dentro de casa agora!* — disse o pai.

— *Calma pai, deixa eles explicarem!* — disse ela.

— *Não quero que essas duas mulherzinhas falem nada na porta da minha casa.*

— *Marcos, ele é seu filho! Deixe-o falar.* — disse dona Vera.

— *Meu filho pra mim morreu! Antes um filho morto que um filho bicha.*

— *Olha o jeito que o senhor fala com a gente, nós não somos bichas porra nenhuma!*

Não sei de onde veio a coragem para eu dizer aquilo pra ele, só sei que eu me senti muito humilhado por ele chamar eu e o Luiz de bichas e mulherzinhas. Depois de ter dito isso ele partiu para cima de mim, eu não corri, fiquei ali e resolvi encarar a fera, o que eu não esperava era o soco que levei com tanta força no meio da cara que depois disso apaguei e só acordei no hospital.

CAPÍTULO ONZE

o perdão

Quando acordei vi que estava com a cara cheia de esparadrapos — mas não doía —, tentei me lembrar do que havia acontecido. Então me retornou ao pensamento o vislumbre da briga, dos xingamentos e do soco que o seu Marcos me deu bem no meio da minha cara. Coloquei a mão no rosto e logo uma enfermeira se aproximou.

— *Olá senhor Chri...Chris...Christop...Christopher.*

— *Onde eu estou?* — eu perguntei pra ela.

— *O senhor sofreu uma fratura nasal... Andou brigando com alguém senhor Christopher?*

— *Que merda!* — disse eu baixo pra ela não escutar.

— *O que o senhor disse?*

— *Não é nada não, como assim eu vou ter que...*

Fui interrompido, na porta do quarto apareceu a Bruna, e aquilo foi um colírio para meus olhos. Ela estava linda, usando uma calça de lycra bem colada — do jeito que eu gostava de ver — e uma blusinha vermelha decotada.

— *Oi!* — eu disse.

Fiquei com vergonha de falar com ela, porque senti que minha voz estava esquisita e meio fanhosa.

— *Oi!* — ela respondeu segurando na minha mão.

A enfermeira percebeu que ela precisava falar comigo a sós, e saiu, mas antes disse para eu não mexer nos curativos.

A Bruna ficou ali parada me olhando, sentia que ela queria me falar alguma coisa, mas não falava. Só ficava me observando.

— *Você me desculpa, Bruna?... Não devia nunca ter feito o que eu fiz, estou morrendo de vergonha de você e de seus pais.*

— *Chris... depois falamos disso...*

— *Me conte então o que houve depois, Bruna?*

Ela sorriu timidamente, e disse que minha voz estava engraçada. Depois apertou minha mão direita com suas duas mãozinhas e começou a me contar o desfecho daquela confusão.

— *Depois que meu pai te bateu, você caiu pra trás, então logo começou a sangrar muito seu nariz, então eu e minha mãe e o Luiz corremos pra te ajudar, mas você não se mexia, e muito sangue começou a jogar do seu nariz. — silêncio — Daí meu irmão começou a brigar com meu pai dizendo: “olha o que o senhor fez, precisava disso?” — Meu pai ficou horrorizado com que ele mesmo tinha feito, pegou o carro e trouxe você até aqui.*

— *Tudo isso aconteceu mesmo?*

— *Claro! E todos estão lá fora esperando notícias de seu estado de saúde. — Até seu amigo Marcelo veio, estão todos lá fora.*

— *Quanto tempo eu estou aqui?*

— *Você chegou desacordado, foi dopado e anestesiado, depois os médicos consertaram o teu nariz, e você dormiu mais um pouco.*

— *E que horas são agora?*

— *Agora é nove e quinze.*

— *Ah, não foi muito tempo, cheguei na sua casa já tarde.*

Bruna sorriu, então disse:

— *É nove e quinze da manhã! Hoje é domingo.*

Eu fiquei assustado, não acreditava que tinha dormido por tanto tempo.

— *O que eles fizeram no meu nariz, Bruna? — Eu ainda tenho um nariz?*

— *Calma Chris, eles tiveram que fazer uma pequena cirurgia para deixar o seu nariz como era antes.*

— *Foi tão feio assim o estrago?*

Ela respondeu chacoalhando positivamente a cabeça.

— *Mas eu mereci, não devia ter feito o que eu fiz... — eu disse olhando em seus olhos.*

— *Bruna eu juro que...*

— *Não precisa Chris! Não vamos falar disso agora, o importante é você se recuperar primeiro.*

Ela tirou as mãos de minha mão e disse que iria avisar o pessoal que eu tinha acordado. Não demorou nem três minutos e todos estavam ali, inclusive o meu carrasco, o pai da Bruna.

Primeiro quem me cumprimentou foi o Marcelo, depois o Luiz e a dona Vera. Então meu carrasco pediu pra que eles todos saíssem, pois queria falar sozinho comigo. Juro que pensei em gritar a enfermeira, pois ele podia querer me matar, pois eu estava ali indefeso. Ele se aproximou de mim, parecia nervoso, e eu tremia de medo por dentro.

— *Filho, peço que me desculpe, eu não queria ter machucado você...*

Então ele se aproximou da cama ao meu lado e começou a chorar, e me disse que não era um homem violento, e que tudo aquilo aconteceu de repente... pois saber que o filho que tanto amava era gay, a ponto de terminar um namoro de dois anos para ficar com um homem, isso doía. Então quando ele soube que esse homem era eu, aí doeu três vezes mais. Uma pelo Luiz, outra pela Bruna, e outra por ele mesmo, pois já me tinha como um filho. Chorando muito e ainda bem próximo ele pedia perdão, fiquei até surpreso com a cena, e logo disse:

— *Calma seu Marcos... o senhor não teve culpa... eu que nunca deveria ter enganado vocês.*

Ele me abraçou ali mesmo deitado na cama. Percebi que ele estava sendo sincero e que nunca desejou realmente me machucar, apenas agiu por impulso nervoso.

O restante do domingo eu passei ali no hospital, me falaram que tirariam o curativo na segunda-feira e se não tivesse inchado eles me dariam alta. Os gastos com o hospital foram todos pagos pelo seu Marcos, e eu pedi para o Marcelo não ligar para meus pais, para não preocupá-los. O Luiz foi quem passou a noite ao meu lado, ele foi gentil a ponto de até me contar histórias, não essas de contos de fadas, e sim histórias da vida dele, principalmente de sua infância. Uma dessas histórias me deixou morrendo de raiva e ao mesmo tempo bem intrigado.

“Quando ele tinha doze anos e a Bruna, onze, os dois tinham um amigo que se chamava Junior de treze. Certo dia estavam na casa desse amigo — eles moravam em São Paulo — e o Luiz estava procurando os dois que nem louco pela casa inteira. Até que resolveu ir para os fundos da casa ver se os dois estavam por lá, e, para sua surpresa encontrou os dois se beijando logo atrás de um armário velho dentro da lavanderia. Aquilo

foi um choque para ele, que não pensou duas vezes e encheu de porrada o seu amigo Junior. Pois, além dele estar agarrando sua irmãzinha o Junior estava traindo-o, pois os dois tinham um namorico escondido”.

Eu fiquei chocado com aquele relato, pois eu não era o primeiro homem que se envolveu com os dois. Fiquei com ciúmes do Junior, mas aliviado, pelo menos o Luiz não tinha me dado porrada também.

A noite passava lentamente, então nós dois dormimos, até que a enfermeira nos acordou de manhã e disse que o Luiz tinha que sair, pois eu seria reavaliado pelo médico.

CAPÍTULO DOZE

muitas explicações

Por volta das duas horas da tarde eu tive alta, o médico tirou o curativo da minha cara e, para meu alívio disse que eu não tinha ficado com o nariz deformado, só iria ficar dolorido e muito roxo ainda, mas que em menos de dez dias voltaria ao normal. O médico me passou alguns medicamentos para eu tomar e uma série de deveres que eu devia seguir à risca. Antes de sair, quando eu tirava a roupa azul de hospital e me vestia com minhas próprias roupas entrou um policial, pediu licença para me fazer algumas perguntas, e alegou ser processo de rotina, pois toda vez que entra alguém com ferimento provocado por agressão eles têm que registrar o B.O. e, como eu estava desacordado quando cheguei não tinha sido feito ainda o tal B.O. Ele ficou ao meu lado na cama e começou a me fazer o interrogatório.

— *Como você se chama?*

— *Christopher Rodrigues, e o senhor?*

— *Douglas, Sargento Douglas.*

— *Senhor Christopher, você poderia me dizer quem agrediu o senhor e o motivo?*

Fiquei tenso, não sabia se deveria falar ou não, afinal, o seu Marcos errou em me bater, mas eu sabia que ele estava nervoso — e com razão — e ele tinha me pedido desculpas de uma forma que realmente me comoveu.

— *Foi o pai da minha namorada!* — eu disse, sabendo que não poderia mentir para o policial, pois poderia ser pior.

— *Por que ele agrediu o senhor? — Imagino que o senhor fez alguma coisa que não deveria com a filha dele, estou certo?*

— *Mais ou menos, na verdade...* — silêncio — *enquanto eu namorava a filha dele eu também estava ficando com o irmão dela.* — eu confessei o motivo, apesar da vergonha que sentia, mas não tinha o que eu falar a não ser a verdade.

O policial fez uma cara de surpresa e susto, mas anotou tudo o que eu disse no B.O. que estava sob sua prancheta.

— *O senhor está me dizendo que enquanto namorava com a filha do seu sogro, mantinha um relacionamento homossexual com o irmão de sua própria namorada?*

No momento que o policial me perguntou aquilo, senti que ele mesmo quebraria minha cara novamente, se pudesse.

— *É isso mesmo!*

— *E o senhor deseja fazer uma ocorrência formal na delegacia contra o seu agressor?* — perguntou o policial.

— *Claro que não! Eu no lugar dele teria feito o mesmo.*

O Policial não conseguiu manter sua pose e riu da situação.

— *E se eu fosse o pai deles certamente você não estaria mais aqui para prestar depoimento.*

Eu fiquei sem graça e forcei um leve sorriso como se concordasse com o policial. Ele fez mais algumas perguntas, então foi embora, mas antes dele sair eu perguntei:

— *Sargento, o meu sogro não vai ser preso, vai?*

— *Claro que não, se alguém tivesse que ser preso seria você...*

Naquele momento desejei ser uma avestruz e esconder minha cabeça debaixo da terra. A que ponto eu tinha chegado...

Quando saí do hospital o senhor Marcos e o Luiz foram me buscar, o clima no carro estava um tanto quanto estranho. Não me sentia a vontade apesar de toda cortesia do pai do Luiz. Ninguém falava nada, parecíamos todos desconhecidos. Até que o senhor Marcos resolveu falar.

— *Chris meu filho, quero agradecer por não formalizar a queixa contra mim... pois seria muito desagradável para nossa família...* — silêncio — *eu também preenchi o B.O. e o policial me disse que você mesmo reconheceu o próprio erro...* — silêncio — *quero mais uma vez te agradecer e te pedir desculpas* — silêncio novamente — *e, para mostrar que não ficou nenhum ressentimento, você pode ficar lá em casa para cuidarmos de você essa semana, já que no seu apartamento você tem que ficar sozinho quase que o dia todo.*

No começo eu não achei boa ideia, mas o Luiz me convenceu, afinal, seria bom ficar mais tempo perto dele e da Bruna, apesar que, eu não sabia se ainda era namorado dela ou não.

O Luiz foi até meu apartamento e pegou uma mala com algumas roupas que o Marcelo separou para mim. Então eu fiquei na casa de meus amores durante a semana, não tive relações sexuais com nenhum dos dois, não por falta de vontade, e sim, por respeito com os pais, afinal, eles me tratavam melhor que antes e eu começava a me sentir amado novamente por eles. Quando foi quarta-feira a noite chegaram à casa a Amanda e uma das meninas do 69, justamente a que me chamava de gatinho. Então, finalmente fiquei sabendo o seu nome: “Pâmela”. Ela estava sem álcool no sangue e era completamente diferente e bem comportada. Tanto é que ela me cumprimentou somente com um “oi”, já Amanda me deu um beijo no rosto, e me perguntou por que meu nariz estava roxo e maior que de costume, eu disse que tinha batido na porta do banheiro.

A Bruna chamou as duas e elas ficaram em seu quarto por um tempão — com a porta trancada — não sei o que elas faziam, mas morri de curiosidade pra saber. Eu e o Luiz deixamos elas a sós e fomos jogar vídeo-game na sala. Perguntei a ele se estava acontecendo o que eu imaginava que estava lá no quarto da Bruna. Ele respondeu com outra pergunta:

— *o que você acha?*

A semana passou rápido como uma ventania. No sábado o meu nariz já estava praticamente bom, minha voz tinha voltado ao normal e não sentia mais dores. Durante um jantar o pai de Luiz disse que ninguém iria mais falar sobre aquele assunto, que isso era problema de nós três e nós teríamos de sentar e resolver a situação. A gente concordou com ele e o restante do jantar foi um tremendo silêncio.

Quando o primeiro raio de sol começou a entrar pela janela do pequeno quarto de hóspedes, eis que me aparece a ninfa mais linda de todas as ninfas do mundo. Ela entrou no quarto e encostou a porta.

— *Chris, acho que temos que conversar...*

Eu disse bom dia pra ela, tentei arrumar meu cabelo e tirar a remela dos olhos, e ela riu.

— *Não precisa, você é lindo até quando acorda!*

Ela sentou-se do meu lado, pegou nas minhas mãos e eu apertei as duas mãos dela com carinho.

— Bruna... eu estou com vergonha de você... quero que me perdoe... mas não sei se mereço o seu perdão... afinal, você deve estar com nojo de mim, por saber que eu e o Luiz...

— Chris, não tenho nojo de você... apenas fiquei muito triste por saber da boca de terceiros que meu namorado tava tendo um caso com meu próprio irmão.

— Mas é que tudo aconteceu tão rápido, Bruna, que eu não sabia mais o que estava fazendo...

— silêncio — conheci vocês dois no mesmo dia, e estava me sentindo muito frágil com a separação da Natália... e... você e o Luiz me trataram com tanto carinho e amor que eu acabei me identificando demais com vocês dois ao mesmo tempo... sei que errei... mas eu ainda continuo confuso... não sei o que faço...

A Bruna percebeu que eu era sincero apesar de tudo. Ela me abraçou e me beijou a testa.

— Chris, no primeiro dia que meu irmão te apresentou pra mim, eu percebi que você era um cara diferente, especial... senti uma atração muito estranha por você, algo que nunca havia sentido antes... mas, como meu irmão nunca tinha falado de você, e de repente você aparece como um grande amigo dele, eu logo achei que vocês estavam tendo um caso... pois sempre respeitei as opções de meu irmão...mesmo sabendo disso... eu me senti muito atraída por você...

— Então você já sabia, Bruna?

— Claro Chris, eu sou a irmã dele, sei muito bem quando meu irmão tá interessado em alguém... e vocês nem disfarçaram naquela noite ao se trancarem no quarto me deixando sozinha na sala. — silêncio — Então, quando estávamos na festa da Carol, eu resolvi testar você, ver se você curtia mulheres também, então...

— Então você estava me usando pra um teste? — eu perguntei cortando ela.

— No começo era um teste, mas depois, você me beijou de um jeito que nenhum homem havia feito antes... foi daí que me apaixonei por você...

— Mas Bruna, por que...

— Então nessa história toda, quem deve se desculpar sou eu e não vocês...

— O Luiz já sabe disso?

— Sim, eu falei com ele, pois vi que meu irmão é o que mais sofre com a situação, o coitado até largou da namorada pra ficar com você... — ele te ama de verdade Chris.

— Mas e você Bruna... Você me ama ou só estava curtindo?

Ela me abraçou com mais força ainda, com sua mão direita começou a acariciar meu rosto, e logo disse:

— Esse que é o problema Chris... não deveria ser assim, mas eu estou loucamente apaixonada por você.

Então com bastante leveza ela aproximou o seu rosto do meu e me deu um beijo tão suave e gostoso que juro nunca ter sentido nada igual.

— Mas... Chris... Acho que você tem que ficar com o Luiz, pois ele está sofrendo bem mais que eu...

Eu apenas coloquei minha mão na boca dela e em seguida comecei a beijá-la de novo...

CAPÍTULO TREZE

o tiro

Depois da conversa com a Bruna eu estava mais confuso que antes, mas tinha uma decisão a tomar, afinal, não podia continuar namorando ela e ficando com ele. Convidei o Luiz para sairmos, ele aceitou numa boa. Então a gente foi até um barzinho próximo a Higienópolis. Chegando lá ele estacionou o carro e logo ouvimos:

— *Quer que a gente dê um trato, chefia?*

Eram dois meninos de no máximo doze anos, querendo dinheiro para cuidar do carro. O Luiz pegou a carteira e deu uma nota de dez para eles, os seus olhos brilharam de felicidade.

— *Valeu chefia, fica tranquilo que a gente vai cuidar da belezura.*

Escolhemos uma mesa próxima ao corrimão que separa o bar da calçada, logo garçom aproximou-se para pegar o pedido, eu pedi uma fanta — não podia beber álcool — e o Luiz pediu um Black Label com polpa de maracujá e gelo, achei esquisito aquele pedido, mas não falei nada. Depois que o garçom chegou trazendo as bebidas eu agradei e ele saiu.

No bar tocava rock alternativo, eu gostava desse som, pois trazia uma sensação de nostalgia.

— *Luiz, eu estive conversando com a Bruna, a respeito de tudo o que aconteceu...*

— *E o que vocês decidiram?*

— *Cara, sua irmã gosta mesmo de você!*

— *Eu sei, e me considero o irmão mais sortudo do mundo, tenho orgulho da minha irmã. —*

Mas o que vocês decidiram?

— *Ela... ela...*

— *Fala logo, Chris!*

— *Cara eu estou numa puta indecisão... eu gosto da tua irmã, como nunca gostei de nenhuma garota... mas... você cara, você me deixa maluco, nunca senti uma atração tão forte por um homem antes... eu não quero admitir... mas... eu... eu estou apaixonado por você também.*

O Luiz aproximou-se de mim, deixou o copo de whiskie e pegou na minha mão por debaixo da mesa.

— *Chris, você me deixa doido também cara! Eu fico com uma puta felicidade quando estou ao seu lado... — mas... você não pode deixar minha irmã pra ficar comigo... por mais que eu sofra... eu prefiro sofrer mil vezes a ver minha irmã infeliz.*

Até hoje em meus vinte anos de vida, nunca vi um relacionamento entre irmãos tão bonito que nem do Luiz e da Bruna. Em condições normais, os dois estariam duelando um com o outro, mas eles insistiam em se desfazer de sua própria felicidade em nome da felicidade do outro. Isso eu achava maravilhoso neles. Acho que era isso que me fazia gostar tanto de ambos. Cheguei a conclusão que eu era a pessoa de maior sorte desse mundo — no amor — pois tinha o privilégio de amar e ser amado por duas pessoas maravilhosas.

— *Ora, ora, ora...* — disse uma voz que vinha de trás de mim. No mesmo instante Luiz separou nossas mãos e pude perceber que ele ficou tenso.

Eu olhei para trás e vi um carinha de bermuda e camiseta, que vinha em nossa direção.

— *Quem é, Luiz?* — perguntei virando novamente para ele.

— *O babaca do irmão da Carol.* — ele respondeu.

Então me lembrei que tinha visto ele lá na festa na casa da Carol...

— *Vejam se não é o Luiz Gustavo e seu novo namoradinho...*

Na hora que ele disse isso eu senti um vácuo abrindo dentro de meu estômago, ele disse tão alto que todos no bar pararam e olharam para mim e para o Luiz.

Nós permanecemos sentados, percebi que o babaca estava com uma garrafa de cerveja na mão.

— *Vejo que a Carol já foi chorar os problemas dela pra você, não é mesmo, Henrique?* — disse Luiz para o babaca.

— *Vejam, vejam...* — disse o babaca querendo chamar atenção de todos no bar.

— *Esse cara ali* — apontou para o Luiz — *largou a minha irmã... loira, bonita, cheirosa e gostosa... pra ficar com essa bichinha fedorenta ali.* — então ele apontou com o dedo para mim.

No mesmo instante o Luiz levantou-se da cadeira e foi em direção ao babaca. “*isso não ia prestar*” — eu pensei, levantando logo em seguida.

— *Repete do que você chamou ele...* — disse Luiz se aproximando do Henrique.

— *Ahhh, olha que bonitinho, uma bicha se doendo pela outra. Cuidado gente, vai começar a voar pena de galinha desses dois...*

Quando ele disse isso, o Luiz lhe enfiou um soco bem no meio do olho que ele até deixou a garrafa se estilhaçar no chão — cambaleou mas não caiu. Então um monte de gente começou a sair de perto, o babaca ficou de costas e quando se virou estava segurando um revólver prateado e mirando para o Luiz.

— *Vem, vem... vem seu trouxa... quer bancar o herói pela bichinha, quer...*

As pessoas começaram a sair correndo do bar, até o garçom deixou sua bandeja cair, os funcionários do caixa se abaixaram e lá na rua virou um caos. Ali só ficaram eu o Luiz e o babaca armado.

— *Calma Luiz, não faz nada cara!* — eu disse tentando acalmá-lo.

— *Abaixa aí Chris e se protege, deixa que com esse babaca eu me acerto.* — disse o Luiz ofegante de raiva.

Eu tinha que fazer alguma coisa pra não deixar o louco atirar, e do jeito que Luiz estava nervoso e ele bêbado, coisa boa não ia acontecer. O Luiz tentou pegar uma garrafa sobre a mesa e só ouvimos o zunido do revólver disparando e quebrando a garrafa.

— *Nem pense nisso, garotinha.* — disse o Henrique.

Antes que o próximo tiro acertasse o Luiz eu comecei a intervir na discussão.

— *Por que você nos incomoda... o que você tem haver com nossas vidas, Henrique?* — eu perguntei tentando evitar que ele deixasse o Luiz mais furioso ainda.

Por mais raiva que ele estivesse sinto que ele ficou pensando na pergunta e raciocinando que realmente não tinha nada a ver com nossas vidas. E aquele era um problema do Luiz com sua irmã e não com ele.

— *Henrique, você acha que humilhou a gente aqui nesse bar? Se você tentou isso, pode ter certeza que você realmente conseguiu. Pronto, todos aqui já sabem que eu e o Luiz somos namorados... não temos mais nada pra esconder...*

Luiz se surpreendeu pelo tom de voz que eu usava; logo todas as pessoas começaram a observar a confusão lá da rua. O interessante nisso tudo é que eu estava conseguindo deixar o Henrique sem saber o que falar, sem argumentos.

— *Henrique... Eu não sou seu amigo, mas só sei que agora você tem duas opções...*

Todos olharam assustados para mim, inclusive o público. Eu não tinha nenhuma arma na mão e estava mandando na situação.

— *Ou você volta pra sua casa, pra sua namorada, faz amor bem gostoso com ela... ou você atira no Luiz e depois em mim, porque se você atirar nele, certamente vai ter que me matar também... Só que depois disso você não poderá fazer amor com sua namorada, pois estará preso, e certamente na cadeia você vai virar bicha que nem eu e o Luiz... — E eu acho que você, sendo homem que é, prefere continuar comendo a sua namorada do que ser comido por outros caras na cadeia... Não é mesmo?... Já eu, como você disse, sou uma bichinha... então prefiro continuar dando pro Luiz que é o cara que eu amo...*

Quando terminei de falar, o cara baixou a arma, percebi que ele ficou envergonhado com a confusão que tinha aprontado. Nesse momento chegou uma viatura da polícia e lhe deu voz de prisão, ele não reagiu e a polícia o prendeu. Não sei por que, mas todos ali começaram a nos aplaudir e algumas pessoas até tiravam fotos.

— *Como sabia que ele tinha namorada, Chris?* — perguntou o Luiz surpreso.

— *Eu vi que ele usava uma aliança na mão direita, e na festa me lembrei dele beijando uma menina ruiva, então eu deduzi que só podia ser sua namorada.* — respondi ao Luiz.

Em seguida tivemos de ir até a delegacia e prestar a ocorrência, o delegado nos disse que o Henrique ficaria detido por alguns dias até aprender. Depois, se nós dois quiséssemos poderíamos entrar com um processo contra ele por homofobia, pois no local havia bastante testemunhas para nos apoiar. Mas eu e o Luiz decidimos que não, pois não valia a pena processar um coitado. Ao sairmos da delegacia tinha vários repórteres querendo saber como eu consegui persuadir o Henrique com aquele discurso, e se era verdade que nós éramos um casal, e se realmente o Luiz largou da namorada por minha causa... Nós já estávamos encrocados mesmo, então respondemos as perguntas pacientemente.

No dia seguinte aconteceu o que mais temíamos, nossas fotos estavam estampadas na primeira página de todos os principais jornais do estado, com as seguintes matérias “Casal gay salva noite em bar” — “Após confusão em bar, casal gay leva a melhor” — “Namorado gay salva seu parceiro após persuadir um homem armado”... Aquele dia nem eu e nem o Luiz fomos estudar, tamanha seria a vergonha que estava nos aguardando. Os pais deles ficaram chocados com a reportagem, pois agora toda a sociedade saberia que seu filho Luiz era gay, mas ficaram aliviados pelo desfecho pacífico da confusão, pois dos males o menor; ninguém se feriu... — pelo menos fisicamente.

Não demorou muito para eu receber uma ligação de meus pais, e eu já imaginava a vergonha que iria passar tentando explicar o acontecido.

CAPÍTULO QUATORZE

a fama

— *Mãe eu posso explicar!* — eu disse, antes mesmo de dizer bom dia ou alô.

Pelo menos eu achava que poderia explicar. Mas minha mãe estava chorando ao telefone, não conseguia nem sequer brigar comigo, então o que eu mais temia aconteceu, meu pai resolveu falar:

— *Calma pai, eu não sou gay como os jornais estão dizendo.*

— *Não! Então você é gay como seu filho-da-puta!*

Aposto que mamãe não gostou do que ele tinha me xingado, mas tudo bem, meu pai continuou me xingando pelo telefone. Ainda bem que eu não estava lá, pois certamente teria meu nariz quebrado mais uma vez.

— *Calma pai... é uma longa história...*

— *Longa história é! Pois saiba que eu e sua mãe estamos indo agora para Londrina e quero que você me conte pessoalmente essa longa história...*

— *Mas pai, não tem necessidade...* — merda! Ele desligou na minha cara.

Na casa do Luiz nós dois explicamos a situação detalhadamente, eu até me desculpei por ter falado as coisas tão alto no bar. Contudo, os pais e a Bruna me agradeceram, pois graças ao que eu fiz o Luiz estava bem, apesar de todo o escândalo que eu coloquei o nome da família Martins.

— *Você salvou minha vida, Chris, obrigado!* — disse Luiz emocionado me abraçando e me beijando no rosto na frente de seus pais e de sua irmã.

— *Agora só tem um problema!* — eu disse.

— *O que é?* — perguntou a Bruna.

— *Meus pais já souberam, e estão vindo pra cá, e estão bem furiosos.*

— *Malditos jornais!* — disse o seu Marcos.

Mais tarde voltei ao apartamento, expliquei a situação para o Marcelo, o coitado deveria estar com uma puta vergonha, pois morava no mesmo apartamento que o gay mais famoso do estado — pelo menos naquela semana. Perguntei pra ele sobre o pessoal da universidade, e ele me diz que o assunto do dia só foi um. Eu estava acabado, juro que

pensei em até trancar a matrícula e esperar todos se formarem, para daí sim voltar com nenhum conhecido por perto. Aquele dia não sai mais para fora do apartamento, alguns colegas da faculdade começaram a me ligar, mas eu não atendi nenhuma ligação, estava morrendo de vergonha e louco de raiva dos malditos jornais que aumentaram a história e deram um ar de dramaticidade maior do que o verdadeiro. Para piorar a situação, eu não sabia que horas meus pais chegariam para me matar, isso me causava uma agonia do tamanho da terra.

Na terça-feira não teve jeito, eu tive de ir pra universidade, pois já estava no limite de faltas, e era semana de prova e eu não havia estudado nada. Achei que o Marcelo não quisesse ir comigo, pois certamente passaria vergonha, mas como ele é um irmão para mim, nós dois fomos juntos. Chegando lá, fingimos que nada tinha acontecido. Eu me despedi dele e ele foi procurar sua turma. Já no corredor eu comecei a ver que me olhavam diferente, como se eu fosse uma enorme barata que traria doenças e sujeira para a universidade — me senti um inseto imundo. Quando entrei na sala de aula, todos que lá estavam ficaram quietos me olhando, eu timidamente dei bom dia e me sentei. Eu sentava sempre na última carteira do lado da janela, isso era bom, pois poderia ver quem ficava cochichando sobre mim. Logo na carteira da frente a Angélica se virou pra mim com uma cara de riso.

— *O que ta pegando, Angélica?*

— *Chris, se prepara, pois tão aprontando pra você!*

Quando ela disse aquilo eu congelei, senti um nó na garganta e meu coração começou a acelerar, eu estava com medo — acho que iria ter um ataque cardíaco. De repente entrou na porta o professor Estevão, chefe do colegiado do nosso curso, eu imaginei que ele estava ali para me expulsar da sala, pois depois de ontem provavelmente eu tinha virado a ovelha negra do departamento — manchado sua reputação —, então o colegiado provavelmente teria feito uma reunião e decidido por me expulsar da universidade.

— *Bom dia pessoal!* — disse ele já focalizando o olhar em mim e encostando-se no quadro negro — que na verdade era verde. Começaram a entrar na sala mais alguns professores do departamento, eu fiquei mais angustiado ainda quando a porta se fechou.

— *Senhor Christopher...* — disse o Estevão — *onde o senhor está?*

Minha perna travou, eu senti a minha pressão cair e minha língua enrolar, acho que além do ataque do coração ia ter também uma convulsão, pois meu coração, eu o sentia na boca fisgando a minha língua. Olhei em volta e todos me olhavam, que puta vergonha eu estava sentindo, minhas axilas estavam abertas que nem uma torneira e eu transpirava que nem um javali. Apenas levantei a mão, já estava fodido mesmo, mais um vexame não ia fazer muita diferença.

— *Por favor senhor Christopher, venha até aqui.*

Eu me levante e fui até onde estavam os professores, tentei imaginar que não havia ninguém ali naquela maldita sala, mas não adiantava. Quando me dei por conta estava cumprimentando o Estevão com a minha mão trêmula.

— *OK. Agora já pode me soltar...* — disse ele rindo para mim.

Eu não sabia pra que lado eu olhava, pois todos estavam me observando sem sequer piscar.

— *Primeiramente senhor Christopher, eu, em nome de todos os professores do departamento quero lhe dar nossos sinceros parabéns...*

— *Mas... mas... parabéns pelo quê?* — disse eu bem baixo para ele.

— *Pelo o quê?... Vejam gente, além de herói é modesto... uma salva de palmas para nosso filósofo.*

Todos começaram a me aplaudir e eu não estava entendendo nada, fiquei com cara de burro perdido no deserto.

A professora Maria Rita se aproximou de mim e disse:

— *Como todos aqui já sabem, esse jovem rapaz, chamado Christopher, aluno do segundo ano de filosofia dessa universidade, fez ontem algo sensacional... ele evitou que acontecesse uma tragédia... graças ao poder de persuasão que aprendeu com os grandes filósofos. Utilizou-se do método Socrático, então criou lacunas gigantescas na cabeça de seu agressor que se viu perdido no meio da razão e da lógica... E têm mais... Sócrates ficaria orgulhoso de você meu filho...*

Depois de dizer isso ela me abraçou e todos bateram palmas novamente. Os professores saíram da sala e a aula prosseguiu ou pelo menos deveria prosseguir, mas todos ali queriam saber mais detalhes do que havia acontecido, uns falavam que eu estava

bêbado por isso falei tão bem, outros que eu deveria escrever um livro, algumas meninas amaram a história e até autografo me pediram, sem contar que a Janaína convidou eu e o Luiz para uma festa de despedida de solteira. *“Ser gay tem seus lados bons, pelo menos as mulheres gostam mais de nossa companhia”* — eu pensei. Depois do vexame eu pelo menos fiquei feliz, pois ninguém me desrespeitou pelo fato de eu ter confessado que era gay e namorava um homem. Na hora de ir embora fui cumprimentado por alunos até de outros cursos. Eu acho que as pessoas estavam tão enjoadas das mesmas notícias de tragédias e mortes nos jornais, que se impressionaram quando saiu no jornal que um gay com um simples diálogo conseguiu apaziguar um cara prestes a matar seu namorado — isso era romântico — e a maioria das pessoas no fundo gostam de ver histórias de amor, mesmo que fossem de casais homossexuais. Mas, na verdade, eu acho que fizemos tanto sucesso assim graças aos jornais que aumentaram um pouco a história, pois não me lembro de ter abraçado o Luiz no fim da confusão e dito a ele que o amava.

CAPÍTULO QUINZE

perdendo dinheiro

Quando cheguei da universidade junto com o Marcelo meus pais já estavam me aguardando na portaria do nosso apartamento. Antes de meu pai me bater ou minha mãe começar a me xingar eu os abracei e apresentei o Marcelo, e pelo jeito que meu pai o cumprimentou aposto que ele achou que o Marcelo e eu também tínhamos um caso.

Subimos nós quatro no elevador, minha mãe olhou para minha cara e eu tentei desviar o olhar, então ela disse:

— *O que houve com seu nariz, Christopher?*

— *Nada mãe, eu acordei de madrugada e bati a cara na porta.*

Acho que não colou a desculpa, mas ela não insistiu para saber a verdade, pois o outro problema era bem mais grave.

Já dentro do apartamento o Marcelo pediu licença para tomar banho, pois teria que trabalhar ainda. Eu convidei meus pais para se sentarem no sofá, busquei um copo de suco de laranja para eles e me sentei bem próximos aos dois.

— *Filho, o que está acontecendo com você?* — indagou meu pai.

Eu resolvi abrir o jogo com eles, pois, pior que o jornal dizia não ia ficar, além do mais tinha um jornal que chegou ao absurdo de afirmar que eu namorava com o Luiz acerca de dois anos e meio. Então eu tinha que falar somente a verdade pra eles, e desmentir o sensacionalismo dos jornais.

— *Pai, mãe... eu não sou isso que os jornais estão mostrando... Vocês sabem que eles aumentam os fatos pra vender mais jornais...*

— *Filho... Você não disse que estava namorando uma garota chamada...*

— *Natália, pai...*

— *Isso mesmo, Natália... o que aconteceu com ela?*

— *A gente terminou o namoro... na verdade ela terminou... e depois disso...*

— *Você virou gay, Christopher?* — perguntou minha mãe.

— *Na verdade... tecnicamente eu não sou gay... sou bissexual...*

— *Bi o quê meu filho... nós te ensinamos a gostar de buceta e agora você vem com essa história...*

— *Gomes, olha os modos de falar...* — disse minha mãe censurando meu pai sobre o “buceta”.

— *Modos? Julia. Nosso filho sai como gay na capa de todos jornais do estado e você quer que eu tenha modos...*

— *Pai... isso não é culpa de vocês... eu nasci assim, desde pequeno tenho esse desejo... ele ficou reprimido por um tempo... — silêncio — mas depois que eu me separei da Natália e conheci o Luiz... nós acabamos nos envolvendo e deu no que deu...*

— *E quem é esse tal de Luiz, como vocês se conheceram?* — perguntou minha mãe chorando.

— *A história é um pouco diferente... pois eu estou namorando sim... mas não com o Luiz...*

Pela cara que os dois fizeram apostro que acharam que eu fosse falar que era outro homem o meu namorado.

— *Estou namorando com a irmã do Luiz.*

— *Meu Deus, filho, você está perdido, não sabe o que quer... quem é essa moça, é travesti?*

— *Claro que não, pai. A Bruna é a garota mais linda que eu já conheci...*

— *Então quem é esse Luiz e o que vocês estavam fazendo naquele bendito bar?* — perguntou meu pai se alterando.

— *O Luiz é meu amante, pai...*

Então eu expliquei mais detalhadamente como tudo aconteceu; a festa na casa do Luiz, como conheci a Bruna e como acabei me apaixonando pelos dois, eu só não contei sobre as orgias e sobre a verdade do nariz quebrado, pois se meus pais soubessem eram capazes de querer tomar satisfação com o seu Marcos.

Achei que meus pais apesar de chocados e indignados entenderam bem a situação, só insistiam em se perguntar onde que erraram em minha criação, mas eu consegui convencê-los que isso vinha de mim, eu já nascera programado com esse desejo pelos dois sexos. E brincando com eles, eu disse que os maiores filósofos gregos defendiam o bissexualismo, desde que feito com sabedoria e não com luxúria. E que até Alexandre o Grande foi bissexual.

— *É isso que você aprende no seu curso?* — perguntou meu pai.

— *Claro que não pai!* — eu respondi.

Depois de conversarmos, mamãe foi preparar um almoço para nós. Que pena o Marcelo ter ido trabalhar, pois perdeu o melhor almoço que já fora preparado naquele apartamento.

Logo após o almoço o meu pai me disse que tinha marcado um psicólogo para mim, pois seria bom para me ajudar nas minhas escolhas... Eu sabia que era jogar dinheiro fora, mesmo assim aceitei, pelo menos assim eles talvez percebessem que isso não era doença.

Eu e meu pai fomos sozinhos ao tal psicólogo, íamos ser atendidos às quatro horas da tarde. Mas como chegamos três e meia ao consultório eu entrei mais cedo para falar com o “ser”... Dentro havia uma mesa, alguns livros numa estante de madeira e um sofazinho bem engraçado todo enrugado. Achei que o psicólogo fosse homem, mas era uma mulher, loira e bem alta.

— *Boa tarde, Christopher, me chamo Karina e sou sua psicóloga a partir de agora.*

— *O seu pai, o senhor Gomes, já me adiantou um pouco o que está acontecendo com você, mas eu quero ouvir um pouco mais dessa história por você mesmo...*

Ela me fez sentar no sofazinho enrugado e eu comecei a falar enquanto ela anotava tudo num caderno. Depois de um longo período de perguntas e respostas ela começou a me contar histórias de Afrodite, Hermes e Hermafrodita... — eu estava quase dormindo. Depois continuou a falar que esse desejo bissexual vem do cérebro, pois quando pequeno eu havia me colocado tanto no lugar materno quanto paterno. Então eu disse a ela que nunca pensei em ser mãe e nem pretendia ser mulher... Ela me disse para ficar tranquilo que eu não seria nada disso. Fiquei surpreso quando ela afirmou que o que eu sentia era normal, que eu apenas tinha reprimido esse desejo por algum tempo, então o fim do namoro com a Natália havia feito meu subconsciente retornar o recalcado e por isso eu me sentia com aquela louca obsessão pelos dois sexos, mas me disse também que, não era normal eu ficar com dois irmãos ao mesmo tempo, e que o sensato seria escolher apenas um — essa parte eu não gostei. Quando saí de lá, ela conversou a sós com meu pai, eu me senti uma criança, pois mesmo com vinte anos o meu pai ainda queria tomar decisões por mim.

Já de volta em casa, nós conversamos sobre o que a psicóloga falou, meu pai parecia não muito satisfeito, acho que o desejo dele era que ela tivesse dito que eu estava com uma doença e que teria cura. Fazer o quê... eu sabia que seria perder dinheiro.

Na hora que eu fui entrar no banheiro para tomar um banho o telefone tocou e era o Luiz.

— *Chris, você tem que vir aqui em casa agora!*

— *O que houve, Luiz?*

— *Tem um pessoal aqui dizendo ser de uma revista GLBTS e estão dispostos a nos pagar uma grana só para darmos uma entrevista.*

— *Mas Luiz, os meus pais estão aqui, não sei se é uma boa ideia darmos entrevista pra uma revista...*

— *Por que não cara, é uma grana boa, se você aceitar dá até pra comprar um carro.*

— *OK Luiz, vou ver o que faço aqui, daqui a pouco eu chego aí na sua casa, um abraço!*

Fui na cozinha, minha mãe estava lavando louça e meu pai mexendo em seu notebook.

— *Mãe, pai... eu tenho que dar uma saída...*

— *Onde você vai?* — perguntou meu pai.

— *Tem alguns repórteres na casa do Luiz querendo uma entrevista conosco, vão até pagar, e acho que será bom para tentarmos desmentir alguns fatos que saíram nos jornais e que não são verdades...*

— *E você vai de quê?* — perguntou meu pai.

— *A pé, a casa dele é uns vinte minutos daqui.*

Meu pai fechou o notebook, levantou-se arrumando a calça e disse:

— *Vamos eu te levo, além do mais, quero conhecer esse tal Luiz.*

“Que merda!” — eu pensei.

Na casa do Luiz apresentei meus pais — morrendo de vergonha — e, para meu azar a Bruna não estava lá, a dona Vera disse que ela ia dormir na casa de uma amiga para terminar os trabalhos da faculdade, eu fiquei puto de raiva, pois ela nem me avisou. Meus pais se acomodaram no sofá, enquanto dona Vera conversava com eles, o seu Marcos estava trabalhando.

Eu fui até o quarto do Luiz onde dois repórteres esperavam por mim, era um japonês de um metro de sessenta e cinco, um pouco mais baixo que eu e uma mulher aparentando entre quarenta e quarenta e cinco anos, mas, que estava com tudo em cima.

Eles se apresentaram e apresentaram a revista GLBTS (*Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros e Simpatizantes*) no qual trabalhavam, disseram o que queriam de mim e do Luiz, e fizeram uma proposta financeira. Então eu pedi para falar a sós com o Luiz, eles aceitaram e eu e ele fomos até o quarto da Bruna para conversar.

— *Cara você tá louco! Eu não vou participar dessa putaria.*

— *Mas Chris, a gente só tem que tirar algumas fotos juntos na cama e responder algumas perguntas, e aumentar algumas respostas.*

— *Luiz, imagina o que a Bruna vai pensar quando ver tudo isso, pô cara, eu não quero magoá-la.*

Luiz refletiu, e acabou se convencendo que o que eles queriam fazer era armar um espetáculo no qual nós dois seríamos os palhaços. A gente acabou aceitando a proposta com a condição de não tirar nenhuma fotografia e não acrescentarem nada a mais nas nossas respostas. Mas com essas condições a gente só ganhou quarenta por cento do que eles queriam pagar inicialmente. A entrevista foi tranquila, basicamente respondemos as mesmas perguntas que os repórteres de jornais já haviam perguntado anteriormente.

Na sala meus pais pareciam se divertir com a dona Vera. Esperamos lá na casa até o seu Marcos chegar, então meu pai e ele foram para o seu escritório lá nos fundos, com a desculpa de falar sobre negócios. Mas na verdade acho que estavam com vergonha de falar sobre o caso na nossa frente.

Quando os dois voltaram, meu pai me chamou para irmos embora, mas a dona Vera insistiu que jantássemos ali, e minha mãe acabou aceitando — por nós. Eu estava louco de curiosidade para saber o que se passava na cabeça do seu Marcos e de meu pai, pois não devia ser fácil para eles aceitar que seus queridos filhos “varões” gostavam de homens.

A dona Vera chegou à mesa trazendo um retrato da Bruna e entregou-o para minha mãe — talvez amenizasse o seu sofrimento.

— *Hunnn, ela é linda, parabéns pela filha!* — disse minha mãe. Meu pai confirmou. Dona Vera e seu Marcos sorriram e eu e o Luiz fingimos que não estávamos ali.

Então meu pai me matou de vergonha com uma pergunta:

— *Mas filho, quem você tá namorando?*

— *Que pergunta mais chata, pai!*

— *Com a Bruna!* — respondeu Luiz. Ele sempre me salvava de perguntas complicadas.

— *Jovens... quem entende vocês!* — disse seu Marcos rindo.

Graças a Deus meus pais se comportaram bem — tirando a pergunta indesejada —, e deixaram e também levaram uma boa impressão daquela casa. Meu pai e minha mãe ficaram felizes ao saber que eu tinha novos “pais” cuidando de mim enquanto eles estavam longe.

No dia seguinte depois da aula meus pais foram embora, eu e o Luiz levamos eles até o aeroporto — para fazer uma moral —, e no caminho de volta passamos no banco para trocar nosso cheque da revista.

— *Chris, que tal pegarmos parte dessa grana e fazermos uma festa?*

— *Só se for pra esse fim de semana!*

CAPÍTULO DEZESSEIS

a melhor festa de nossas vidas

A festa desta vez foi marcada para o sábado, em uma chácara do tio da Amanda, que ficava em Ibiporã. Por volta das nove horas da noite o lugar já estava bombando. Havia bem mais pessoas que na festa da casa da Carol, o lugar era grande e tinha uma piscina enorme, campo de futebol e alguns chalés para passar a noite, fora a casa principal que também era gigantesca. Eu e o Luiz fomos os primeiros a chegar para recepcionar os convidados; e eles traziam cervejas, whiskies, vodcas, batidinhas e tudo que é bebida alcoólica imaginável. Refrigerante naquela festa era motivo de risos.

Eu convidei alguns amigos da faculdade e esses amigos trataram de convidar mais alguns amigos, mas logo avisei que não era um tipo de festa comum, e que lá rolava de tudo depois de certas horas — eles adoraram —, eu disse isso para o Marcelo também, mesmo assim ele inventou uma desculpa para a Michele e disse que queria curtir, afinal ele estava cansado de ser certinho o tempo todo.

Ao som de Rock, Dance, Pop e Funk a festa foi se desenrolando, não era nem dez horas e já tinha gente pelada na piscina, o Marcelo estava um pouco assustado, pois não estava acostumado a ver meninas beijando meninas e homens se esfregando. Também tinha um pessoal que estava se beijando a três, o Marcelo achou aquilo nojento.

— *Se divirta cara!* — disse para o Marcelo.

Então fui até a piscina onde a Bruna estava conversando com a Pâmela. Dei um beijo na Bruna, enquanto a Pâmela fazia um biquinho querendo um beijo também, então para não deixá-la infeliz lhe dei um selinho.

— *Como seu gatinho beija bem... Uau!* — disse ela pra mim e pra Bruna.

— *Como as pessoas mudam quando tão com álcool na veia.* — eu gritei para a Bruna. Ela confirmou com a cabeça.

— *Tá afim de repetir o que fizemos na festa anterior, Chris?*

— *Claro meu amor, mas acho que não vai dar pra usarmos essa piscina!* — eu gritei.

Então deixamos a Pâmela ali na beira da piscina e fomos até um dos poucos chalés que ainda estavam livres.

Antes mesmo de entrarmos ela já começou a me beijar no pescoço e eu já estava louco pra fazermos amor. Lá dentro fechamos a porta e a cortina, acendi a luz e comecei a beijá-la, deitei-a na cama e tirei toda sua roupa, comecei lambe os seus pés — realizei meu sonho — depois suas coxas, em seguida enfiei o dedo na sua bucinha e ela delirou, depois comecei a enfiar a língua bem fundo e ela segurou nos meus cabelos como se fosse arrancá-los fora. Ela levantou louca de tesão e me jogou na cama, tirando meu tênis, minha calça, minha blusa e por fim minha cueca. Começou beijando os meus pés e eu fiquei super excitado, até que ela subiu mordendo minha perna até chegar no meu saco; deu umas mordidinhas que chegaram a doer, então colocou meu pinto na boca começou a sugá-lo como fosse um canudinho, depois disso nós penetramos gostoso e eu gozei dentro dela e terminamos com um delicioso beijo ao som de TOC, TOC, TOC...

— *Tem gente!* — eu gritei.

Ficamos ali deitados por mais vinte minutos, nesse tempo fiquei brincando com os seus seios.

— *Chris...*

— *O que foi?*

— *Eu te amo!*

— *Eu também te amo!*

Nos vestimos e fomos curtir o restante da festa, tomei um copo com um monte de misturas que um cara me deu e fui pra galera. De repente um grupinho me cercou e me convenceu a tirar a bala da boca da Amanda, como tudo era diversão eu nem liguei, só que ao invés de só pegar a bala de sua boca eu lhe meti um beijo de língua de uns dois minutos — “tomara que a Bruna não veja isso” eu pensava enquanto a beijava.

Depois eu saí, mas tinha que encontrar alguém logo para passar a bala — essa era a regra da brincadeira —, o grupinho me seguiu gritando na minha orelha até eu encontrar alguém pra passar a bala.

— *Passa, passa, passa...* — eles gritavam freneticamente.

Querendo me livrar logo daquele povo doido peguei o primeiro carinha que vi na minha frente e lhe dei um beijo e passei a bala. Ele ficou tão assustado com o beijo e com a gritaria que acho que até engoliu a bala. Eu estava me sentindo muito louco, fui até perto do freezer e vi o Marcelo aos beijos com uma garota de saía jeans. Me aproximei e gritei:

— *Olha a Michele chegando!*

Eu quase morri de rir, ele levou um susto e derrubou toda a cerveja na menina.

— *Pô Chris, assim você me mata cara!*

— *Tô zoando velho, vai se divertir, tem um chalé ali no canto que tá vazio, por que você não leva a moça pra se enxugar lá...*

— *Cara, essa festa é demais, uhuuu! — gritou o Marcelo.*

— *Marcelo, acho que você já bebeu demais cara...*

— *Que nada Chris... o álcool liberta o homem e expulsa nossos demônios, yahooooooo...*

— *E aí loirinho... eu estava te procurando.*

Olhei pra trás era o Luiz, e pra minha surpresa estava só de cueca.

— *Onde se tava, Luiz?*

— *Curtindo umas minas na piscina e você?*

— *Curtindo uma mina no chalé!*

— *Então Chris, chega de curtir garotas por hoje, o que você acha?*

— *Uma excelente ideia, Luiz.*

Procuramos um chalé, mas todos estavam ocupados, inclusive vi que o Marcelo realmente seguiu meu conselho de levar a garota para o chalé. Peguei o Luiz pela mão e o levei até a parte de trás da casa, onde tinham várias árvores e era bem escuro. Lá já tinham alguns caras transando, então nem ligamos e escolhemos uma árvore qualquer e começamos a nos beijar.

— *Chris, você tá com gosto de xana na boca...*

— *Eu sei...*

— *Cara, eu adoro esse gosto — disse ele me beijando mais ainda.*

Ele começou a tirar minha roupa, então nós dois ficamos pelados ali, eu beijei ele todinho e mordi seu saco que nem a Bruna tinha feito comigo, ele adorou. Continuamos nos esfregando e nos chupando até que ele me virou de costas e começou a esfregar o pinto

na minha bunda. Nunca tinha dado antes, mas resolvi que se fosse dar, tinha que ser pra alguém que eu amava. No começo confesso que doeu horrores, parecia uma faca me penetrando, mas o Luiz era carinhoso e foi colocando e tirando bem devagar até eu acostumar com a situação. Foi uma loucura, sentia um fogo ardendo dentro de mim todo, parecia que eu iria me auto incinerar, mas aquilo era ótimo, e percebi que foi a melhor transa que tive com ele até então.

Por volta das duas da madrugada começou a festa na piscina, todo mundo praticamente entrou, acho que só o Marcelo que perdeu, pois estava muito ocupado no chalé.

— *Vamos pular meus amores?* — eu disse olhando pra a Bruna e pra o Luiz.

Então eles olharam pra mim de um jeito esquisito, como se tramassem algo, e eu estava certo, os dois me pegaram pelas pernas e me jogaram no meio da piscina de roupa e tudo e ficaram rindo, enquanto debaixo da água aqueles loucos tentavam tirar minha roupa, me beijar, me acariciar, me chupar... foi difícil sair dali, mas eu consegui.

— *Pô agora fiquei excitado, qual de vocês dois vai me ajudar?* — eu perguntei para eles.

— *Sua vez, Bruna!*

— *Eu não, vai você Luiz!*

Então nós três nos abraçamos e ficamos deitados ali perto da piscina curtindo o som de resto de festa, não demorou pra nós três dormirmos, e só acordarmos com o sol na nossa cara e os passarinhos cantando.

— *Bom dia povo!* — gritou a Amanda.

A gente levantou com a cara toda amassada, e rimos um do outro. Essa sem dúvida foi a melhor festa de nossas vidas.

CAPÍTULO DEZESSETE

não adianta insistir

No domingo fizemos um mutirão e logo depois de organizarmos toda a bagunça da festa e recolhermos quase um quilo de camisinhas usadas nós quatro fomos embora. O Marcelo nós tivemos que jogar água na cara dele pro coitado sair do chalé, pois a garota que ele pegou certamente havia acabado com ele. No carro ele disse que estava arrependido, que não devia ter traído a Michele. Começamos a rir da cara dele, e dissemos que se ele ficou com a garota só por prazer não era traição, mesmo assim o coitado estava só o pó, tanto de arrependimento quanto cansaço.

— *Marcelo, você tem que frequentar mais festas conosco, ontem você agitou legal.* — disse Luiz.

— *Se eu sobreviver quem sabe!* — disse ele referindo-se a Michele que já havia ligado pra ele um milhão de vezes e ele não atendido.

— *Marcelo, relaxa; qualquer coisa eu falo pra Michele que você tava comigo.*

— *Esse que é o perigo, Chris.*

O Luiz deixou a gente em casa antes do jogo na TV, tomamos banho e depois ele caiu deitado no sofá e eu no chão.

— *Você lembra o nome dela, Marcelo?*

— *Dela quem, Chris?*

— *Da garota do chalé!*

— *Aiii... Chris, não me torture mais... tô tentando esquecer.*

— *Você tava bem alegre na festa.*

— *Eu sei... e você Chris, ficou com alguém?*

— *Eu... a festa tava perfeita... fiquei com meus dois amores.*

— *Cara você é maluco! Ficou com os dois ao mesmo tempo?*

— *Não, claro que não...*

— *Que bom! — menos mal meu amigo...*

— *E ainda dei uns beijos numa amiga gostosa da Bruna, e também num carinha lá... — Mas foi tudo pela aquela brincadeira de passar bala.*

— *Cara teu pinto ainda vai te matar!* — disse Marcelo exausto no momento que o interfone tocou.

— *Atende lá, Chris...*

— *Atende você que tá mais perto...*

O aparelho tocou mais duas vezes até que eu levantei e fui atender.

— *Boa tarde senhor Christopher, a senhorita Michele tá aqui na portaria, posso deixá-la subir.* — disse o Sr. Domingos.

— *Claro seu Domingos, deixe-a entrar, por favor.*

— *Marcelo, se liga, que a Michele tá subindo.*

Quando eu disse isso ele virou praticamente outra pessoa, levantou-se rapidamente, vestiu uma camiseta, molhou o rosto e se revigorou instantaneamente.

— *Chris, não fale nada da festa pra Michele... — deixe que eu me entendo com ela.*

— *OK!* — eu disse.

Fui para o meu quarto, não estava afim de ver os dois brigando.

De dentro do meu quarto dava pra escutar a histérica gritando frases “*Você não me dá valor*” — “*Marcelo você só pensa em si próprio*” — “*Poderia pelo menos ter ligado*”. Coitado do Marcelo, estava ferrado com a Michele, isso por que ela não sabia ainda do chalé.

Abri a janela do meu quarto e fiquei olhando para fora do apartamento, imaginando o que a Bruna e o Luiz estavam fazendo naquele exato momento. Pensei em ir na casa deles, mas achei melhor não, tenho ficado demais por lá.

Estava ligando o computador quando meu telefone tocou, era a Natália. Com certeza queria zoar na minha cara pelos últimos acontecimentos.

— *Alô, Natália!*

— *Oi, Chris!*

— *Me ligou pra que, quer zombar de mim também, me chamar de bicha, gay...*

— *Calma garoto! Eu te liguei pra ver como você está.*

— *Eu estou bem, aliás, nunca estive melhor...*

— *Que bom Chris, fico feliz por você...*

Enquanto ela falava umas abobrinhas no telefone eu estava entrando na sala de bate-papo. Dessa vez usei o *nick* “Curtodetudo”.

— *Chris, eu estou precisando falar com você, queria saber se eu posso ir aí no seu apartamento.*

— *Não dá pra falar por telefone?*

— *Não dá, Chris!*

— *OK, pode vir então, mas vem logo que a noite eu vou sair.*

Desliguei o telefone e continuei na sala de bate-papo. Por fim, acabei conhecendo um tal de Alan, dezenove anos e que morava no Cinco Conjuntos. Ligamos a webcam, percebi que ele era bem lindinho, tinha cara de bebe, ele me mostrou o pau sem eu pedir, achei massa. Ele insistiu pra eu mostrar o meu, então eu mostrei, ele diz que adorou e perguntou se eu tinha lugar. Eu disse que tinha, e ele perguntou se eu queria dar uma real hoje. Falei pra ele que sim. Ele pediu meu endereço, mas eu não dei, disse então que o esperaria em frente à catedral às oito da noite, ele perguntou o meu nome, eu disse: “William”. Depois saí do bate-papo, deitei na cama e bati uma punheta pensando na transa com o Luiz. Depois de gozar fiquei parado e meu pinto já estava ardendo. Nesse momento me arrependi de ter marcado o encontro com o tal de Alan, mas agora já era tarde e eu não tinha nem pegado o telefone dele pra desmarcar.

A porta do meu quarto abriu de repente, então eu coloquei a mão no pinto — que vacilo —, só vi a Michele fechando os olhos e dizendo:

— *A Natália tá lá fora, Chris.*

— *Tá bom... mande-a entrar, por favor, Michele.*

Eu fiquei vermelho de vergonha e coloquei o shorts rapidamente, ficando sem camiseta.

Na hora que eu saí, a Michele estava no corredor e o Marcelo assistindo o jogo, pelo visto a briga tinha sido feia. “*Será que ele havia dito algo sobre o chalé*” — eu pensei.

— *Chris, depois você vai me explicar essa história de festa gay da revista...*

“*Que porra de festa gay de revista?*” — imaginei eu — o Marcelo tinha se superado na criatividade agora.

— *OK, Michele, depois conversamos...*

Na hora que eu abri a porta a Natália já estava ali, e estava muito bem vestida, uma calça grudada no corpo e uma blusinha que deixava sua barriguinha de fora. Estava muito gostosa, nem parecia aquela menina que só vestia roupas de senhora.

— *Posso entrar ou vai ficar me olhando?*

— *Claro, me desculpe, pode entrar.*

A Natália cumprimentou a Michele, e foi até na sala cumprimentar o Marcelo, depois fomos ao meu quarto, dessa vez eu tranquei a porta.

Deitei na cama e perguntei a Natália o que ela queria. Ela me respondeu que apenas estava com saudades.

Só me faltava essa, ela me deu um pé na bunda e agora quer reatar o namoro.

— *Chris, eu não devia ter terminado com você, eu sinto muito!... Mas era apenas para ser um teste, pra ver se você sofreria e pedisse para voltar, pois assim saberia que você me amava...*

Que a pariu... a safada fez tudo isso planejando, me fez sofrer de graça. Eu não queria acreditar no que ela acabara de me dizer, como pude ser tão burro...

— *Mas Chris... eu quero que você me perdoe, prometo que se você voltar pra mim eu vou ser a melhor namorada do mundo.*

— *Acabou Natália... por sua culpa eu não sinto mais tesão por mulheres, eu virei gay... — Você não lê jornal não?*

— *Eu vi Chris, mas acho que você apenas confundiu as coisas, não acho que você é gay, pois...*

— *Eu sou gay sim!... gosto de homem... e até estou namorando com um.*

— *Eu não acredito que você não sinta mais tesão por mulheres, Chris...*

— *Pois pode acreditar, eu estou em outra agora.*

— *E aquela tal de Bruna que atendeu o seu celular dizendo ser sua namorada?*

— *Eu disse pra ela falar aquilo... ela é irmã do Luiz o meu namorado...*

— *Chris, não faça isso com você, por favor...*

— *Não fui eu quem fiz, foi você! Deveria ter pensado antes de fazer o que fez.*

Ela estava alterada, veio pra cima de mim na cama, achei que fosse me estrangular, mas começou a se esfregar em mim...

— *Vamos ver então se você não sente mais tesão por mulheres.*

A Natália estava doida, começou tirar a roupa, abaixou meu shorts e começou a me chupar como nunca tinha chupado enquanto éramos namorados. Estava gostoso — eu confesso — mas eu tinha que resistir e provar de qualquer jeito que era gay. Na hora pensei em um monte de coisas nojentas: “baratas, lesmas, vermes, cachorro atropelado, fígado de boi...” E parece que estava funcionando, meu pau não endurecia de jeito nenhum, um pouco disso se deve ao fato de tê-lo usado muito na noite anterior e acabado de me masturbar. A Natália ficou ali insistindo, até que viu que não iria funcionar.

— *Droga, Chris! Você não ajuda...*

— *Desista Natália, eu sou gay... do que você gosta, eu chupo até o caroço.*

Confesso que tava morrendo de vontade de transar com ela, essa ideia de transar com ex namorada me deixa excitado, mas eu não podia vacilar, senão ela não desgrudaria mais do meu pé.

Convencida que não conseguiria nada comigo, ela vestiu sua roupa e eu a minha. Falei pra ela que realmente estava apaixonado pelo Luiz e que seria fiel, pois só ele me satisfazia.

Ela saiu do apartamento com tanta raiva que nem se despediu do Marcelo e da Michele. Eu fui para a cozinha beber um copo de água e lá no sofá estavam os dois já abraçados e dormindo. “Como é lindo e cego o amor!” — eu pensei.

CAPÍTULO DEZOITO

o canalha e o entregador de pizza

Saí do apartamento umas sete e meia da noite para o encontro com o tal Alan, falei para o Marcelo que ia conhecer um cara lá perto da catedral e que se a Bruna ou o Luiz ligassem era pra dizer que fui à casa de um amigo fazer um trabalho da faculdade.

— *Você não presta, Chris!* — disse ele quando eu saí.

Fui a pé até a catedral — não era muito longe —, o calçadão estava vazio e não se via uma alma viva sequer.

Chegando lá já avistei o Alan, ele estava próximo às escadas.

— *Você deve ser o William, prazer eu sou o Alan.*

Ele estendeu a mão pra mim, ao tocar senti que era uma mão bem macia e que tinha um encaixe perfeito.

Conversamos um pouco, ele disse que era homossexual e que só gostava de meninos, eu pensei — *“que pena”* — não sabe o que é prazer, pois na minha concepção o ser humano só se completa mesmo quando curte um pouco de tudo.

A gente continuou conversando e ele me perguntou se eu estava afim de ficar com ele, eu disse que sim. Mas não ia levá-lo para casa, pois era arriscado, então decidimos alugar um hotel ali perto da antiga rodoviária, não era lá essas coisas, mas para o que queríamos fazer estava bom demais.

Quando entramos no quarto, ele começou a me beijar e depois me chupar, não sei por que mas eu comecei a ficar angustiada, pensando na Bruna e no Luiz. Ele deitou-se de costas e pediu para eu comer ele, me entregou uma camisinha já aberta de aroma de morango. Eu olhei pra a bunda dele, era bem lisinha e durinha, mas eu não podia fazer aquilo, então me encostei na parede sentado na cama e comecei a chorar.

— *O que foi cara! Eu te fiz alguma coisa?* — perguntou o Alan.

— *Não Alan, não foi você cara, eu é que não presto. Ultimamente só tenho pensado em sexo, sexo e sexo. E a vida não é só isso cara!...* — eu disse quase que soluçando.

Me senti imundo e nojento, jogado no meio dos vermes e baratas que imaginei para não deixar a Natália me excitar. Então o Alan me abraçou, eu encostei a cabeça no colo dele e comecei a chorar que nem criança... Só queria estar nos braços de minha mãe naquele momento e mais ninguém. Fiquei chorando no colo do Alan por uns quinze minutos, mas ele em momento nenhum quis fazer nada na marra, ele me entendia, e eu acabava de ganhar mais um amigo.

Na despedida eu disse meu nome verdadeiro e dei um abraço nele e pedi desculpas, mas ele estava tranquilo, nós trocamos os telefones e eu disse que sempre fazíamos festas, e que eu o convidaria para a próxima.

Já de volta ao apartamento o Luiz estava me esperando lá.

— *Oi loirinho, onde você estava?*

Ele percebeu que eu estava mal, nós dois fomos para o meu quarto e eu terminei de chorar em seu colo, enquanto ele me fazia carinho em minha cabeça.

Eu disse que estava com saudades de meus pais, e que logo passaria. Mas na verdade eu estava chorando porque na hora que estava com o Alan eu senti uma puta dor no coração ao pensar que os meus atos poderiam magoar ele a Bruna.

Foi depois que chorei no colo do Luiz que prometi a mim mesmo nunca mais trair os dois, ou pelo menos tentar. Quando consegui parar de chorar ele levantou-se e disse:

— *Nós temos que conversar um assunto, e é sério, Chris!*

— *Fala Luiz, o que foi?*

Ele ficou quieto e sentou-se novamente ao meu lado na cama, colocou meus pés sobre o seu colo e começou a massageá-los.

— *Chris, eu sei que você tá curtindo ficar comigo e com minha irmã, e confesso que eu também tô... mas você sabe que vai chegar uma hora que isso vai acabar... então você terá que optar por mim ou por ela... E aí, o que você me diz?*

— *Eu sei Luiz, mas o que eu posso fazer, eu gosto de vocês dois... — Eu ia ficar só com a Bruna, pois sabia que um relacionamento homossexual é complicado de manter, teria que ser escondido e isso é muito chato... mas daí você terminou com a Carol e o país inteiro ficou sabendo que nós temos um caso, inclusive nossos pais... as peças mudaram de lugar novamente... — agora já não sei mais quem escolher...*

— *Então para você, eu e a Bruna somos peças de seu jogo?*

— *Não Luiz, não disse isso, você entendeu o que eu disse!*

O Luiz parecia muito confuso também com aquela situação, pois sempre havia ficado com homens, mas essa era a primeira vez que se apaixonava por um. Eu puxei ele para perto de mim, encostei sua cabeça no travesseiro e nós nos beijamos.

— *Eu te amo loirinho!* — ele disse colocando a mão nos meus lábios.

Nós dois ficamos namorando por alguns minutos, dessa vez nada de sexo, só ficamos curtindo uns beijos e carinhos. Logo em seguida fomos à cozinha e o Marcelo perguntou se a gente queria comer pizza, eu e o Luiz dissemos que sim. — Ligamos e pedimos. Na hora que o entregador chegou, aconteceu algo muito engraçado. Eu estava junto com o Luiz, nós abrimos a porta e o moço da pizza ficou nos encarando, só pelo jeito que nos olhou eu já percebi que ele tinha gostado de alguma coisa. De repente ao entregar as pizzas para a gente ele perguntou:

— *Por acaso vocês são o Luiz e o Christopher do jornal?*

— *Sim, somos nós!* — respondeu o Luiz.

— *Aiiii meninos, sou fã de vocês, por favor, me dêem um autografo...*

Nós ficamos espantados, pois o rapaz da pizza havia se revelado, sua voz grossa havia ficado que nem de uma moça... Eu e o Luiz rimos, então ele nos deu um papel e uma caneta e nós assinamos nossos nomes um encima do outro, e o rapaz da pizza fez um coração em volta dos nossos nomes e diz ser para abençoar nossa união. Diz que amava os casais gays e nos deu parabéns pela coragem de assumir para o mundo o nosso amor. Antes dele ir embora, ainda insistiu para que tirássemos uma foto com ele, nos entregou o celular então pedimos para o Marcelo bater a foto. Ele ficou no meio fazendo cara de intelectual. Depois que entramos quase perdemos o apetite de tanto rir, eu sentia meu coração super bem naquele momento, pois estava junto dos dois homens que eu mais amava nessa vida — além de meu pai —, o meu amor/cunhado e o meu melhor amigo.

— *Momentos como esses deveriam se eternizar...* — eu disse para os dois sentados na mesa comendo a pizza.

CAPÍTULO DEZENOVE

você me mata de vergonha

A semana que se seguiu foi bastante conturbada, pois já era quase dezembro e estávamos na última semana de aula. Por ter que estudar para não reprovar em nenhuma matéria eu não fui na casa do Luiz nessa semana, pois agora que eu era o queridinho dos professores, tinha que dar bom exemplo e me dedicar ainda mais à academia. Todo dia na faculdade alguém me perguntava do Luiz: “como ele era?”, “o que fazia?”... — Eu pensava que as pessoas teriam mais preconceitos, no entanto se mostravam mais verdadeiras e próximas... Então eu cheguei a uma conclusão... posso até estar errado... porém, quem nunca errou nessa vida?... Comecei a pensar que todas as pessoas são bissexuais, e aquelas que dizem ao contrário, é porque nunca tiveram coragem de experimentar os dois sexos, pois se importam mais com os preconceitos sociais do que com suas próprias vidas. — Eu posso estar errado, mas é isso que eu acho!

Na quarta-feira um pouco antes de chegar no apartamento, recebi um telefone de meus avós: Seu Francisco e dona Cândida, queriam que eu explicasse porque os jornais diziam que eu era gay. Eu amaldiçoei mais uma vez os malditos jornais, pois até no sítio eles estavam chegando agora. Como eles eram muito velhinhos, achei melhor não contar a verdade, pois não queria chocá-los ou quem sabe até provocar um ataque do coração. Então eu disse que foi tudo armação para tentar evitar uma tragédia, que na verdade, eu era namorado da irmã do Luiz e não dele. Acho que eles acreditaram em mim, na verdade eu não menti, pois sou namorado da irmã do Luiz. Meu avô ficou mais tranquilo, até me desejou felicidades com minha namorada, e disse pra eu casar logo enquanto eles ainda respiravam. Eu me emocionei quando falaram isso, e senti uma baita saudade deles. Meu avô disse que nós nos veríamos no natal, e que era para eu levar minha namorada. Me despedi mandando um beijo bem grande e dizendo que os amava.

Graças a Deus na faculdade tudo ocorreu maravilhosamente bem, eu passei em todas as matérias e agora já era um aluno do terceiro ano. A Bruna e o Luiz também passaram para o segundo ano de Direito e Arquitetura respectivamente.

Para comemorarmos resolvi convidá-los pra ir ao cinema na sexta-feira, só que o Luiz falou que não queria sair, principalmente num lugar movimentado como o cinema, pois iriam reconhecê-los que nem o entregador de pizza, e eles não teriam paz. Realmente ele tinha razão, pelo menos por enquanto era bom não frequentarmos juntos lugares com grande fluxo de pessoas. Mas como a vida segue, eu fui ao cinema junto com a Bruna.

Nos divertimos muito lá, comemos a pipoca mais “cara do mundo” com refrigerante quente, enquanto eu não tirava os olhos da tela.

— *Chris... Você tem que me beijar.* — disse ela me cutucando.

— *Calma... agora não...* — eu respondi olhando pra tela.

Ela então fez uma cara de emburrada, e eu não resisti, dei-lhe um beijo que quase caímos da poltrona.

— *Lugar de sexo é no motel!* — gritou alguém lá de cima.

A Bruna ficou morrendo de vergonha, então eu logo captei a mensagem no ar.

— *Você já foi num motel, Bruna?*

— *Eu...?*

— *É! Você mesma minha gatinha...*

— *Chris, não me faça perguntas difíceis...*

Nós rimos, então eu tomei liberdade para perguntar:

— *Com homem ou mulher?*

— *Chris, tenha modos, o que você acha que eu sou?*

— *Acho que você é a menina mais linda do mundo!*

— *Ah, tá bom, eu e mais a Amanda a Pâmela a Natália...*

— *É sério! Você é a mais bonita...*

— *Então prove...*

Eu não pensei duas vezes, fiquei de pé em frente dela e gritei:

— *Bruna você é a garota mais linda do mundo... Eu te amo!*

Só vi saquinhos de pipoca voando em minha direção ao som de vaias, xingamentos e até aplausos.

— *Chris você é louco! Me mata de vergonha...senta já aqui...*

Então eu senti e ela me puxou e me deu mais um beijo.

— *E você é o homem mais lindo e romântico do universo. — Eu te amo meu gatinho.*

Naquela noite saímos do cinema, pegamos um táxi e ao invés de irmos para casa, fomos para um motel — luxuosíssimo e caríssimo. Ao chegarmos a Bruna escolheu o quarto, pois de motel eu não entendia nada. Nós dois fizemos amor e saciamos todos os desejos naquela noite, depois ficamos um tempão na hidromassagem — que pena que a noite teria que acabar.

Novamente pegamos um táxi e fomos embora, eu deixei-a na casa dela por volta das três da manhã, e fui para a minha casa. Ao deitar na minha cama eu senti pela primeira vez na vida, o desejo de ter alguém para dividir meu sono todas as noites — eu precisava me casar... Durante a noite sonhei que estava com o Luiz e com a Bruna numa praia gigantesca e morávamos os três numa pequena cabana feita de madeira, e eu era muito feliz nesse sonho...

CAPÍTULO VINTE

despedida de solteira

Atendi o celular antes mesmo de tomar meu café-do-almoço, era a Janaína, queria confirmar se eu e o Luiz iríamos à festa de despedida de solteira. Eu tinha até esquecido disso, mas para não chateá-la eu perguntei quando seria. Então para meu espanto seria daqui algumas horas. Tentei inventar desculpas que não tinha comprado roupa, e ela falou que era despedida de solteira “farra” e não o casamento, disse ainda que seria rápido e só teria mulheres e, como eu e o Luiz éramos namorados a gente podia ir. Não queria, mas acabei aceitando por mim e pelo Luiz, peguei o endereço e marcamos para às nove da noite. Agora teria apenas de chamar o Luiz e convencê-lo a ir. Assim que acabei de falar com a Janaína eu liguei para o Luiz, notei que ele estava um pouco estranho no telefone, mas mesmo assim aceitou na hora ir à farra com as garotas.

Ele me pegou às oito e meia, e chegamos ao endereço marcado um pouco depois do combinado. Era uma casa na zona sul, no Jardim Ouro Branco, numa rua bem escondida nas quebradas do lugar. Descemos do carro — não tinha flanelinha ali — e tocamos a campainha. Uma garota japinha de cabelos bem curtos e com uma bundinha empinadinha nos atendeu.

— *Vocês são os amigos da Janaína?*

— *Sim, somos nós!* — eu respondi.

— *Podem entrar, as meninas estão lá no fundo* — disse ela.

Quando bati os olhos naquilo, percebi que estávamos encrocados — no bom sentido —, havia ali no mínimo umas quarenta mulheres; loiras, negras, morenas, japonesas, ruivas... aquilo era o paraíso feminino.

— *Chris, onde você trouxe a gente?*

— *Luiz, o negócio é a gente tomar uns goles e aproveitar.*

— *Chegaram os strippers!* — gritou outra japonesinha —, de repente todas elas olharam para nós.

— *Chris, você não me falou nada de Stripper.*

— *Estou tão surpreso quanto você, Luiz.*

A mulherada começou a rodear a gente, não sabíamos o que fazer, tinha mulheres bonitas e outras nem tanto, mas no meio do bolo louco não dava para reparar muito. Fomos salvos pela Janaína, que desligou o som e começou a falar:

— *Meninas, olhem aqui... Hoje é um dia especial para minha irmãzinha Jane, ela vai se enforcar semana que vêm — todas riram —, por isso queremos fazer essa festa bombar, e, para a diversão de vocês eu convidei o meu amigo Chris e o seu namorado Luiz... Mas cuidado meninas eles podem morderrrr... uhuuuu... — disse a Janaína, então percebi que ela já estava curtida no álcool.*

Eu e o Luiz no meio de quarenta mulheres bêbadas e loucas por uma farra não ia prestar, ou a gente dava uma de gay e começava a se beijar ali mesmo para espantá-las ou a gente ia pra farra.

— *O que você acha, Luiz?*

— *Chris, eu acho isso aqui o paraíso...*

Começamos a beber cerveja, depois misturamos com batidinha de morango e abacaxi e conhaque, eu fiquei num canto rodeado de mulheres, enquanto Luiz estava no outro canto do quintal. O som estava tão alto — tocando sertanejo brabo — que nem escutávamos direito o que as garotas falavam. Continuamos bebendo e comendo churrasquinho feito por mulheres. O Luiz conseguiu largar um pouco as suas quinze mulheres e chegou perto de mim e cochichou no meu ouvido.

— *Chris, isso aqui tá um barril de pólvora, eu já ouvi relatos de festas assim, elas começam a beber até uma tomar coragem de avançar o sinal, depois disso, estamos fritos.*

Eu não dei muita atenção ao que o Luiz falou, continuei bebendo e tentando conversar com as minhas vinte garotas.

— *Ele é seu namorado mesmo? — perguntou uma delas.*

— *É isso mesmo! — eu respondi.*

— *Então dá um beijo nele pra gente ver...*

— *Agora acho que estamos meio ocupados para beijarmos. — eu respondi vendo que o Luiz já tinha sido levado.*

— *Ah, que pena, vocês são muito gatos, a gente ia curtir vê-los se beijando.*

Minha teoria sobre o bissexualismo acabava de ser confirmada mais uma vez. Uma garota morena se aproximou de mim e começou a passar a mão no meu braço.

— *O que você quer, hein!?* — eu perguntei.

— *Quero você! Posso?* — ela respondeu.

Nem precisei responder e ela já começou a beijar meu braço, e em seguida começou a querer tirar minha camiseta, eu lembrei da promessa que havia feito de não trair mais o Luiz e a Bruna, tentei resistir mas não consegui, e mesmo que tentasse já era tarde demais, o que o Luiz tinha me dito começou a acontecer, todas elas começaram a passar a mão em mim e querer me beijar, de repente começaram a me pegar com tanta força que eu caí para trás, depois disso só lembro de não sentir mais prazer nenhum, só foi mordidas em todo meu corpo, rasgaram toda minha roupa e eu comecei a tentar escapar, mas eram tantas mãos e bocas que era impossível sair dali. Uma das hienas me deu uma mordida no saco que eu achei que fosse desmaiar de tanta dor, mas nem sequer consegui gritar, pois umas três estavam me beijando na boca ao mesmo tempo. Senti uma queimação enorme nas costas, elas me arranhavam feito animais famintos querendo abrir-me para comer minha carne, nem sequer consegui ter ereção, estava morrendo de medo daquelas malucas. Sei que fui chupado em todas as partes do corpo e elas só pararam quando chegou perto de mim a noiva. Pensei que estava a salvo, mas pelo contrário, elas me seguraram nas mãos e pernas e cabeça, e a noivinha começou a me chupar todinho dos pés a cabeça, e ainda apertava meu pinto para endurecê-lo, quando viu que não conseguiria me chamou de bicha fracote.

Fiquei acabado ali no chão, umas três garotas ainda me chupavam, olhei para os lados tentando ver se encontrava o Luiz, mas pelo jeito ele também estava num bolo louco de mulheres. Tirei as três de cima de mim e me levantei pegando meus tênis e minha carteira e meu celular, a roupa nem adiantava pegar, estava toda rasgada. Enquanto tentava achar o Luiz eu só sentia mãos me dando tapas na bunda e risadinhas sinistras.

Cheguei perto do Luiz e o safado estava comendo a noivinha, suas roupas também estavam todas rasgadas, eu peguei as coisas dele e saí correndo dali. Lá na frente o portão estava trancado, eu não pensei duas vezes e pulei o muro, abri o carro e fiquei lá dentro pelado e todo dolorido.

— *Bando de canibais do caralho!* — eu disse morrendo de raiva.

Fiquei no carro com a chave na ignição, pronto pra fugir dali caso elas viessem atrás de mim. Demorou mais vinte minutos e o portão abriu, mas para meu alívio era o Luiz todo pelado e desconcertado. Eu abri a porta e ele entrou.

— *Chris, você pegou minhas coisas?*

— *O que sobrou eu peguei!*

— *Cara eu disse pra você que aquilo ia explodir, se viu que loucura? Melhor que a festa da piscina, não achou?*

— *E como; estou todo mordido, chupado, cheio de dores e hematomas, o que a Bruna vai pensar de mim?*

— *Relaxa Chris, isso não foi nossa culpa, elas que nos atacaram, fomos vítimas apenas.*

De volta ao prédio, o Luiz colocou o carro na nossa vaga de estacionamento. Eu liguei para o Marcelo e ele trouxe roupas para nós. Já dentro do apartamento eu cuidava dos hematomas do Luiz e ele dos meus, e o Marcelo morrendo de dar risada cuidava de nós dois.

— *O que vou falar pros meus pais?* — disse o Luiz.

— *Você não tá tão fodido que nem eu, mal consigo sentar... uma filha-da-puta me deu uma mordida no saco que eu quase pari na hora de tanta dor.*

CAPÍTULO VINTE E UM

festa da Bruna

Um dia depois de quase virarmos notícia novamente, o Luiz me acordou logo cedo com uma ligação, pela sua voz parecia que ia tirar o pai da forca.

— *Chris, eu quase esqueci...*

— *O que foi, o que você esqueceu, Luiz?* — eu disse ainda bocejando.

— *Terça-feira é o aniversário da Bruna...*

— *Nossa... mas já! Por que ela não me disse?*

— *Chris... — silêncio — eu estava pensando de nós dois organizarmos uma festa surpresa pra ela...o que você acha?*

— *Por mim já está organizada, Luiz... só que temos de ser rápidos é daqui três dias.*

Mais uma festa estava por vir, eu percebi que depois que os conheci minha vida virou uma verdadeira festa, toda semana a gente fazia algum tipo de festa e isso era bacana, mas também cansativo.

Na segunda e na terça eu e o Luiz passamos o dia inteiro planejando como seria a festa e nos escondendo até os hematomas melhorarem. Pensamos em alugar uma chácara, mas a pedido de seus pais a festa seria ali na casa mesmo, então eu e o Luiz sabíamos que tínhamos de controlar os ânimos dos convidados, pois os pais estariam presentes e não queríamos que a festa da Bruna fosse igual as outras que havíamos participado, pois isso seria muito chocante para seus pais.

O único problema era tirar a Bruna de casa, como a festa era surpresa a gente teria que arrumar as coisas sem ela ver, para isso, eu e o Luiz conversamos com a Amanda e pedimos para ela dar um jeito de tirar a Bruna de casa na quarta de manhã e só deixar ela voltar de noite. Não sei por que, mas assim que a Amanda convidou a Bruna para sair ela ficou toda empolgada e foi mais que depressa.

Minha namorada estava fazendo vinte e dois anos, dois a mais do que eu, meu aniversário só seria em fevereiro do próximo ano. Mesmo com vinte e dois anos nas costas a dona Vera insistia que na festa teria de ter bexigas, docinhos, refrigerante... — fiquei com

dó da dona Vera, ela não sabia o tipo de festa que a filha costumava frequentar. A gente acatou a ideia da mãe, pois as mães sabem das coisas, só não gostei de ficar enchendo aquelas drogas de bexiga a tarde inteira.

Fui até a cozinha, abri a geladeira e peguei uma latinha de coca, quando fechei a porta levei um susto com a dona Vera com a cara cheia de creme.

— *Chris meu filho, eu fico tão nervosa quando têm festa... tenho medo de alguma coisa dar errado.*

— *Pode ficar calma dona Vera, eu e o Luiz vamos fazer de tudo para ser a melhor festa de aniversário da Bruna.*

Ela me abraçou, inclusive meu rosto ficou com um pouco de seu creme — que cheirava pêssego — mas eu não liguei, pois ela era muito legal comigo.

— *Chris, apesar dos problemas que tivemos, e de certo modo ainda temos... que aliás, vocês três têm... eu quero que saiba que eu gosto muito de você meu filho.*

— *Eu também dona Vera, gosto muito de sua família... Vocês são minha família aqui em Londrina.*

Ela sorriu, acho que toda mãe gosta das pessoas que fazem bem aos seus filhos, e naquele momento eu achava que fazia bem aos dois, pelo menos eu tentava.

— *Venha filho, quero lhe mostrar o presente que comprei para minha menininha...*

Quando a dona Vera disse isso eu levei um susto, pois havia esquecido de comprar o presente dela e já estava quase na hora da festa começar. Depois de ver o presente da dona Vera, eu fui falar com o Luiz que estava abastecendo a geladeira.

— *Luiz, você comprou presente pra Bruna?*

Pela cara que ele fez eu percebi que eu não era o único esquecido.

— *Nossa... eu nem lembrei, e agora?*

— *Nós temos duas horas para isso.*

O Luiz pegou o carro e nós dois saímos, quando no mesmo instante o seu pai chegou do trabalho.

— *Onde vocês vão? — Já organizaram a festa?*

— *Pai, vamos comprar o presente da Bruna.*

— *OK, mas não demorem, daqui a pouco começa chegar os amigos de vocês.*

— *Onde vamos comprar os presentes, Luiz?*

— *Lugar não falta, o problema é o que iremos comprar?*

Estávamos no shopping, correndo contra o tempo, foi daí que percebemos que cometemos um equívoco. Estávamos juntos num lugar cheio de gente, “*isso não seria muito agradável*” — eu pensei.

Algumas pessoas passavam por nós e nem reparavam, mas outras não tiravam os olhos e ainda nos apontava como se falassem: — “*Olha o casal gay do jornal*”.

Entramos em várias lojas, mas não sabíamos o que comprar. Até que numa loja de roupas femininas uma vendedora nos atendeu:

— *Sejam bem vindos, meu nome é Carla, no que posso ajudá-los?*

— *Bem... nós precisamos de roupas femininas...* — eu disse.

— *Não para nós... é para minha irmã...*

Quando o Luiz disse isso me matou de vergonha, acho que a vendedora nos reconheceu, pois nos olhava de um jeito esquisito.

No entanto ela foi bem simpática e nos ajudou na escolha dos presentes, e também tomou coragem para nos perguntar:

— *Você dois são aqueles rapazes do bar, que saíram no jornal e na internet?*

Do jornal a gente já sabia, mas quando escutamos ela falando de internet sentimos um calafrio na espinha.

— *Somos nós mesmos...* — respondeu o Luiz.

Eu senti meu rosto pegando fogo, e percebi que alguns clientes e outros vendedores começaram a olhar para nós.

Mas a Carla foi bacana com a gente, deu um bom desconto no presente e ainda desejou felicidades no nosso relacionamento.

Quando saímos do shopping senti um alívio imediato, o que é o sucesso eu imaginei.

— *Cara, você viu o que ela disse, já estamos até na internet!*

— *Esse é o meu medo, Luiz.*

CAPÍTULO VINTE E DOIS

não devia ter feito isso

Quando a Bruna chegou com a Amanda, ela ficou surpresa e muito envergonhada — eu adorei ver a cara que ela fez. Não tinha muita gente, pois como a festa teoricamente teria de ser de respeito, sem as surubas que o pessoal gostava tanto, muita gente não veio, era nessas horas que víamos quem eram os verdadeiros amigos. A Bruna envergonhada correu para seu quarto para se arrumar, enquanto isso o Luiz começava a animar a festa.

Eu fui até o quarto da Bruna e bati na porta, então ela me deixou entrar.

— *Vocês não deveriam ter feito isso, Chris... Eu não gosto de surpresas, morro de vergonha.*

— *Relaxa, Bruna... Esquece que é seu aniversário e vamos curtir a festa que nem curtimos as outras.*

— *As outras não tinham bexigas coloridas, Chris.*

— *Foi ideia da sua mãe...*

Nós dois caímos na risada, então eu terminei de ajudar ela a se arrumar. Ela usava um lindo vestido vermelho com um salto alto transparente que deixava seu lindo pé à mostra.

— *Não vale ficar mais alta do que eu!* — eu disse beijando ela.

— *Meu batom, Chris, vai sair.*

“*Com o Luiz não tem frescura de batom*” — pensei eu.

— *Chris, o que são essas marcas no seu pescoço?*

— *Marcas no pescoço? Aonde?*

— *Aí em você, vem aqui, deixa eu dar uma olhada em você.*

Eu me afastei, se ela erguesse minha camiseta veria que eu mudei de cor, eu estava roxo de tanto levar chupadas na despedia de solteira. Naquele momento eu tinha que falar alguma coisa pra Bruna, então disse a primeira coisa que me veio a mente:

— *Bruna, você sabe, é o Luiz que faz isso...*

Ela não gostou muito do que eu disse, mas a princípio acreditou, e continuou se arrumando.

Quando ela terminou de se arrumar, nós saímos do quarto juntos que nem noivos em dia de casamento. Eu me senti o cara mais importante da festa, pois era namorado da garota mais linda e do garoto mais gostoso.

Aquela festa ao contrário das outras foi bem tranquila, não teve farra na piscina e nem gente transando pelos cantos. Eu e o Luiz ficamos aliviados, os nossos amigos mostraram civilidade e não nos envergonharam diante dos pais; mas no fundo, acho que era apenas questão de alguém acender um estopim para começar a festança de verdade. A gente curtiu muito tomar refrigerante e comer salgadinhos e docinhos, fizemos brincadeiras, cantamos no karaokê, enfim a festa da Bruna estava melhor do que imaginávamos.

Eu estava no karaokê cantando *New York, New York* quando o Luiz chegou desesperado na sala.

— *Chris, vem comigo aqui no quarto, você tem que ver isso.* — disse ele me puxando.

Quem estava na sala naquele momento começou a dar risadinhas, e eu ouvi até alguns “*Hunn*”.

No quarto o Luiz trancou a porta e ligou o monitor do computador, então eu fiquei puto de raiva com o que vi. Ali no monitor estava uma foto de nós dois pelados e deitados numa cama em formato de coração.

— *A gente tirou essa foto, Luiz?*

— *Claro que não, Chris, você não vê que é uma montagem.*

Realmente, era uma montagem, pois eu nem tinha tanto pêlo no peito, e o Luiz não era tão magro daquele jeito. Eu aproximei do monitor e olhei mais detalhadamente. A foto tava num blog gay, com uma história absurda e totalmente diferente da realidade.

— *Chris, aqui tá falando que você se jogou na minha frente e tomou um tiro no braço, e que depois disso o criminoso se matou...* — *Que absurdo, cara...*

— *Pelo menos meu pinto parecer maior na foto, não é mesmo?*

— *É, bem maior mesmo, Chris!*

— *Ah, nem tão maior assim, Luiz.*

— *É sim, uns dez centímetros a mais.*

— *Nossa, não precisa exagerar também.*

- *Mas você sabe usá-lo, isso que importa.*
- *Cara, ainda bem que meus avós não têm computador.* — eu disse aliviado.
- *E agora, o que vamos fazer, Chris?*
- *Não sei, como é um blog com pseudônimo, acho difícil saber quem fez essa montagem.*
- *De qualquer forma, estamos até bonitinhos, Luiz.*
- *Verdade, acho que vou começar a fazer um regime.*
- *E eu farei alguns implantes de pêlo no peito.*

O Luiz continuou procurando mais coisas sobre a gente na internet, encontramos várias matérias de jornais e outros sites do gênero que nos citavam, mas foto indecente foi somente aquela, ainda bem.

- *Será que a vendedora viu essa foto, Chris?*
- *Pelo jeito que ela nos secava, não é de duvidar.*

A gente saiu do quarto e todos da sala ficaram nos olhando de novo, inclusive o seu Marcos que agora tentava cantar *Love Me Tender*, mas doía só de pensar em ouvi-lo. Eu e o Luiz sorrimos e fomos para a cozinha pegar mais um refrigerante.

- *O Marcelo não vem, Chris?* — perguntou a Bruna parada na porta.
- *Depois daquela festa... ele tá morrendo de medo das nossas festas, e a namorada dele tá com os dois olhos bem abertos...* — eu respondi.

- *Coitado dele, Chris!* — disse a Bruna.
- *Bruna, ele te mandou os parabéns...*

A festa continuou. Então dona Vera chamou todos para cantarmos parabéns, a Bruna disse que não precisava, mas foi praticamente obrigada pela sua mãe. Depois de passar vergonha e até apagar velinhas, ela deu o primeiro pedaço de bolo para sua mãe, o segundo para o pai e o terceiro para o Luiz dividir comigo, todo mundo riu, eu fiquei com vergonha.

Quando todos haviam ido embora e os pais já dormiam, nós fechamos a casa — eu dormiria ali — e fomos assistir televisão. A casa estava uma verdadeira bagunça, e eu pensando por onde começaríamos a limpeza no dia seguinte. Eu estava morrendo de sono, então fui me despedir dos dois e acabei fazendo algo que mais tarde me arrependi. Cheguei perto da Bruna e lhe dei um beijo de língua e senti que meu pinto já endureceu, e ao invés de me despedir do Luiz normalmente, eu lhe dei um beijo também na boca. Após os beijos

percebi que ficou uma situação chata na sala, os dois se olharam meio que envergonhados. Acho que a Bruna e o Luiz não esperavam que eu fizesse isso na frente dos dois. Mas aconteceu, e eu nem estava sob efeito do álcool, só dos gases dos refrigerantes.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

duas alianças

Depois de alguns dias que as aulas terminaram o Marcelo foi para o Rio de Janeiro passar as férias com sua família e levou a Michele com ele, pois o sonho dela era conhecer a cidade maravilhosa. Eu tinha ligado para meus pais e convenci eles a me deixarem ficar um pouco mais aqui em Londrina, pois eu tinha que resolver algumas pendências. Na verdade eu não queria ir embora e ficar sem meus amores por três meses — eu morreria —, por isso disse a eles que eu chegaria lá antes do natal.

Estávamos a duas semanas do natal e eu tinha que resolver logo minha situação, apesar que, eu não conseguia por mais que tentasse escolher um dos dois, pois para mim tanto o Luiz quanto a Bruna eram perfeitos, e agora já não importava tanto o sexo, pois o importante era o amor que eu sentia, e esse amor dentro do meu coração batia forte pelos dois ao mesmo tempo.

Eu tinha acabado de acordar, era mais ou menos dez horas da manhã, fiquei na cama por mais algum tempo até que a porra do interfone tocou. Eu estava pelado, e fui atender o interfone, o porteiro me disse que era o Luiz e uma moça que queriam subir e falar comigo. Vesti uma calça e uma camiseta e coloquei a meia — para esconder os hematomas — escovei os dentes e joguei água no rosto e no cabelo, e, quando saí para o corredor a campainha já estava tocando. Abri a porta fiquei super feliz, era o Luiz e a Bruna.

— *Bom dia gente!* — eu disse.

Os dois me abraçaram e me beijaram cada um de um lado do rosto.

— *Cadê meu beijinho na boca?* — eu perguntei fazendo um biquinho.

Os dois riram, e a Bruna disse:

— *Sem beijinho por enquanto. Nós viemos conversar com você, Chris.*

Somente pelo jeito que ela falava e o jeito que Luiz me olhava eu já sabia sobre o que seria a conversa. Fomos todos para a sala. No início os dois pareciam bem acanhados como se quisessem que o outro começasse a falar, mas nenhum falava nada.

— *Ué gente, vocês não vão falar nada?* — eu perguntei.

Demorou um pouco, então a Bruna começou a falar:

— *Chris... acho que todos aqui sabemos o que está acontecendo... E eu e meu irmão decidimos que vamos colocar um ponto final nisso tudo...*

— *Como assim, um ponto final?* — eu perguntei já com o coração partido.

— *Chris não é certo você ficar se divertindo com nós dois, você tem que sair do muro e escolher um só...* — disse o Luiz.

Por mim ficaria como está, pois continuaria a namorar com a Bruna e ficar com o Luiz, mas vejo que o Luiz chegou a um ponto que não aceitava mais ser simplesmente um amante, ele desejava algo mais.

— *Nossos pais estão pressionando a gente, Chris!* — disse a Bruna — *não é certo você continuar com nós dois.*

Ela tinha razão, mas o que eu poderia fazer se amava eles dois de um modo tão especial.

— *Chris, nós sabemos que você vai pra casa dos seus pais daqui alguns dias, por isso resolvemos tomar uma atitude pra tentar te ajudar na escolha.* — disse a Bruna mostrando para mim uma caixinha preta.

— *Parece meio infantil, mas foi a única coisa que eu e o Luiz pensamos pra tentar te ajudar... aqui dentro tem duas alianças de prata, uma delas possui o meu nome e a outra contém o nome do Luiz. Nós vamos deixá-las aqui com você... — silêncio — e no próximo sábado você deverá pegar uma dessas alianças, apenas uma Chris, e levá-la lá em casa... então você dará a aliança a pessoa que você quer ter um compromisso sério...* — A Bruna estava muito emocionada, e o Luiz complementou:

— *E se por acaso, Chris, você levar as duas alianças e dizer que ainda não se decidiu... eu sei que vai ser difícil pra gente... mas você não ficará com mais nenhum de nós... esse foi o acordo que eu e a Bruna fizemos...* — *Se você não se decidir até sábado, nós vamos seguir nossas vidas e partir para outra...*

Eu fiquei sem palavras naquele momento; Bruna me entregou a caixinha, me deu um beijo no rosto e se levantou — ela estava chorando — o Luiz me deu um abraço — ele também chorava — e ambos saíram, e me deixaram ali em pedaços.

Fui para o sofá e fiquei ali chorando, eu estava muito triste, realmente agora tinha que fazer uma escolha, pois eles estavam muito sérios quando disseram que se eu não escolhesse, eu perderia os dois. Aquele dia pra mim acabou, fiquei a tarde inteira sozinho deitado no sofá, não comi nada e fiquei apenas olhando um tempão para aquelas duas alianças. Estava tão mal que acho que tive febre. Já era noite quando abri a janela da sala e fiquei olhando para o céu estrelado, juro que se pudesse queria ter todas as estrelas para mim, assim como queria ter meus dois amores, e não somente um, pois os dois se completavam no meu coração. Se eu realmente tivesse que escolher um, certamente o outro sofreria muito. A Bruna era meiga e carinhosa, não merecia sofrer, o Luiz era meio louco, mas muito atencioso comigo, também não queria fazê-lo sofrer. Só sei que eu realmente tinha que escolher, pois corria sério risco de perder os dois, e se isso acontecesse, minha vida não teria mais sentido, e era bem capaz de eu me tornar um filósofo suicida.

Aquele dia eu dormi ali mesmo no sofá e acordei com dor nas costas e com as duas alianças na minha mão, elas brilhavam e reluziam conforme o sol batia no sofá e refletia nelas — dormi com a janela aberta. Levantei, coloquei as alianças de volta na caixinha, eu estava morrendo de fome e sede, mas sem ânimo para comer ou beber. Olhei no calendário da cozinha, eu tinha somente dois dias para fazer uma escolha que afetaria minha vida para sempre.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

seu futuro está nas cartas

Um pouco antes do meio-dia eu liguei para o Marcelo, pois precisava conversar com alguém que me entendesse. Ele me aconselhou a escolher com o coração e não com a razão, me disse que, por ele, eu deveria ficar com a Bruna, mas isso era só pelo fato dele ser heterossexual e não se imaginar namorando com um homem, mas que no meu caso era diferente, e somente eu poderia tomar essa decisão. Além do mais, me falou que a decisão tinha que partir de mim mesmo, e que não devia me deixar influenciar por outros, pois pra Nietzsche a decisão das nossas vidas parte de nós mesmos, caso contrário deixará de ser nossa vida para ser a vida do outro. E não devemos viver a vida dos outros e sim a nossa.

Eu juntei meus cacos e tomei um banho, depois descii e fui almoçar num restaurante ali no calçadão. Logo após o almoço eu fiquei sentado na praça ao lado da catedral, pensei em entrar lá, mas acho que o Padre me expulsaria ou me exorcizaria, alegando que eram demônios que agiam em mim. Lá da praça eu só pedi uma luz para Deus, para que eu fizesse a melhor escolha para nós três. Depois fui até a Biblioteca Municipal para ler umas revistas e passar a hora enquanto eu tentava fazer minha escolha. Deixei as revistas de lado e peguei um jornal, folheei os classificados de automóveis, mas infelizmente o dinheiro que sobrou da entrevista mais minhas economias só davam pra comprar um carro velho. O negócio era eu arrumar um emprego mesmo — mas só no próximo ano. Continuei folheando o jornal e vi alguns anúncios esotéricos e um deles me chamou a atenção, então eu comecei a ver luz no fim do túnel.

“CARTOMANTE AMANHECER, Ajuda espiritual, baralho cigano,
veja o futuro, soluciono qualquer tipo de problema”.

Eu estava com um problema, e precisava urgentemente de ajuda para tomar uma decisão. Anotei o endereço da tal cartomante e saí da biblioteca cheio de esperança, pois alguém iria me ajudar.

Depois de vinte minutos dentro de um ônibus lotado eu consegui chegar ao tal endereço, ficava no Jardim Coliseu próximo ao Estádio do Café. A casa era normal, exceto por uma pequena placa que estava escrito as mesmas coisas que no anúncio do classificado. O portão estava aberto e tinha umas cinco pessoas sentadas numa banquetta de madeira. Uma menina de mais ou menos treze anos de idade me atendeu — era a recepcionista.

— *Bom dia moço, você veio consultar com Mãe Mercedes.*

— *Isso!* — eu respondi.

— *Qual é seu nome?*

— *Christopher Rodrigues.*

A menina anotou meu nome numa prancheta e perguntou minha idade, data nascimento, filiação, escolaridade, minha cor preferida... E logo depois me entregou um papel com o valor da sessão. Eu dei o dinheiro a ela e ela me mandou esperar sentado ali com os outros na banquetta de madeira.

Demorou uma hora para chegar minha vez, até que Mãe Mercedes finalmente pôde me atender.

Ao entrar vi que era um lugar meio escuro, havia uma mesa redonda no centro da sala, a toalha da mesa era roxa e do mesmo tecido que a vestimenta de Mãe Mercedes.

— *Olá filho, sente-se, por favor!*

— *Conte para Mãe Mercedes o que se passa em sua vida...*

Tive a impressão que ela se arrependeu de ter pedido isso, pois eu falei tudo pra ela, desde quando larguei da Natália até chegar naquele ponto.

Ao terminar ela apenas sorriu, e disse:

— *Filho, vamos ver o que o futuro lhe aguarda...*

Então trouxe à mesa um baralho com umas figurinhas esquisitas. Mas pude perceber que em todos haviam naipes e números. Mãe Mercedes fechou os olhos e começou a embaralhar o baralho. Pediu que eu tirasse três cartas e eu tirei, depois ela colocou-as novamente e começou a colocar uma por uma na mesa numa sequência meio sem lógica.

— *Mãe Mercedes, como você consegue ver o futuro nas cartas?*

Ela olhou para mim de forma séria, acho que os seus clientes não costumavam fazer esse tipo de pergunta.

— *Filho, cada carta tem um significado espiritual pra cada indivíduo, mas no geral cada naipe representa as datas dos acontecimentos futuros e os números representam o que acontecerá nessas datas.*

Ela continuou mexendo no baralho, tirando cartas e mais cartas, até que o baralho se desfez por completo em cima da mesa. Ficou concentrada, então olhando para as cartas começou a falar:

— *Você é um rapaz de sorte, filho...*

Comecei a gostar da sessão, e esperei ansioso para ela falar dos meus dois amores.

Ela levantou um valete e um quatro de paus em sua mão.

— *Hunnn* — disse ela com um olhar preocupado.

— *O que foi Mãe Mercedes, o que você viu?*

— *Vejo que esse rapaz, Luiz, significa muito em sua vida.*

“Disso eu já sabia, eu quero saber premonições sobre com quem eu ficaria” — eu pensei.

— *O valete indica que há um jovem menino em seu caminho, e os naipes das duas cartas são idênticos, são dois paus em sequencia lógica...*

— E o que isso quer dizer, Mãe?

— *Filho, o naipe paus em sequencia lógica quer dizer que você já selou o seu destino, só que não o compreendeu ou o aceitou ainda... E mas, você terá que começar a trilhar logo esse caminho, pois o tempo dos naipes de paus estão se esgotando.*

— *Mãe Mercedes, eu não sei o que decidir!*

Então Mãe Mercedes me falou com clareza que meu futuro era com o Luiz, mas havia outro menino no nosso caminho, pois eles eram representados em sequência pelos valetes. Eu não fiquei completamente surpreso, estava feliz e triste ao mesmo tempo, pois não queria ver a Bruna sofrer e nem eu queria ficar sem ela. Então saí dali com a incerteza de que se aquilo que Mãe Mercedes viu nas cartas era realmente a verdade. Afinal quem seria esse outro menino que ela falava?

CAPÍTULO VINTE E CINCO

a última escolha

Oito horas da noite eu cheguei na casa deles, já era sábado e eu tinha tomado uma decisão. Juro que não queria passar por aquilo, mas era necessário, pois seria melhor para todos. Coloquei a caixinha de alianças no bolso e toquei a campainha. O Luiz abriu o portão pra mim e me cumprimentou com o tradicional beijo no rosto.

Na hora do jantar o clima estava tenso na mesa, eu percebi que quase ninguém falava nada além do necessário, eu me senti um patinho feio fora da lagoa.

Ao terminarmos de jantar eu fui escovar os dentes, como eu era praticamente da família eu tinha até uma escova já — que a dona Vera havia comprado pra mim —, depois, nós três assistimos televisão, mas os dois continuavam em silêncio. Eu estava sentado perto da Bruna e o Luiz como sempre, estirado no sofá.

Quando deu onze e meia os pais foram dormir, então a Bruna chamou eu e o Luiz para irmos lá para fora da casa. Não sei por que ela quis que a decisão fosse tomada com a gente lá na frente da casa. Nós saímos, ela trancou a porta da sala e veio até nós. Nós sentamos no banco que havia embaixo da árvore no meio da calçada. Ali estava escuro e um pouco frio.

Era visivelmente tenso demais aquele clima. O Luiz ficava esfregando os braços, fingindo estar com muito frio e a Bruna mexia a perna esquerda demonstrando bastante ansiedade e nervosismo. Eu vi que eles mal olhavam para mim, então eu resolvi falar:

— *Vocês não sabem o quanto foi e está sendo difícil pra eu tomar essa decisão... mas como vocês me pediram... aqui dentro dessa caixinha está a minha escolha.*

Eu tirei a caixinha e fiquei com ela na mão, logo iria revelar a aliança que ali continha. Os dois pararam os tiques que estavam tendo e olharam para mim.

— *Então... mostre-nos o que tem na caixinha!* — disse Luiz, com uma voz triste.

Eu não queria mais enrolar o tempo, peguei a caixinha e comecei a chorar, chorava mesmo, sem ter vergonha de mostrar que eu era frágil, que eu tinha sentimentos e que meu coração estava em pedaços.

— *Vou deixar essa caixinha com vocês, aí dentro eu deixei junto com a aliança, dois bilhetes com os nomes de vocês, depois que abrirem e virem o que tem aí...* — eu estava soluçando nas minhas próprias lágrimas — *... quero que tentem entender minha decisão...*

Antes de deixar a caixinha eu dei um forte abraço na Bruna e disse ao ouvido dela:

— *desculpe, mas eu te amo!*

Ela nitidamente também começou a chorar, mesmo que timidamente.

Cheguei próximo ao Luiz e lhe abracei também e disse ao seu ouvido:

— *Luiz, espero que me perdoe, pois eu te amo...*

Então deixei a caixinha em suas mãos e saí andando rapidamente sem olhar para trás, só eu e minhas estrelas no céu, que naquele momento cada uma parecia uma lágrima.

No caminho para casa, fui pensando... Eu iria realmente escolher o Luiz e seguir o que a Mãe Mercedes me revelou. Mas eu não queria ver a Bruna sofrendo, pois eu a amava de um jeito especial, ela era a garota que eu me casaria e teria um monte de filhos, e eu poderia amá-la até o último dia de minha vida. Mas o Luiz era o cara que eu queria ter todas as noites na minha cama, não somente por sexo, e sim para conversar, brincar e amar, não poderíamos ter filhos, mas seríamos muito felizes juntos, isso eu tinha certeza.

Eu coloquei a mão no bolso e retirei as duas alianças que estavam comigo, se eles nunca mais quisessem me ver, pelo menos eu teria aquelas duas alianças como recordação daquele amor maravilhoso que nós três vivemos juntos.

Na caixinha eu deixei apenas os bilhetes, não tinha como ser diferente, pois eu não conseguiria escolher um deles e fazer o outro sofrer, pois eu os amava por igual.

No bilhete do Luiz eu agradeci por ele ter me ensinado a vencer os preconceitos e ver que o importante era o amor e não o sexo da pessoa. Agradeci pelos momentos maravilhosos que passamos e por ter sido ele quem me ajudou nos momentos difíceis que passei naquele ano.

Para a Bruna eu agradeci por ela ter sido a mulher mais perfeita que eu conheci; a que me completava, e a que eu era capaz de fazer loucuras como transar numa piscina com várias pessoas olhando ou gritar no meio do cinema que a amava.

Expliquei no bilhete dos dois que eu não consegui escolher, e que aceitava perder os dois para não ver nenhum sofrer mais que o outro. Então essa decisão não beneficiava ninguém, pois nós todos sofreríamos do mesmo jeito que amava-mos uns aos outros.

E no fim dos dois bilhetes eu coloquei uma frase muito bonita do Caetano Veloso, que demonstrava claramente as felicidades e tristezas que passamos juntos nos últimos dias.

“Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é.”

Eu não sei qual foi a reação deles, devem ter sentido muita raiva de mim, pois fui fraco e criança e não consegui decidir meu próprio destino. Talvez eu nunca mais os veja, talvez eles encontrem pessoas especiais que não sejam tão enroladas que nem eu, talvez eles até esqueçam de mim. Eu só sei que eu jamais esquecerei dos dois.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Dayana indecente

Cheguei em Curitiba um pouco antes do natal, contei tudo o que aconteceu para minha mãe, pois eu só queria chorar no seu colo. Nós ficamos juntos um tempão e isso era bom. Quando eu estava um pouco melhor fui visitar alguns amigos das antigas, mas eles haviam mudado bastante, e eu também. Sentia que alguns me trataram de forma diferente, talvez fosse pela fama que os jornais me deram me estereotipando como um herói-gay ou talvez fosse pelo tempo que não nos víamos. Uns eram frios e mal conversavam, já outros faziam mil perguntas.

Na véspera de natal minha mãe bateu no meu quarto — eu ainda tinha um quarto na casa de meus pais — e disse que o Giovane estava ali e queria falar comigo.

Giovane era um ex vizinho nosso aqui do condomínio e foi com ele que eu tive minha primeira experiência homossexual aos quinze anos. Eu já não o via desde os dezesseis.

— *Nossa Chris, como você mudou!* — disse ele com um sorriso maravilhoso me dando um abraço.

— *Pô velho, que saudades de você, Giovane!*

Minha mãe deu um risinho e saiu encostando a porta, e dizendo para ficarmos a vontade e qualquer coisa era só pedir.

— *Me conta, o que tem feitos nesses anos, Giovane?*

— *Então, eu casei e já tenho duas filhas, Chris.*

— *Nossa... fico muito feliz por você...*

— *E você Chris, ficou famoso agora hein...*

Nós rimos e continuamos conversando, ele me falava de sua esposa e de suas filhas — seus olhos brilhavam. Eu falei um pouco dos últimos acontecimentos e ele ficou triste pela minha tristeza e confusão.

Passamos o dia inteiro conversando e lembrando nossas travessuras no condomínio, e meio que sem querer eu puxei o assunto das nossas aventuras sexuais...

“Tudo começou quando eu tinha quinze anos e o Giovane dezesseis, naquela época nós estudávamos no mesmo colégio e morávamos nesse mesmo condomínio. Um dia ele veio até minha casa para estudarmos para a prova de matemática, que, aliás, eu sempre detestei. Então no meio do estudo ele começou a falar de garotas, que queria transar com uma, pois todos seus amigos não eram mais virgens, então ele me perguntou se eu também tinha vontade e eu respondi que já tinha transado com uma garota, o Giovane ficou indignado com aquilo, pois ele parecia o único virgem da escola. Para tentar ajudá-lo eu peguei uma revista pornográfica que meu pai escondia em sua gaveta, e mostrei para ele, pois naquela época ver revistas ao invés de internet ainda tava na moda. Depois disso, nós dois ficamos nos masturbando com a revista na mão, então eu me senti excitado vendo ele se masturbar e acabei pedindo para fazer por ele, o Giovane achou estranho no início, mas acabou gostando, e fazendo o mesmo em mim. E me surpreendeu porque ele além de me masturbar começou a cheirar o meu pau e logo em seguida a chupá-lo. Depois disso pediu que eu fizesse o mesmo, então a gente começou a transar com frequência sempre que estávamos sozinhos. Daquele dia em diante nós sempre inventávamos desculpas para dormir na casa do outro, para poder assim transar mais vezes. Fizemos um pacto de nunca contar para ninguém e pelo menos até esse ano eu não havia falado pra ninguém, mas não sei por ele. Depois a família dele se mudou para o Sítio Cercado e eu fui para Londrina e desde então nunca mais tínhamos nos falado”.

O Giovane me disse envergonhado que eu havia sido o único homem que ele transou até hoje, eu perguntei se ele não tinha mais desejos por homens. E com vergonha ele disse que não, pois a sua esposa sabia satisfazê-lo sexualmente. Eu fiquei muito feliz pelo meu amigo, mas na verdade, interiormente eu continuava muito abalado, pois meus amores nem sequer ligaram para mim depois de tudo o que houve.

Aquele certamente seria o pior natal de minha vida, eu estava seriamente pensando em largar a faculdade e ficar morando aqui em Curitiba, pois tinha o amor de minha mãe e isso talvez curasse um pouco da ferida em meu coração.

Já era de tardezinha quando o Giovane foi embora e me desejou sucesso e um feliz natal, eu desejei o mesmo para ele e sua família.

Por volta das sete horas da noite as pessoas começaram a chegar na casa de meus pais. Vieram alguns tios e primos que eu raramente vi na vida, alguns amigos de trabalho de meu pai e suas famílias, mas o que eu mais gostei na festa foi a presença de meus avós Francisco e Cândida. Fiquei a noite inteira ao lado deles, conversando sobre o sítio, futebol, trabalho, estudos e namoradas.

Ganhei muitos presentes naquela noite, até de gente que eu não conhecia, mas o que eu mais gostaria de ganhar seria um feliz natal do Luiz e da Bruna, mas pelo visto eles estavam com tanta raiva que nem lembravam mais de mim, acho não queriam nem sequer minha amizade.

Eu estava na cozinha pegando vinho na geladeira quando duas garotas entraram. Logo olhei para elas e disse “oi”...

— *Você é Christopher do jornal?* — perguntou a ruiva de aproximadamente dezesseis anos. A outra parecia ter uns vinte anos e tinha o cabelo loiro um pouco curto e usava piercing no lábio inferior e uma sandália vermelha, e era dona de uma coxa grossa e dois pezinhos pequenos bem branquinhos com os dedos todos em extrema harmonia.

— *Sim, esse é o meu nome, e vocês como chamam?*

— *Eu sou a Dayana* — disse a loira.

— *E eu sou a Ana Carla. Nós somos primas, e eu sou filha do Salvador um dos sócios do seu pai.*

Eu cumprimentei as duas com um único beijo no rosto e perguntei se elas queriam vinho. A Dayana aceitou, eu peguei a garrafa e duas taças e fomos até a varanda. A Ana Carla pediu desculpas e disse que tinha que ir, ela saiu e me deixou sozinho com a Dayana.

Enquanto conversávamos eu não tirava o olho de seu pé e de suas coxas, estava louco de vontade de abaixar ali mesmo e começar a lambê-los que nem um cachorrinho.

— *Por que você fica olhando para baixo o tempo todo?* — ela me indagou.

— *É que eu estou louco de tesão pelos seus pés!* — na verdade eu não queria ter dito isso, eu apenas pensei em dizer, mas quando vi já tinha dito.

Ela ficou sem graça e tentou esconder os pés sobre as pernas da cadeira.

— *Mas você não é gay?*

— *Você não pode acreditar em tudo que os jornais falam...*

Ela se aproximou de mim e disse que seu eu quisesse experimentar aqueles pezinhos ela iria adorar.

Eu tentei resistir mas não dava, então disse que eu iria para o meu quarto, que era o último no corredor central à direita. E se ela quisesse, eu estaria esperando lá.

Não deu outra, em menos de dez minutos ela apareceu no quarto, eu tranquei a porta e não falamos mais nada, apenas começamos a nos beijar. Então eu realizei meu sonho de momento, tirei aquela sandália e sua calça jeans super apertada, e beijei as suas coxas até chegar em seus pés, foi daí que comecei a chupá-los que nem um animal faminto, eles eram tão fofinhos e pequenos que consegui colocar todos os seus dedos de uma vez só na minha boca. Eu queria era gozar naqueles pezinhos e esquecer meus problemas. Ela me deitou e tirou toda minha roupa, e o que achei legal foi que ela também parecia adorar pés, pois chupou os meus e me deixou mais louco ainda de tanto tesão. Fizemos em seguida um sessenta e nove bem louco, eu esfregava minha cara na sua buceta que já tava pingando mel de tanta excitação. Depois disso virei ela de frente e enfiei meu pinto naquela bucinha, e a gente mexia gostoso enquanto eu chupava os seus pezinhos. Quando vi que não iria aguentar mais segurar eu tirei meu pau e gozei quase um litro de porra na barriga e nos peitos dela. Rapidamente eu comecei a chupar a buceta dela novamente, enfiando o dedo com força. Ela começou a apertar minha cabeça com as pernas e a tremer. Achei que iria me enforcar então finalmente ela gozou.

— *Você é muito gostoso!* — disse ela.

— *Você também!* — eu disse.

— *Achei que seu pinto fosse maior!*

— *Como assim? Tem quase vinte centímetros* — eu disse.

— *É que vi uma fotografia sua e daquele seu namorado na internet, parece bem diferente pessoalmente.*

— *Dayana, aquilo é uma montagem, não sou eu, nem tenho quase pêlos no peito e lá eu parecia um urso.*

Eu dei uma toalha minha para ela se limpar, depois vestimos nossas roupas e saímos do quarto, primeiro eu saí, depois dei cobertura e ela saiu. Já era onze e quarenta e cinco da noite, eu estava novamente na varanda, só que sozinho, quando meu celular tocou. Primeiro era o Marcelo me desejando feliz natal, depois era um número estranho, eu atendi e, para minha surpresa era dona Vera e seu Marcos querendo me desejar também um feliz natal. Eu fiquei com vontade de perguntar do Luiz e da Bruna, mas me contive. Antes de desligar já percebi que tinha mais gente na linha, era Natália, também me desejou feliz natal e disse que quando eu voltasse me daria um presente “o que será dessa vez — pensei eu”. Quando deu meia-noite em ponto todos começaram a se abraçar lá dentro, e eu fiquei ali olhando para o nada. Minha mãe apareceu e me deu um abraço.

— *Feliz natal meu bebe!*

— *Feliz natal, mãe.*

Ela me levou para dentro e eu cumprimentei a todos, cheguei perto de Dayana e nós nos cumprimentamos como se nunca tivéssemos nos visto antes. Mas percebia claramente aquele olhar indecente dela me comendo de cima em baixo.

Depois voltei para a varanda, me senti completamente sujo e vazio, tinha acabado de transar com uma garota gostosa e mesmo assim me sentia infeliz. Olhei para baixo e pensei em me jogar, me tornar um filósofo suicida, e ir contra tudo o que a academia ensinava “O amor à vida e ao saber”.

Olhei para o celular e era meia-noite e vinte, nesse instante ele acendeu as luzes e começou a vibrar.

Meus batimentos cardíacos subiram nas alturas, então mais que depressa eu atendi.

— *Bruna, é você?*

— *Oi Chris, como você tá?*

— *Estou bem e você?*

— *Também estou bem... eu liguei pra te desejar feliz natal...*

— *Feliz natal, Bruna.*

— *Tem uma pessoa aqui querendo falar com você... advinha que é, Chris?*

— *É o Luiz, ele tá aí!*

— *Estou sim meu loirinho...*

Quando olhei para trás quase tive um troço, de tanta felicidade e surpresa. Os dois estavam ali atrás de mim. Eu pisquei para ver se não era problema nos meus olhos, mas eles continuavam ali. Eu simplesmente congelei e continuei com o celular na orelha.

— *Chris, eu vou desligar agora tá bom!* — disse a Bruna no instante que me deu um abraço.

Eu não aguentei e novamente comecei a chorar — como eu era chorão! —, o Luiz me abraçou e me deu um beijo no rosto — eu adorava aquilo —, minha mãe estava olhando lá de dentro e sorrindo, aposto que era tudo armação dela.

CAPÍTULO VINTE E SETE

ela não é linda?

Estava tão feliz que era capaz de apresentá-los como meus namorados, porém eu tinha que ter cautela, não queria provocar um enfarte no meu pai e no meu avô, apesar de que a maioria ali lia jornais e já sabiam quem era o Luiz.

Nós três entramos na casa e eu fui apresentá-los para todos que eu conhecia. Apresentei a Bruna como minha namorada e o Luiz como meu cunhado, pois na verdade éramos isso mesmo.

— *Essa é sua namorada, meu filho?* — perguntou meu avô.

— *É sim vô, ela não é linda?*

— *Muiiito meu filho, sorte sua que eu já estou velho hein, senão com certeza roubaria sua namorada.* — disse meu avô quase se matando de rir. Minha avó deu uma cutucada nele e ele parou na hora. Apresentei o Luiz para eles e minha avó ficou toda alegriinha com o beijo e o abraço que recebeu do Luiz, meu vô que não gostou muito.

Em seguida nós três fomos para o quarto e lá terminamos de rir dos meus avós. Eles aproveitaram e me entregaram os presentes que eles me trouxeram, fiquei chateado, pois como não sabia que viriam não havia comprado nada para eles. Contudo, quando abri fiquei feliz e ao mesmo tempo emocionado, era um lindo porta retrato banhado a ouro com uma foto do Luiz e da Bruna segurando uma garrafa de *Ballantines 12 years* na mão.

— *Onde vocês estavam?* — *não me lembro de ter Ballantines em nossas festas.*

— *Chris, essa foto nós tiramos uma semana antes de te conhecer, nem sabíamos ainda que um loirinho tão fofo entraria na nossa vida como você entrou* — disse a Bruna.

O segundo presente era dos seus pais, uma linda bermuda e uma camiseta e um cartão de feliz natal.

Eu peguei os embrulhos amassei e joguei debaixo da cama, os dois caíram na risada de mim. Quando eis que surge na porta a Dayana.

“*Tô ferrado!*” — imaginei.

— *Oi Christopher, não me apresenta os amigos?* — disse ela com uma cara de que tinha tomado todas.

— *É... claro...* — eu respondi — *Dayana... essa é minha namorada e meu cunhado, e pessoal, essa é a Dayana, uma amiga da nossa família.*

Logo percebi a cara que a Bruna fez, pois Dayana me comia com os olhos. Mesmo assim os três se cumprimentaram, e a Dayana ao beijar o rosto de Luiz comentou:

— *Eu vi aquela foto de vocês na internet, estavam tão fofos.*

— *Que foto?* — perguntou Bruna olhando para eu e o Luiz.

— *Você sabe... Bruna, aquelas da confusão do bar...* — eu respondi.

— *E que confusão, hein...* — falou a Dayana querendo insinuar alguma coisa.

Ela estava um pouco bêbada, ficou ali atrapalhando a gente, mas por sorte ficou quieta, o que eu não gostei nada de ver foi o Luiz olhando para as suas coxas. Não sabia o que era, mas aquela Dayana tinha as coxas mais gostosas desse mundo, na minha opinião e vejo que na de meu namorado também.

Minha mãe entrou no quarto e chamou a Bruna, queria apresentar a minha namorada para as amigas dela do condomínio. — não fui mau, mas pensei por que não leva o Luiz para apresentá-lo também. Acho que minha mãe queria limpar um pouco o estrago que o jornal fizera com nossa família pelo condomínio.

Com a Bruna fora, ficamos ali, nós três sozinhos, o Luiz não parava de encarar a Dayana, e ela estava já tão chapada que nem percebia.

— *Você tá afim, Luiz?* — eu disse olhando para a Dayana.

Ele nem precisou responder, pois eu já sabia ler os seus pensamentos. Eu me levantei e fui até a porta, verifiquei se ninguém olhava, então a tranquei.

— *Hunnn vocês são safados... do jeito que a Daya gosta...* — disse ela já se levantando e vindo me beijar.

Eu tinha acabado de comer ela, mas quando vi o Luiz chupando aqueles pezinhos eu senti um tesão fenomenal. Eu me deitei na cama enquanto ela me chupava, e o Luiz a lambia toda. Juro que o que menos me excitava era ela chupando o meu pinto, e sim o que deixou meu pau que nem uma pedra foi ver como o Luiz se deliciava com aquela buceta.

Em seguida a gente fez um sanduíche com a Dayana e estávamos quase gozando quando bateram na porta.

— *Merda!* — eu disse.

— *Quem é?* — eu perguntei.

— *Quem você acha que é?*

Putá que pariu... era a Bruna. Coloquei minha roupa rapidamente enquanto o Luiz continuava a comer a Dayana.

— *Velho, tua irmã tá aí...*

— *Chris, fala que estamos ocupados.* — disse ele gemendo em seguida.

Eu apaguei a luz e abri a porta.

— *Chris, o que vocês estão fazendo aí trancados com aquela perua?*

— *Calma Bruna, você sabe né... seu irmão tá um pouco ocupado agora...*

Ela entendeu o pouco ocupado, mesmo assim estava com cara de poucos amigos.

— *Mas e você, tava ajudando ele, Chris?*

— *Amor, você sabe que você é a única mulher do mundo pra mim, não precisa ficar com ciúmes.*

Eu saí para o corredor e tranquei a porta do lado de fora, pois alguém poderia encontrá-los transando ali no meu quarto, aí a “porca entortaria o rabo” mesmo.

Levei a Bruna para dar uma volta pelo condomínio, fomos abraçados, assim talvez eu limpasse um pouco a vergonha dos meus pais.

— *Chris, eu sei que você é homem, e que adora sexo mais do que tudo, mas você tem que se controlar.*

— *Mas...*

— *Chris não tem mais... Se eu fosse uma namorada possessiva você não teria mais pinto pra fazer suas brincadeiras.*

Eu percebi que ela estava certa, resolvi seguir o seu conselho, mas tomara que não aparecesse na minha frente um par de coxas e pés como da Dayana, senão não sei se resistiria.

Eu e a Bruna sentamos num banquinho e ficamos olhando para todos os apartamentos, vimos as festas de muitas famílias.

- *Bruna, você casaria comigo um dia?*
- *Depende, Chris!*
- *De quê, Bruna?*
- *Você tem que parar de ficar com todas as meninas que aparece na sua frente.*
- *Tudo bem, juro que vou tentar...*
- *Mas e o Luiz... o que faremos com ele, Chris?*
- *Essa é uma pergunta difícil de responder!*
- *Posso te dar um beijo?*
- *Não!*
- *Por que não?*
- *Você não tava lambendo aquela putinha... Não quero beijar sua boca e sentir o gosto da xana dela... eu tenho modos, Chris, apesar de não parecer.*

Bruna atendeu o celular e começou a rir.

- *Chris, você trancou eles lá no quarto?*

CAPÍTULO VINTE E OITO

nós quatro?

Logo depois do natal nós três fomos passar uma semana em Praia de Leste, ficamos num apartamento que nós alugamos à beira da praia. Estávamos tão bem juntos que nem pensávamos muito em sexo, e sim em curtir cada minuto daqueles dias maravilhosos. No último dia do ano a Bruna foi até a farmácia fazer umas compras para ela, então eu e o Luiz aproveitamos pra tirar o atraso. Quando a Bruna voltou, ela nos surpreendeu, trouxe uma revista gay que tinha um jogador de futebol só de cueca na capa e do lado uma nota escrito “Entrevista exclusiva com o casal gay Christopher e Luiz: uma lição de vida” — Para nossa surpresa havia nossa foto na capa, bem pequena, mas havia. Perguntei para a Bruna se poderíamos processá-los, pois no contrato não aceitamos expor fotografias, ela disse que poder podia, mas que nem compensava, pois nós dois estávamos lindos na foto. Eu e o Luiz concordamos e beijamos o rosto da Bruna, um em cada bochecha. Eu e o Luiz ficamos folheando a revista para ver se a entrevista não tinha sido alterada.

A Bruna entrou no banheiro e depois quando saiu estava totalmente mudada, perguntamos o que havia acontecido, mas ela não disse nada, apenas foi para o quarto e lá se trancou até umas quatro da tarde. Depois saiu e perguntou se iríamos para a praia com ela.

O Luiz olhou pra mim e disse:

— *Mulheres... quem entende... por isso eu só gosto de homens agora.*

A gente se arrumou, comemos um lanche com guaraná e saímos para a praia por volta das cinco da tarde.

— *Chris... quando estivermos na praia... com quem você prefere andar de mãos dadas... comigo que sou peludo e feio... ou com minha irmã que é uma tremenda gata?*

Eu e a Bruna rimos do que o Luiz falou...

— *Claro que prefiro sua irmã... pega mal dois marmanjos ficarem andando de mãos dadas na praia.* — eu respondi.

Quando chegamos à beira do mar, a Bruna foi ao meio de nós dois, então nós três andamos de mãos dadas. Algumas pessoas olhavam e achavam que eu e o Luiz éramos namorados da Bruna, mas eles não sabiam que na verdade eu era namorado dos dois.

A gente andou pela praia até nossos pés começarem a doer, a Bruna pegou uma estrela do mar e jogou nas costas do Luiz, ele gritou como se fosse uma menina e saiu correndo.

— *Pô Luiz, achei que você fosse homem cara!* — eu gritei.

Ele veio correndo na nossa direção, então eu e a Bruna saímos correndo dele. Ninguém entendia o que estava acontecendo, só nós mesmos nos entendíamos. Quando o sol estava quase se pondo nós ficamos encostados nas pedras que haviam ali na praia. De lá a gente via o pessoal montando as baterias de fogos de artifício para o reveillon. O Luiz deixou eu e a Bruna e disse que voltaria num instante. Mas ele demorou pra voltar, enquanto isso eu e a Bruna aproveitava para dar uns beijos.

Quando ele voltou pegou a gente no flagra.

— *Eu não estou vendo isso não...* — disse ele tapando os olhos e nos entregando um pote gigantesco de sorvete.

— *Luiz você é louco, não vamos conseguir chupar tudo esse sorvete...*

— *Sou louco sim, Chris... louco por vocês...*

A gente ficou chupando o sorvete até não aguentar mais, o sol já estava bem vermelho e as estrelas começavam a aparecer no céu.

— *Por que vocês voltaram?* — eu perguntei.

Os dois me abraçaram, eu estava no meio.

— *Acho que nós sentimos sua falta...* — disse o Luiz.

— *Eu já tenho outros motivos* — disse a Bruna.

— *Ah é, e quais são, Bruna?* — eu perguntei.

Ela ficou quieta olhando apenas para o horizonte, eu e o Luiz encostamos nas pedras e fizemos o mesmo. Lá longe a gente viu um gigantesco navio indo para vai saber onde...

— *Acho que seria legal se um dia a gente fizesse um cruzeiro, só nós três...* — eu disse.

— *Nós quatro, você quer dizer...* — disse a Bruna.

— *Por que nós quatro, Bruna?* — perguntamos pra ela.

– *Eu estou grávida!*

– *Grávida???* – eu perguntei surpreso e assustado.

– *Sim, fiz o exame da farmácia hoje, e deu positivo...* – silêncio – *e o filho é seu, Chris.*

– *Por isso que eu não gosto de transar com garotas, elas engravidam* – disse Luiz rindo de mim.

– *Tá rindo de que, Luiz? Você vai ser titio...* – eu disse ainda abalado.

– *Antes tio do que pai!...* – disse o Luiz rindo enquanto eu abraçava a Bruna... e nós quatro ficamos ali curtindo aquele momento mágico...

DADOS DA LICENÇA CREATIVE COMMONS

```
<a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/"></a><br /><span xmlns:dc="http://purl.org/dc/elements/1.1/" href="http://purl.org/dc/dcmitype/Text" property="dc:title" rel="dc:type">O curioso caso dos quatro</span> by <a xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#" href="http://www.4shared.com/file/158867435/1a1bb4b4/O_Curioso_Caso_dos_Quatro.html?s=1" property="cc:attributionName" rel="cc:attributionURL">Maikon Patrick Garcia</a> is licensed under a <a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/">Creative Commons Atribui&#231;&#227;o-Us&#231;&#227;o-Comercial-Vedada a Cria&#231;&#227;o de Obras Derivadas 3.0 Brasil License</a>.<br />Based on a work at <a xmlns:dc="http://purl.org/dc/elements/1.1/" href="http://curiosocasodos4.blogspot.com/" rel="dc:source">curiosocasodos4.blogspot.com</a>.
```

PERSONAGENS DO LIVRO

Christopher / William = 20 anos
Bruna = 21 anos
Luiz = 22 anos
Natália = 19 anos
Marcelo = 25 anos
Michele = 29 anos
Amanda = 17 anos
Caroline = 23 anos
Pâmela = 18 anos
Mãe Mercedes = Cartomante
Ana Carla = Convidada do natal
Dayana = Convidada do natal
Giovane = Amigo de infância de Chris
Gomes = Pai de Chris
Julia = Mãe de Chris
Karina = Psicóloga
Bianca = Menina do bate-papo
Aryane = Garota de programa
Sr. Marcos = Pai de Luiz e Bruna
Sra. Vera = Mãe de Luiz e Bruna
Eduardo = Professor
Maria Rita = Professora
Estevão = Professor
Sr. Domingos = Porteiro
Sg. Douglas = Policial
Henrique = Irmão de Caroline
Carla = Vendedora
Alan = Bate-Papo
Seu Francisco e dona Cândida = Avós de Chris
Salvador = Pai de Ana Carla.
Boi = Maconheiro
Junior = Amigo de infância de Luiz e Bruna
Janáina = Amiga de Chris
Jane = Irmã de Janáina

Personagens Sem nomes

Trinta e oito mulheres da despedida de solteira
Dois repórteres
Dois flanelinhas
Um entregador de pizza

Leia também, do mesmo autor, o livro *O Dia em que Todos Desapareceram*.

contatos com o autor: maikon.garcia@hotmail.com
maikon_patrick@sercomtel.com.br
nokiam_2006@yahoo.com.br

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)